



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JOSÉ NEY DO NASCIMENTO SANTOS

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ESPORTE PRATICADO
POR INDÍGENAS**

**Salvador
2015**

JOSÉ NEY DO NASCIMENTO SANTOS

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ESPORTE PRATICADO
POR INDÍGENAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutor.

Orientador: Prof. Doutor Miguel Angel Garcia Bordas

**Salvador
2015**

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Santos, José Ney do Nascimento.

Representação social de esporte praticado por indígenas [recurso eletrônico] / José Ney do Nascimento Santos. – 2015.

1 CD-ROM ; 4 ¾ pol.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Angel Garcia Bordas.

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação,
Salvador, 2015.

1. Esportes. 2. Índios – Jogos. 3. Representações sociais. 4. Competição (Esporte). 5. Esportes e Estado. I. Bordas, Miguel Angel Garcia. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 796 - 23. ed.

JOSÉ NEY DO NASCIMENTO SANTOS

REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE ESPORTE PRATICADO POR INDÍGENAS.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutor.

Salvador, 7 de maio 2015.

Banca Examinadora

Admilson Santos

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2004)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Fábio Zoboli

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2007)
Universidade Federal de Sergipe (UFSE)

João Danilo Batista de Oliveira)

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (2011)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Maria Cecília de Paula Silva

Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho (2003)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Miguel Angel García Bordas – Orientador

Doutor em Filosofia pelo Universidad Complutense de Madrid, Espanha (1976)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Aos meus pais

Nelson Santos (*in memoriam*) e Regina Santos, pela criação para a vida.

A Zaida, pela companhia e cumplicidade como esposa.

Aos meus filhos Mariana e Lucas, razão da busca incessante de transmitir valores de cidadania responsável.

A minha irmã Alice Angélica (*in memoriam*), pelas lições transmitidas com o seu silêncio.

Ao meu irmão Nelson pelos ensinamentos através da sua visão de mundo.

A Ailton, Ana Lúcia, Dinalva, Eliaci, Mara, Maria Emília e Rejane, pelo convívio e o sentido amplo de solidariedade.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um gesto de reconhecimento por tudo de bom, e também ruim, que a existência nos propicia, e que resulta em experiência de vida.

Os agradecimentos a seguir não se limitam aos apoios recebidos para a construção desta Tese, eles serão dirigidos a muitos dos que participaram da minha trajetória de vida, que me conduziu a este trabalho.

Além de agradecer aos meus pais, irmãos, esposa e filhos, agradeço aos meus familiares que trilharam comigo as estradas da vida, e foram decisivos nas escolhas das rotas.

Agradeço as professoras Letícia, Eronildes (Tia Eró), Maria José (Zete), Costa e Noêmia Guerreiro, pelas primeiras lições.

Agradeço aos Professores Ederlinda Guimarães, Geraldo Andrade, José Vicente, Maria Helena, Raimunda Alcântara, Silvia Fontes, pelas lições de vida.

Eterna gratidão aos Mestres Alcyr Ferraro e Fernando Chagas (*in memoriam*), a Francisco Pessoa, Miguel Bordas e Nelson Cadena, pelas oportunidades dadas. Agradecimento especial a Admilson Santos, Ana Christina Rhem, César Leiro, Dante Montal, Débora Carla, Domingos Pataxó (Samingo), Elias Dourado, Enrique Carlos, Fábio Zóboli, Fernando Reis, João Danilo, Juari Pataxó, Karkaju Pataxó, Kelly Pataxó, Marcos Terena, Meire Góes, Maria Amélia Ramon, Maria Cecília de Paula, Raimundo Nonato (Bobô), Romilson Augusto, Rivelino Macuxi, Sinval Vieira, pelo incentivo constante.

Agradecimentos a Adilson de Jesus, Almir Pinto, Antenor Abreu (*in memoriam*), Antônia Nascimento, Antônio Brito (*in memoriam*), Antônio Fernando, Antônio Luis Bahia, Audival Júnior, Auxiliadora Bandeira, Beleni Grando, Cacilda Souza, Carla Hanhoester, Carlos André, Carlos Gouveia, Celi Taffarell, Charles Leahy, Cristina Madeira, Disalda Leite, Dival Pergentino (*in memoriam*), Eduarda de Paula, Eldebrando Pires, Eliete Souza, Evanice Souza, Evilásio Pita, Fátima Ribeiro, Fátima Sento Sé, Geraldo Cardoso, Gerson Figueredo, Gilmário Madureira, Gilson George, Hildebrando Patriarca, Hélio Campos, Helma Mororó, Ianira Souza, Ilka de Jesus, Jaime Pinheiro (*in memoriam*), Jorge Eduardo, Jorge Oliveira, Jorge Tadeu, José Carlos (Gugu), Kátia Oliveira, Juari Pataxó, Juliana Saneto, Karkaju Pataxó, Lázaro Jorge, Louro Pataxó, Lucinaldo Nascimento, Luis Bernardes, Luis Carlos,

Luis de Jesus (*in memoriam*), Luis Vítor, Magali Brandão, Marconi Souza, Marcos Souza, Marcos Napoleão, Maria Elisa Lemos, Maurício Castro, Maurício Nery, Miguel Carneiro, Newton Miranda, Nixon Fernandes, Orlando Leite (*in memoriam*), Otacílio Souza, Regina Marchesi, Roberto Colavolpe, Roberto Farias (*in memoriam*), Roberto Koch, Rosemary Silva, Rosângela Paixão, Rui Mendes, Sérgio Silva, Stela Maris, Silvana Salomão, Sinval Vieira, Siomara Vitorino, Sônia Pacheco, Tarcísio Lima (*in memoriam*), Terezinha Moura, Valéria Lordêlo.

SANTOS, José Ney do Nascimento. **Representação social de esporte praticado por indígenas**. 2015. 135 f. il. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RESUMO

Esta investigação tem como objetivo mapear o campo de atuação esportiva no qual estão envolvidos indivíduos pertencentes a várias etnias indígenas e analisar, à luz da representação social, o significado da prática de esporte. Levaram-se em consideração os elementos que os grupos concebem como centrais no que se refere: a) ao que pensam sobre a prática esportiva; b) como praticam o esporte; c) como gostariam que fosse a prática esportiva e o que esperam dos resultados dessa prática; d) identificação da trajetória na busca da condição de herói por parte do índio praticante de esporte; e) construção do núcleo de representação do índio praticante de esporte. O presente estudo se insere no Núcleo Temático Linguagem, Desenvolvimento e Ação Pedagógica. Tem natureza qualitativa e característica de estudo descritivo. Face à complexidade do tema, foram adotadas estratégias metodológicas pluri-referenciadas, com o intuito de conhecer a realidade, mediante a análise do conteúdo das entrevistas realizadas com 15 indígenas praticantes de esporte e com um que gestiona a entidade esportiva e os jogos indígenas. Buscou-se entender a associação de ideias com as palavras esporte, competição, celebração e representação, a fim de buscar sentidos não explicitados quando das entrevistas. Analisaram-se publicações acadêmicas e jornais referentes à prática de esporte por indígenas. A análise permitiu chegar a constatações sobre o significado da vitória na prática de esporte para essa comunidade e sobre a representação social das diferentes modalidades. O estudo comprova mudanças no significado da celebração nas práticas esportivas e o crescente processo de busca da vitória, resultante da “esportivização” das comunidades indígenas.

Palavras-Chave: Esporte. Indígenas. Competição. Celebração. Representação.

SANTOS, José Ney do Nascimento. **Social representation of sport practiced by indigenous people**. 2015. 135 s. Thesis (Ph.D.) - Faculty of Education, Federal University of Bahia, Salvador.

ABSTRACT

This research aims to map the sports playing field in which individuals belonging to various indigenous ethnic groups are involved and examine, in the light of social representation, the meaning of sports practice. The elements that those groups considered as central have been taken into account, such as: a) what they think about the practice of sports; b) how they practice sports; c) how they would like the practice of sports were and what they expect from the results of this practice; d) the identification of the trajectory in the pursuit of the hero status by the indigenous sports practitioner; e) construction of the Indigenous Sport Practitioner Representation Center. This study is part of the Thematic Center: Language, Development and Educational Action, which has got qualitative, descriptive study features. Given the complexity of the issue multi-referenced methodological strategies were adopted in order to know the reality, by analyzing the content of the interviews with 15 indigenous sport practitioners and one that manages the sports organization and the indigenous games. It has been sought to understand the association of ideas with the words sport, competition, celebration and representation in order to pursue non-explicit meanings when the interviews were carried. Academic journals and papers relating to the practice of sport by indigenous people have been analyzed. The analysis allowed to reach findings on the significance of victory in sports practice for this community and on the social representation of the different modalities. The study proves changes in the meaning of the celebration in sports and the growing search of victory, the as a result of the "sportivization" of indigenous communities.

Keywords: Sport. Indigenous. Competition. Celebration. Representation.

SANTOS, José Ney do Nascimento. **Representación social del deporte practicado en el ámbito indígena**. 2015. 135 h. Tesis (Doctorado) - Facultad de Educación, Universidad Federal de Bahía, Salvador.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo mapear el ámbito de actuación deportiva en lo cual individuos pertenecientes a distintas etnias indígenas se involucran, teniendo en cuenta analizar, bajo los conceptos de la representación social, el significado de la práctica de deporte. Se consideran digno de atención los elementos que los grupos perciben como centrales en lo que respecta: a) a lo que piensan sobre la práctica deportiva; b) cómo se practica el deporte; c) cómo les gustaría que fuera la práctica deportiva y qué se espera de los resultados de dicha práctica; d) identificación del trayecto hacia la búsqueda de la condición de héroe por parte de los indios que practican el deporte; e) construcción del núcleo de representación de los indios que practican el deporte. Se insiere dicho estudio en el Núcleo Temático Lenguaje, Desarrollo y Acción Pedagógica. Se caracteriza por su naturaleza cualitativa y descriptiva. Ante la complejidad del tema, se adoptaron estrategias metodológicas pluri-referenciales para conocer a la realidad a través del análisis del contenido de las encuestas llevadas a cabo con 15 indios que practican deporte y con uno que gestiona la entidad deportiva y los juegos indígenas. Además, se buscó el sentido respecto a la asociación de ideas existente entre las palabras deporte, competición, celebración y representación, teniendo en cuenta conocer los sentidos no expresos en las encuestas. Se analizaron publicaciones académicas y periódicos acerca de la práctica de deporte por parte de dichos individuos. El análisis llevó a constataciones acerca del significado de la victoria en la práctica del deporte por parte de los indios y de la representación social de las distintas modalidades deportivas. El presente estudio comprueba cambios en el significado de la celebración en las prácticas deportivas y el creciente proceso de búsqueda de la victoria, como resultado de la “deportivización” de las comunidades indígenas.

Palabras-clave: Deporte. Indios. Competición. Celebración. Representación.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEEL	Conselho Estadual de Esporte e Lazer
DEF	Departamento de Educação Física
EPT	Esporte Para Todos
FACED	Faculdade de Educação
FBDA	Federação Baiana de Desportos Aquáticos
FBAt	Federação Bahiana de Atletismo
FOPPELIN	Fórum Nacional de Políticas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INDESP	Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto
ITC	Intertribal Memória e Ciência Indígena
MIBA	Movimento de Indígenas da Bahia
MUPOIBA	Movimento Unido dos Povos Indígenas da Bahia
SAEB	Secretaria de Administração do Estado da Bahia
SEDES	Secretaria do Desenvolvimento Social
SEFAZ	Secretaria da Fazenda
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SJCDH	Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos
SNELIS	Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social
SETRE	Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte
SUDESB	Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia
UCSAL	Universidade Católica do Salvador
UFBA	Universidade Federal da Bahia

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Canibalismo.....	29
Quadro 1	Etnias existentes no Brasil.....	30
Mapa 1	Povos Indígenas no Estado da Bahia em 2012	36
Figura 2	Oca.....	37
Figura 3	Maloca.....	38
Figura 4	Taba.....	38
Figura 5	Tapera.....	39
Figura 6	Opy.....	39
Figura 7	Atletismo indígena.....	41
Figura 8	Arco e Flecha.....	42
Figura 9	Flechas.....	42
Figura 10	Arremesso de Lança.....	43
Figura 11	Cabo de Força.....	43
Figura 12	Canoagem.....	44
Figura 13	Corrida da Tora.....	45
Figura 14	Futebol.....	45
Figura 15	Natação.....	46
Figura 16	Zarabatana.....	46
Figura 17	Corrida do Maracá.....	47
Figura 18	AIPENKUIT.....	48
Figura 19	HUKA-HUKA.....	48
Figura 20	IDJASSÚ.....	49
Figura 21	JÃMPARTI.....	50
Figura 22	RONKRÃ.....	52
Figura 23	XIKUNAHATY.....	52

Figura 24	Bola do Xikunahity.....	53
Quadro 2	O que é esporte? o que é jogo? respostas individuais.....	97
Quadro 3	Sob a ótica da competição.....	101
Quadro 4	Sob a ótica da celebração.....	102
Figura 25	Macrocampo Esporte e Lazer.....	112
Quadro 5	Esporte da Escola – Exercício 2014.....	113
Quadro 6	Esporte da Escola – Escolas Indígenas.....	113
Mapa 2	Projeto de Esporte Lazer e Comunidade Indígenas.....	114
Foto 1	Atletas Indígenas de Alto Rendimento da Modalidade.....	118
Foto 2	Ney Santos (UFBA/SUDESB) e Drean Braga – Etnia Kambeba /AM Atleta de Tiro com Arco.....	118
Foto 3	VIII Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro.....	120
Foto 4	VIII Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro.....	120
Foto 5	XII Jogos Nacionais dos Povos Indígenas, Cuiabá, MT, 2013.....	124
Foto 6	XII Jogos Nacionais dos Povos Indígenas – Cuiabá, MT - 2013....	124
Foto 7	1º Fórum Nacional de Políticas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas (FOPPELIN).....	127

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	O PROBLEMA.....	18
1.2	OBJETO DE ESTUDO.....	18
1.3	OBJETIVO.....	19
1.4	RELEVÂNCIA.....	19
1.5	ESTRUTURA DA TESE.....	20
2	INDÍGENAS NO BRASIL: ABORDAGEM HISTÓRICA	25
2.1	A SOCIEDADE INDÍGENA NA ÉPOCA DA CHEGADA DOS PORTUGUESES.....	25
2.2	A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS ÍNDIOS.....	27
2.3	RITUAIS.....	27
2.4	DADOS DEMOGRÁFICOS DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL.....	29
2.4.1	Etnias existentes no Brasil	30
2.4.2	Principais dados da população indígena brasileira atual	34
2.4.3	Povos indígenas do Estado da Bahia	35
2.4.4	Tipos de habitações indígenas	37
2.5	MODALIDADES ESPORTIVAS PRATICADAS POR INDÍGENAS NO BRASIL.....	39
2.5.1	Modalidades dos jogos indígenas: integração e demonstração	40
2.5.1.1	<i>Integração</i>	40
2.5.1.2	<i>Demonstração</i>	47
2.5.2	Modalidades específicas de algumas etnias	49
3	REPRESENTAÇÃO SOCIAL	55
3.1	PROCESSOS DE FORMAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	61
3.2	AS FUNÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	62
3.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE OS 4 PILARES DA EDUCAÇÃO.....	65
3.3.1	Aprender a Conhecer	66
3.3.2	Aprender a Fazer	66
3.3.3	Aprender a Viver	66
3.3.4	Aprender a Ser	66
3.4	A CARTA DA TERRA.....	66
3.5	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	68
3.6	SÍNTESE DOS CONTEÚDOS.....	96
3.7	ORDENAMENTO DE ELEMENTOS E ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS.....	106
4	A EDUCAÇÃO INDÍGENA	108
4.1	ESPORTE DA ESCOLA.....	110
5	A ESPORTIVIZAÇÃO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS	115
5.1	O ESPORTE INDÍGENA COMO OBJETO DE ESTUDO.....	116
5.2	ESPORTE INDÍGENA DE ALTO RENDIMENTO.....	117
5.3	JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS.....	119

5.3.1	Jogos Indígenas Pataxó.....	119
5.3.2	Jogos Nacionais dos Povos Indígenas.....	121
5.3.3	1º Jogos Mundiais dos Povos Indígenas.....	125
5.3.4	1º Fórum de Políticas Públicas de Esporte e Lazer Indígenas (FOPPELIN).....	126
6	CONCLUSÃO.....	128
	REFERÊNCIAS.....	130

1 INTRODUÇÃO

Esta tese reflete minha trajetória no campo da Educação, Esporte e o Lazer, e me remete um novo começo, ao instigar a busca de novos significados.

No que tange a minhas vivências com os povos indígenas, elas remontam ao ano de 1999 em visita a Coroa Vermelha para identificação de local para realização de uma prova de Maratona Aquática, tomei conhecimento da realização dos Jogos Indígenas, pela Escola Indígena da Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, município de Santa Cruz de Cabrália, no extremo sul da Bahia, uma iniciativa de um grupo de indígenas comprometidos com a preservação da cultura Pataxó.

Em 2000 estivemos em Coroa Vermelha, Santa Cruz de Cabrália, e Porto Seguro, para participar dos festejos dos 500 anos do Descobrimento, marcando a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral, e realizar uma prova de Maratona Aquática em Coroa Vermelha. Na ocasião visitamos a Aldeia que fora montada para abrigar parte dos indígenas das diversas etnias existentes no país, que vieram comemorar os 500 anos e mantivemos contato com alguns deles, aproveitando a oportunidade única de conhecer representantes de tantas etnias, de distantes locais, a exemplo do Amazonas, Xingu, Roraima e outros tantos.

Pena que medidas autoritárias, adotadas por pessoas sem a devida qualificação para traçar estratégias de segurança para lidar com multidões, acabaram em conflitos que poderiam ser evitados se executassem o planejamento elaborado pela equipe de Segurança do Estado da Bahia e deixassem a cargo deles a execução.

As cenas que circularam pelo mundo, através dos veículos de mídia, expondo o conflito da Polícia Militar da Bahia com pouco mais de uma centena de indígenas e não indígenas, que participavam das comemorações dos 500 anos, embotaram a imagem da PM baiana, entretanto, refletiram a falta de competência e humildade por parte do pessoal ligado a Presidência da República, que ignorou o planejamento feito pela PM da Bahia, e acabou expondo a tropa num conflito que jamais teria existido, se as ações de prevenção tivessem ficado a cargo dos Oficiais da PM baiana que se encontravam na área. Afinal tinham a expertise de coordenarem um evento que reúne mais de um milhão de pessoas, a exemplo do Carnaval de

Salvador, com baixo índice de violência.

Em 2004, quando estávamos em Brasília participando da 1ª Conferência Nacional do Esporte, tivemos contato pessoas que estavam tratando dos preparativos para a VII edição dos Jogos Nacionais dos Povos Indígenas, previsto para serem realizados em Coroa Vermelha – Santa Cruz de Cabrália, apesar de divulgados e constar da programação como Porto Seguro. Não participamos dos VII Jogos Nacionais dos Povos Indígenas, mas acompanhamos parte dos preparativos e tomamos conhecimento dos muitos problemas estruturais e operacionais, que comprometeram a imagem do Estado da Bahia como organizador.

Em 2007 fomos procurados por lideranças indígenas da aldeia Pataxó de Coroa Vermelha, liderados por Kely Cristina e Domingos (Samingo), que solicitaram apoio para a realização dos Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha, e a partir desse contato, levamos a proposta ao então Diretor Geral da Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (SUDESB), Raimundo Nonato Tavares da Silva (Bobô), ex-atleta do Futebol profissional, e um dos maiores ídolos da história do futebol baiano, que abraçou a causa, assegurou o apoio aos Jogos, e nos autorizou a sermos a partir de então, elo de ligação entre a SUDESB e os povos indígenas da Bahia, assim como recomendou que desenvolvêssemos outras iniciativas voltadas para o esporte e o lazer junto aos povos indígenas baianos.

Com o apoio da SUDESB, que é uma Autarquia ligada a Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE), com a finalidade de promover o fomento ao desporto, o paradesporto e lazer no Estado da Bahia, estreitamos os contatos com a comunidade Pataxó de Coroa Vermelha e com outras comunidades de municípios como Porto Seguro, Prado, os Pataxó Hã Hã Hãe, de Pau Brasil, além de contatos com lideranças Kiriri, de Banzaê e Tuxá de Rodelas.

A partir de 2007 tivemos participação ativa no processo de organização dos Jogos Indígenas Pataxó da Coroa Vermelha e também de Porto Seguro, nos limitando ao apoio institucional do Governo do Estado através da SUDESB, sem, contudo, ingerirmos em qualquer ação que tratasse dos aspectos ligados a cultura dos povos envolvidos, por entendermos que os Jogos devem ser organizados e dirigidos por indígenas.

O acompanhamento dos Jogos de Coroa Vermelha e de Porto Seguro, nos

levaram a discutir com as lideranças indígenas de Coroa Vermelha, a possibilidade de implantação na aldeia Pataxó de Coroa, de um Polo do Projeto de Iniciação Desportiva que a SUDESB vem implementando com grande sucesso, dado ao cunho social e educacional.

No caso específico dos Pataxó, seria implantado o primeiro Polo de Iniciação Desportiva numa comunidade indígena, e teria como diferencial o fato de trabalhar com as modalidades tradicionais, e a elas serem agregadas duas modalidades não tradicionais, de escolha da comunidade Pataxó.

A experiência pioneira na Bahia, contou com a parceria do Instituto Tribos Jovens, uma organização com vasto conhecimento e experiência na execução de projetos envolvendo comunidades indígenas, sobretudo do Sul e Extremo Sul da Bahia, e foram implantados três Polos Experimentais cujo êxito levou a SUDESB a expandir para a comunidade Pataxó Hã Hã Hãe de Pau Brasil, atendo a aldeia Catarina Paraguassu. Essa experiência será inserida nas Políticas Estaduais de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas, e replicada para todas as etnias, buscando atender aos maior número de aldeias existentes no Estado da Bahia.

A aproximação com os Pataxós, o conhecimento de suas carências, sobretudo nas áreas do esporte e do lazer, a visão que têm de esporte e de jogo, foram determinantes para que direcionássemos nossos estudos de Doutorado para a construção de uma Tese sobre a representação social do esporte praticado por indígenas.

Durante o processo de construção da Tese fomos brindados, em 2013, com a criação, pelo Ministro do Esporte, da Coordenação de Assuntos de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas, cargo ocupado por um indígena com vasto conhecimento da realidade dos povos indígenas no país.

A criação da Coordenação de Assuntos de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas levou seu coordenador a idealizar o 1º Fórum de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas, evento que teve sua organização a cargo da Universidade Federal de Mato Grosso, sob a coordenação da Profa. Dra. Beleni Grando Saléte, uma das maiores conhecedoras da área no mundo.

A oportunidade de participar do processo de elaboração e da execução do citado Fórum, que aconteceu de 7 a 11 de abril de 2015, em Cuiabá, MT, que contou

com a participação de mais de 300 (trezentas) lideranças indígenas dos 27 estados brasileiros, além de representantes de Instituições de Ensino Superior, Ministérios, Câmara dos Deputados, e Governos Estaduais, foi de grande importância para a consecução da proposta desta Tese.

A gama de experiências vivenciadas como docente, como gestor e colaborador me motiva a continuar na busca pela ampliação dos conhecimentos, melhoria da qualificação profissional e habilidades, com vistas a colaborar ainda mais para a melhoria da Educação no país, sobretudo a Educação pública, em cujo contexto a Educação Física está inserida. Em específico e para este trabalho doutoral o esporte indígena foi o tema escolhido.

A escolha do esporte indígena não se dá ao acaso. De uma variedade de possibilidades de investigação do fenômeno esportivo, escolhemos tratar de aspectos relativos ao esporte indígena no Brasil. Esta escolha deveu-se ao entendimento de que se o esporte é um fenômeno complexo e amplo, que invade atualmente todos os espaços do planeta, inclusive nas comunidades indígenas. Ao adentrarmos o espaço territorial e cultural indígena, com inúmeras especificidades e diferenciações nas formas de viver e se relacionar, com uma estrutura social diferenciada da lógica social brasileira hegemônica, constatamos que há uma série de peculiaridades necessárias de serem registradas e analisadas.

1.1 O PROBLEMA

Como este fenômeno social atual – o esporte - que invade todos os recantos do planeta, chega às aldeias e comunidades indígenas? Como este esporte é tratado política pública no início do século XX?

1.2 OBJETO DE ESTUDO

O esporte indígena é o objeto de estudo e foi analisado a partir das representações sociais, na intenção de contribuir para um melhor entendimento do significado do esporte e jogo para os povos indígenas.

A teoria das representações sociais tem sua origem através do francês Serge

Moscovici, que em 1961 publicou *La psychanalyse, sonimage et sonpublic*, traduzido para o português como *A psicanálise*.

A teoria das representações sociais “[...] questiona ao invés de adaptar-se e [...] busca o novo, lá mesmo onde o peso hegemônico do tradicional impõe as suas contradições”. (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1995, p.17)

A teoria conduz um novo olhar aos objetos a que se propõe compreender, traz à tona elementos importantes para compreensão das construções sociais, além de preencher lacunas abertas pela chamada crise dos paradigmas (DOMINGOS SOBRINHO, 1998), contribuindo ainda para a formulação de novas hipóteses, sobre os vários problemas presentes na sociedade contemporânea.

1.3 OBJETIVO

Analisar, através da representação social, o significado do esporte praticado por indígenas a partir dos conceitos de alguns integrantes de etnias sobre: a) O que é Esporte? O que é Jogo? b) Qual é a diferença entre o esporte que é praticado pelos indígenas e o esporte praticado pelos não índios? c) O que você busca através do esporte? d) Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena? e) Se você for Ministro do Esporte, o que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

1.4 RELEVÂNCIA

Entendemos que a relevância desse estudo situa-se na contribuição que emprestará para o enriquecimento das discussões acerca do significado e a ressignificação da prática de esporte por comunidades indígenas, a partir da análise das representações sociais dessa prática pelos indígenas.

Para um melhor entendimento dos significados para os Povos Indígenas da prática dos esportes e jogos, a *Declaração das Nações Unidas sobre o direito dos povos indígenas* (NAÇÕES UNIDAS, 2008, p. 15, grifo nosso) afirma em seu Art. 31, que:

1. Os povos indígenas têm direito a manter, controlar, proteger e desenvolver seu patrimônio cultural, seus conhecimentos tradicionais, suas expressões culturais tradicionais e as manifestações das suas ciências, tecnologias e culturas compreendidos os recursos humanos e genéticos, as sementes, os medicamentos, o conhecimento das propriedades da fauna e da flora as tradições orais, as literaturas, os desenhos, **os esportes e jogos tradicionais** e as artes visuais e interpretativas [...]
2. Em conjunto com os povos indígenas os Estados adotarão medidas eficazes para reconhecer e proteger o exercício destes direitos.

Para Bourdieu (1990, p. 32), a partir do conceito de habitus, o campo esportivo, composto por estruturas próprias, estabelece uma relação dialética entre o sistema esportivo (instituições) e o sistema de preferências de cada grupo social, ou seja, o espaço de práticas esportivas depende do grupo social e da escolha de seus praticantes, à semelhança das instituições que são responsáveis por seu funcionamento. Quando realizado, o esporte carrega em seu bojo estruturas que influenciam os sentidos e significados atribuídos por determinados atores sociais. Com efeito, ou sofre uma ressignificação ou nele se reproduz a estrutura social.

1.5 ESTRUTURA DA TESE

A presente pesquisa está estruturada em cinco capítulos, incluindo esta Introdução, que tratam do tema no que se refere à representação social do esporte praticado pelos indígenas foi organizada a partir da realidade imaginada, a construção do símbolo, marcando a necessidade, atualidade e relevância deste estudo.

Objetivou-se mapear o campo de representação social no esporte praticado pelos indígenas, analisando, à luz da representação social, o significado da prática esportiva, a partir dos conceitos dos indígenas.

Optou-se pela entrevista como instrumento de trabalho. O trajeto para chegar ao objeto foi apresentado a partir do problema, transformado em questões que orientaram o estudo.

Inicia com a centralidade do tema - o conhecimento das representações sociais e sua contribuição para um melhor entendimento do significado do esporte e do jogo para os indígenas. Apresenta para isso algumas indagações: competição, exposição, integração, comunicação, preservação da cultura, celebração, que se transformam em cinco questões de pesquisa, desenvolvidas ao longo da investigação: 1ª - Para você, o que é esporte? e o que é jogo? 2ª - Qual é a diferença entre o esporte que é praticado pelos indígenas e o esporte praticado pelos não índios? 3ª - O que você busca através do esporte? 4ª - Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena? 5ª - Se você for Ministro(a) do Esporte, o que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

O estudo trilha um percurso em torno da atualidade e relevância da questão indígena no Brasil hoje, desde o número, etnias, distribuição espacial e territorial (regiões do Brasil), as etnias no Estado da Bahia hoje existentes. Para o IBGE, 2010, existem 21 etnias, 138 comunidades distribuídas em 33 municípios e constituindo-se em 11 territórios de identidade, num total aproximado de 30.000 indígenas (8.729 famílias).

A questão educacional, passando pela escolarização e alfabetização do povo indígena na língua portuguesa, para além da sua língua natal, entre outras.

A partir dessa discussão, apresentamos um itinerário teórico e metodológico escolhido para a viagem pelas representações dos indígenas sobre o esporte, bem como a cultura indígena e suas formas de vida e compreensão de mundo, historicamente retratados. Importa destacar a amplitude de perspectiva proposta, de caráter descritivo, a respeito da vida dos povos originários de nosso território e tão omitido em nossa bagagem histórica e cultural.

O estudo nos oportuniza uma viagem pelas terras indígenas, apresentando-nos um pouco da riqueza e diversidade dos povos indígenas, alguns costumes e valores, formas de vida e de interação com o outro e a natureza. Questões de cultura e educação focados de forma descritiva, algumas a partir das falas desses povos (por meio de entrevistas), outras por literatura especializada, notícias de jornais, pesquisa documental, entre outros. Esta exp compreendermos o contexto imenso e diverso que a investigação se aproxima.

O marco de importância deste estudo passa, portanto, por questões da representação do indígena em relação ao esporte, que, de acordo com Hobsbawm (2007), constitui-se hoje em um fenômeno mundial, que expõe as contradições e os paradoxos da globalização. Este autor, em seu livro *Globalização, democracia e terrorismo* expressa sua compreensão do esporte hoje, manifestada a partir do futebol, que, segundo ele, sintetiza a dialética entre identidade nacional, globalização e xenofobia, e, por este motivo, carrega em si o conflito essencial da globalização: apesar dos clubes virarem “entidades transnacionais, empreendimentos globais”, eles possuem, de forma paradoxal, uma fidelidade local, de grupo de torcedores para com sua equipe.

O significado de esporte na atualidade, sob as luzes das mídias, do espetáculo esportivo, nas suas diversas formas de práticas, tem sido compreendido como uma forma de competição, comparação de desempenhos, busca da vitória, desejo de atingir recordes, ou seja, valores estabelecidos pela sociedade do capital, tema também explorado por pesquisadores da nossa área, como Vitor Marinho de Oliveira (2011) obra que enaltece o poder do esporte na sociedade atual e Bracht (1986), relacionando à aprendizagem do esporte e das regras do jogo ...“capitalista”.

Esta dimensão pode ser observada, de alguma forma, nas falas dos indígenas entrevistados, o que certamente, é um ponto importante de reflexão e de preocupação, que merece ser retomado com maior cuidado na versão final do texto em apreciação.

O estudo, de abordagem qualitativa e natureza descritiva e exploratória, propõe-se a investigar as representações dos povos indígenas do Brasil, Bahia, sobre o esporte e, em decorrência as consequências dessa prática nos tempos atuais para estas populações, buscando identificar a percepção dos indígenas envolvidos de alguma forma nestas expressões da cultura corporal de movimento, ou, da linguagem corporal do mundo atual. O material traz considerações e constatações decorrentes das informações recolhidas, da análise e dos resultados encontrados.

Nas conclusões constatamos que o esporte apresentado na forma de competição está sendo absorvido pelos povos indígenas e resignificado. Algumas das inúmeras práticas e jogos indígenas são incorporados aos jogos competitivos e

resignificados a partir dos marcos da lógica capitalista. Ao serem absorvidos, são inoculados de valores próprios do esporte moderno globalizado, o que vem modificando de forma significativa e, ressalto, preocupante, culturas indígenas e formas de compreender e agir no mundo dos jogos, influenciados por lógicas até então externas à vida dos indígenas brasileiros, as regras do esporte atual, que refletem outras lógicas. Valores outros exteriores as lógicas e aos valores dos povos indígenas brasileiros, segundo relatos dos entrevistados, o que pode alterar identidades e expectativas futuras das comunidades indígenas, da cidade e do campo.

Após esta Introdução, que apresenta o campo da pesquisa, sua relevância social apontamos os próximos caminhos desta tese.

No Capítulo 2, intitulado *Indígenas no Brasil: abordagem histórica*, subdividido em cinco subseções com o objetivo de apresentar o referencial teórico utilizado no estudo e subdividido em quatro subtópicos. Mergulhamos em uma abordagem histórica sobre os indígenas no Brasil, contextualizando alguns de seus rituais; apresentamos alguns dados demográficos das populações indígenas brasileiras, e destacamos aspectos de modalidades esportivas praticadas pelos povos indígenas no Brasil.

O capítulo 3, denominado *Representação Social* se dedica a expor o percurso metodológico adotado nesta pesquisa. Para compreender o percurso metodológico, conceituamos a representação social e suas possibilidades de leitura e análise de situações específicas, no caso, modalidades esportivas praticadas pelos indígenas no Brasil. Neste ponto, tratamos das entrevistas, analisando-as e explicitando seus conteúdos em forma de síntese.

No capítulo 4, *A Educação indígena, tratamos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LBD/9.394/96) e do Plano Nacional de Educação (PNE)*, do Relatório Delors, da *questão da educação indígena na legislação brasileira e a escola indígena*, destacamos as características específicas da escola indígena, estabelecidas pelo Ministério da Educação (MEC) que afirma que a escola indígena deverá ser: Comunitária – Intelectual – Bilingue/multilíngue – Específica e Diferenciada. Tratamos também do Esporte da Escola e na Escola, e apresentamos

dados estatísticos divulgados pelo Ministério do Esporte, referentes ao Esporte nas Escolas Indígenas e ao Projeto Esporte e Lazer na Comunidade.

No capítulo 5, intitulado *A Esportivização nas Comunidades Indígenas, discutimos questões de destaque na educação indígena brasileira nos seus aspectos a luz da legislação em vigor. A seguir, tratamos do esporte indígena como objeto de estudo dessa investigação, por considerá-lo um fenômeno social e cultural da sociedade em geral, e dos povos indígenas em particular. Desenvolvemos outro subtópico para focar os jogos dos Povos Indígenas, tratados nesse estudo. E para fechar o capítulo apresentamos um relato analítico sobre o 1º Fórum de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas.*

Enfim, o capítulo 6, *Conclusão*, apresenta a síntese dessa discussão ao longo da história, até os dias atuais, aponta os resultados da investigação e apresenta possibilidades e proposições de interação educacional para a educação de forma geral e à educação física em específico, no que se refere a práticas do esporte pelos indígenas.

Nas *Referências* foi apresentada a bibliografia que serviu de base para o desenvolvimento do estudo.

2 INDÍGENAS NO BRASIL: ABORDAGEM HISTÓRICA

Esse capítulo não tem a pretensão de esgotar as informações sobre a história dos povos indígenas no Brasil, mas trazer elementos que contribuam para uma reflexão sobre a dificuldade de se estabelecer políticas públicas voltadas para os povos indígenas, a partir de uma visão equivocada sobre os indígenas, que se mantém ao longo de cinco séculos.

Em pleno Século XXI os indígenas brasileiros ainda são vistos como integrantes de uma única cultura, por uma parcela significativa da sociedade, com poder para definir as políticas setoriais que resultaram no passado, e resistem na atualidade, no processo de eliminação e desfiguração de culturas.

Tomando por base a falta de critérios e metodologias por parte do IBGE e da Funai, que possibilitem termos dados concretos sobre a população indígena existente no país, temos o retrato do quão é difícil corrigir distorções históricas que se repetem desde o Século XVI.

2.1 A SOCIEDADE INDÍGENA NA ÉPOCA DA CHEGADA DOS PORTUGUESES

O primeiro contato entre índios e portugueses em 1500 foi de muita estranheza para ambas as partes. As duas culturas eram muito diferentes e pertenciam a mundos completamente distintos. Sabemos muito sobre os índios que viviam naquela época, graças a Carta de Pero Vaz de Caminha (escrivão da expedição de Pedro Álvares Cabral) e também aos documentos deixados pelos padres jesuítas.

Os indígenas que habitavam o Brasil em 1500 viviam da caça, da pesca e da agricultura de milho, amendoim, feijão, abóbora, bata-doce e principalmente mandioca. Esta agricultura era praticada de forma bem rudimentar, pois utilizavam a técnica da coivara (derrubada de mata e queimada para limpar o solo para o plantio).

Os índios domesticavam animais de pequeno porte como. Não conheciam o cavalo, o boi e a galinha. Na Carta de Caminha é relatado que os índios se espantaram ao entrar em contato pela primeira vez com uma galinha.

As tribos indígenas possuíam uma relação baseada em regras sociais, políticas e religiosas. O contato entre as tribos acontecia em momentos de guerras, casamentos, cerimônias de enterro e também no momento de estabelecer alianças contra um inimigo comum.

Os índios faziam objetos utilizando as matérias-primas da natureza. Vale lembrar que índio respeita muito o meio ambiente, retirando dele somente o necessário para a sua sobrevivência. Desta madeira, construíam canoas, arcos e flechas e suas habitações (oca). A palha era utilizada para fazer cestos, esteiras, redes e outros objetos. A cerâmica também era muito utilizada para fazer potes, panelas e utensílios domésticos em geral. Penas e peles de animais serviam para fazer roupas ou enfeites para as cerimônias das tribos. O urucum era muito usado para fazer pinturas no corpo.

Como dissemos, os primeiros contatos foram de estranheza e de certa admiração e respeito. Caminha relata a troca de sinais, presentes e informações. Quando os portugueses começam a explorar o pau-brasil das matas, começam a escravizar muitos indígenas ou a utilizar o escambo. Davam espelhos, apitos, colares e chocalhos para os indígenas em troca de seu trabalho.

O canto que se segue foi muito prejudicial aos povos indígenas. Interessados nas terras, os portugueses usaram a violência contra os índios. Para tomar as terras, chegavam a matar os nativos ou até mesmo transmitir doenças a eles para dizimar tribos e tomar as terras. Esse comportamento violento seguiu-se por séculos, resultando no pequeno número de índios que temos hoje.

A visão que o europeu tinha a respeito dos índios era eurocêntrica. Os portugueses achavam-se superiores aos indígenas e, portanto, deveriam dominá-los e colocá-los ao seu serviço. A cultura indígena era considerada pelo europeu como sendo inferior e grosseira. Dentro desta visão, acreditavam que sua função era convertê-los ao cristianismo e fazer os índios seguirem a cultura europeia. Foi assim, que aos poucos, os índios foram perdendo sua cultura e também sua identidade.

2.2 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS ÍNDIOS

Entre os indígenas não há classes sociais como a do homem branco. Todos têm os mesmos direitos e recebem o mesmo tratamento. A terra, por exemplo, pertence a todos e quando um índio caça, costuma dividir com os habitantes de sua tribo. Apenas os instrumentos de trabalho (machado, arcos, flechas, arpões) são de propriedade individual. O trabalho na tribo é realizado por todos, porém possui uma divisão por sexo e idade. As mulheres são responsáveis pela comida, crianças, colheita e plantio. Já os homens da tribo ficam encarregados do trabalho mais pesado: caça, pesca, guerra e derrubada das árvores.

Dois personagens importantes na organização das tribos são o pajé e o cacique. O pajé é o sacerdote da tribo, pois conhece todos os rituais e recebe as mensagens dos deuses. Ele também é o curandeiro, pois conhece todos os chás e ervas para curar doenças. Ele quem faz o ritual da pajelança, onde evoca os deuses da floresta e dos ancestrais para ajudar na cura. O cacique, também importante na vida tribal, faz o papel de chefe, pois organiza e orienta os índios.

2.3 RITUAIS

Presente em todos os lugares, em todos os momentos da vida humana, o corpo ainda hoje permanece ausente – de forma explícita – nos debates educacionais. Vivemos socialmente pelo corpo e é através dele que nos relacionamos, aprendemos, descobrimos e marcamos nossa presença no mundo, pois esta é corporal. A relação corporal que se estabelece entre o sujeito, os outros e o mundo é uma relação de poder. (SILVA, 2009, p. 31)

Funções e divisão do trabalho entre os índios brasileiros:

- a) **Homem adulto:** são responsáveis pela caça de animais selvagens. Devem garantir a proteção da aldeia e, se necessário, atuarem nas guerras. São os homens que também devem fabricar as ferramentas, instrumentos de caça e pesca e a casa (oca).
- b) **Mulheres adultas:** cabe às mulheres cuidar dos filhos, fornecendo-lhes alimentação e os cuidados necessários. As mulheres também atuam na agricultura da aldeia, plantando e colhendo (mandioca, milho, feijão, arroz,

etc). As mulheres também devem fabricar objetos de cerâmica (vasos, potes, pratos) e preparar os alimentos para o consumo. Devem ainda coletar os frutos, fabricar a farinha e tecer redes (artesanato).

- c) **Crianças:** os curumins da aldeia (meninos e meninas) também possuem determinadas funções. Suas brincadeiras são destinadas ao aprendizado prático das tarefas que deverão assumir quando adultos. Um menino, por exemplo, brinca de fabricar arco e flecha e caçar pequenos animais. Já as meninas brincam de fazer comida e cuidar de crianças, usando bonecas.
- d) **Cacique:** é o chefe político e administrativo da aldeia. Experiente, ele deve manter o bom funcionamento e a estrutura da aldeia.
- e) **Pajé:** possui grande conhecimento sobre a cultura e religião da tribo. Conhece muito bem o poder das ervas medicinais e atua como uma espécie de “médico” e “curandeiro” da aldeia. Mantém as tradições e repassa aos mais novos através da oralidade. Os rituais religiosos também são organizados pelo pajé.

Hans Staden (2013) no seu relato sobre as viagens que empreendeu ao Brasil entre 1548 e 1554 detalha a cultura de algumas etnias da região de São Vicente e Cananéia, em particular os Tupinambás, de Bertioga, de quem foi prisioneiro.

Sobre o governo e as autoridades, e o que existe de ordem e justiça. [...] Entre os selvagens, não há um governos constituído e não há privilégios. Cada cabana tem um superior. Ele é o chefe. Todos os chefes são da mesma origem e têm o mesmo direito de dar ordens e governar. Disso cada um concluirá o que quiser. No caso de um deles se sobressair aos demais por atos de guerra, será mais seguido do que os outros numa campanha de guerra, como o antes mencionado Cunhambebe. Além disso, não evidenciei nenhum privilégio entre eles, exceto que os mais jovens devem obedecer aos mais velhos, de acordo com o que exigem os costumes deles. (STADEN, 2013, p. 145)

f) **Diversão**

Além de trabalharem, os índios também se divertem. Nas aldeias, eles fazem festas, danças e jogos. Porém, estas formas de divertimento possuem significados religiosos e sociais. Dentre os jogos, por exemplo, destacam-se

as lutas. Estas são realizadas como uma forma de treinamento para guerras e também para desenvolver a parte física dos índios.

Figura 1- Canibalismo



Tupinambás praticando um ritual de canibalismo

Algumas tribos eram canibais como, por exemplo, os tupinambás que habitavam o litoral da região sudeste do Brasil. A antropofagia era praticada, pois acreditavam que ao comerem carne humana do inimigo estariam incorporando a sabedoria, valentia e conhecimentos. Desta forma, não se alimentavam da carne de pessoas fracas ou covardes. A prática do canibalismo era feita em rituais simbólicos.

Fonte: Staden (2013, p. 145)

g) Religião Indígena

Cada nação indígena possuía crenças e rituais religiosos diferenciados. Porém, todas as tribos acreditavam nas forças da natureza e nos espíritos dos antepassados. Para estes deuses e espíritos, faziam rituais, cerimônias e festas. O pajé era o responsável por transmitir estes conhecimentos aos habitantes da tribo. Algumas tribos chegavam a enterrar o corpo dos índios em grandes vasos de cerâmica, onde além do cadáver ficavam os objetos pessoais. Isto mostra que estas tribos acreditavam numa vida após a morte.

2.4 DADOS DEMOGRÁFICOS DAS POPULAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL

Os resultados do *Censo demográfico* 2010 confirmam que a miscigenação, entre os diversos grupos étnicos, deu origem a tão numerosas e complicadas combinações que se torna impossível chegar a uma classificação étnica dos brasileiros. (COELHO, 1970 apud IBGE, 2010) A comparação dos ritmos de crescimento para as categorias de cor ou raça nos dois períodos, 1991/2000 e 2000/2010, permite detectar mudanças significativas nas autodeclarações das categorias entre os censos demográficos. Em 2000, as autodeclarações indígenas

aumentaram substancialmente em relação a 1991, enquanto, em 2010, mantiveram-se em patamares similares.

2.4.1 Etnias existentes no Brasil

Segundo *Censo demográfico, 2010*, do IBGE, foram identificadas 305 etnias indígenas no Brasil.

Quadro 1 – Etnias existentes no Brasil

Nome do povo (em português)	Família ao qual pertence ou Tronco Linguístico	Estados brasileiros onde habitam
Aicanãs	Aicanã	Roraima
Ajurus	Tupari	Rondônia
Amanaiés	Tupi-guarani	Pará
Anambés	Tupi-Guarani	Pará
Aparai	Karíb	Pará
Apiacás	Apiacá	Mato Grosso
Apurinã	Aruák	Amazonas
Arapaso	Tucano	Amazonas
Arara	Karíb	Pará
Arara	Pano	Acre
Araras-do-aripuanã	Tupi-Arara	Mato Grosso
Aruás	Língua aruá	Rondônia
Campas	Aruák	Acre e Peru
Assurinis-do-tocantins	Tupi-Guarani	Pará
Assurinis-do-xingu	Tupi-Guarani	Pará
Avás-canoeiros	Tupi-Guarani	Tocantins e Goiás
Guajás	Tupi-Guarani	Maranhão
Auetis	Língua aueti	Mato Grosso
Bacairis	Karíb	Mato Grosso
Barás	Tukano	Amazonas
Barasanas	Tukano	Amazonas
Baré	Nheengatu	Amazonas
Bororos	Bororo	Mato Grosso
Chamacocos	Samuko	Mato Grosso do Sul
Chiquitanos	Chiquito	Mato Grosso
Cintas-largas	Tupi Mondé	Rondônia e Mato Grosso
Denis	Arawá	Amazonas
Desanos	Tukano	Amazonas
Enáuenês-nauês	Aruák	Mato Grosso
Fulniôs	Yatê	Pernambuco

Gavião Mondé	Mondé	Rondônia
Paracatejê-gavião	Timbira Oriental	Pará
Pucobié-gavião	Jê	Maranhão
Guajajaras	Tupi-Guarani	Maranhão
Guaranis	Tupi-Guarani	RS/SC/PR/SP/RJ/MS
Guatós	Guató	Mato Grosso do Sul
Hupda	Maku	Amazonas
Ikpeng	Karib	Mato Grosso
Ingarikó	Karib	Roraima
Jabutis	Jaboti	Rondônia
Jamamadis	Arawá	Amazonas
Jarauaras	Arawá	Amazonas
Javaés	Karajá	Tocantins
Jiahuis	Tupi-Guarani	Amazonas
Jumas	Tupi-Guarani	Amazonas
Kaapor	Tupi-Guarani	Maranhão
Caiabis	Tupi-Guarani	Mato Grosso e Pará
Caingangues	Jê	São Paulo, Paraná e Santa Catarina
Caixanas	Português	Amazonas
Calapalos	Karib	Mato Grosso
Camaiurás	Tupi-Guarani	Mato Grosso
Cambebas	Tupi-Guarani	Amazonas
Cambiuás	Português	Pernambuco
Canamaris	Katukina	Amazonas
Apaniecras-canelas	Jê	Maranhão
Rancocamecras-canelas	Jê	Maranhão
Canindés	Português	Ceará
Canoês	Kanoê	Rondônia
Carajá	Karajá	Mato Grosso, Tocantins
Karapanã	Tukano	Amazonas
Karapotó	Português	Alagoas
Karipuna	Tupi-Guarani	Rondônia
Caripunas-do-amapá	Creoulo Francês	Amapá
Cariris	Português	Ceará
Cariris-xocós	Português	Alagoas
Caritianas	Arikem	Rondônia
Araras-caros	Ramarama	Rondônia
Karuazu	Português	Alagoas
Katukina	Katukina	Amazonas
Katukina	Pano	Acre e Amazonas
Katxuyana	Karib	Pará
Kaxarari	Pano	Amazonas e Rondônia

Kaxinawá	Pano	Acre e Peru
Kaxixó	Português	Minas Gerais
Caiapós	Jê	Mato Grosso
Quiriris	Português	Bahia
Cocamas	Tupi-Guarani	Amazonas
Korubo	Pano	Amazonas
Craós	Timbira oriental	Tocantins
Crenaques	Krenak	Minas Gerais
Cricatis	Jê	Maranhão
Kubeo	Tukano	Amazonas
Kuikuro	Karib	Mato Grosso
KulinaMadihá	Arawá	Acre, Amazonas
Culinas-pano	Pano	Amazonas
Kuripako	Aruak	Amazonas
Curuaias	Munduruku	Pará
Kwazá	Kwazá	Rondônia
Macurap	Tupari	Rondônia
Makuna	Tukano	Amazonas
Macuxis	Karib	Roraima
Matipus	Karib	Mato Grosso
Matis	Pano	Amazonas
Maxacalis	Maxacali	Minas Gerais
Meinacos	Aruak	Mato Grosso
Miranha	Bora	Amazonas
Miritis-tapuias	Tukano	Amazonas
Mundurucus	Munduruku	Pará
Muras	Mura	Amazonas
Nauquás	Karib	Mato Grosso
Nambiquaras	Nambikwara	Mato Grosso e Rondônia
Nukini	Pano	Acre
Ofaiés	Ofaié	Mato Grosso do Sul
Oro-uins	Txapakura	Rondônia
Paiter	Mondé	Rondônia
Palicures	Aruak	Amapá
Panará	(Krenhakarore) Jê	Mato Grosso e Pará
Pancararés	Português	Bahia
Pankararu	Português	Pernambuco
Pankaru	Português	Bahia
Parakanã	Tupi Guarani	Pará
Parecis	Aruak	Mato Grosso
Parintintins	Tupi-Guarani	Amazonas
Patamona	Karib	Roraima
Pataxó	Português	Bahia

Pipipãs	Português	Pernambuco
Pirarrãs	Mura	Amazonas
Piratapuías	Tukano	Amazonas
Pitaguaris	Português	Ceará
Potiguaras	Potiguara e português	Paraíba
Poianauas	Pano	Acre
Ricbactas	Rikbaktsa	Mato Grosso
Sakurabiat	Tupari	Rondônia
Sateré-Mawé	Mawé	Amazonas e Pará
Shanenawa	Pano	Acre
Suruís	Tupi-Guarani	Pará
Suiás	Jê	Mato Grosso
Tabajaras	Português	Ceará
Tapaiúnas	Jê	Mato Grosso
Tapirapés	Tupi-Guarani	Mato Grosso
Tapuias	Português	Goiás
Tarianas	Aruak	Amazonas
Terenas	Aruak	Mato Grosso do Sul
Ticunas	Ticuna	Amazonas
Tiriós	Karíb	Pará
Torás	Txapakura	Amazonas
Truká	Português	Pernambuco
Trumai	Trumai	Mato Grosso
Tsunhuns-djapás	Katukina	Amazonas
Tucanos	Tukano	Amazonas
Tumbalalá	Português	Bahia
Tuparis	Tupari	Rondônia
Tupinambás	Português	Bahia
Tupiniquins	Português	Espírito Santo
Tuiúcas	Tukano	Amazonas
Umutinas	Bororo	Mato Grosso
Amondauas	Tupi-Guarani	Rondônia
Uaimiris-atroaris	Karib	Roraima e Amazonas
Uapixanas	Aruak	Roraima
Uarequenas	Aruak	Amazonas
Uassus	Português	Alagoas
Uaurás	Aruak	Mato Grosso
Uaianas	Karib	Pará
Xakriabás	Jê	Minas Gerais
Xambioás	Karajá	Tocantins
Xavantes	Jê	Mato Grosso
Xetás	Tupi-Guarani	Paraná
Caiapós-xicrins	Kayapó	Pará

Xipaias	Juruna	Pará
Xukuru	Português	Pernambuco
XukuruKariri	Português	Alagoas
Yaminawa	Pano	Acre
Ianomâmis	Yanomami	Roraima, Amazonas
Iaualapitis	Aruak	Mato Grosso
Iecuanas	Karib	Roraima
Jurunas	Juruna	Pará e Mato Grosso
Zoés	Tupi-Guarani	Pará
Zorós	Mondé	Mato Grosso
Suruuarrás	Arawá	Amazonas

Fonte: IBGE

2.4.2 Principais dados da população indígena brasileira atual

- a) Segundo o *Censo de 2010*, do IBGE a população indígena brasileira era formada por 896.917 indígenas, correspondendo a (0,47% da população brasileira).
- b) **Terras Indígenas:** 505 terras indígenas correspondendo a 12,5% do território brasileiro. Nestas terras vivem 517.383 índios (57,7% de todos os indígenas).
- c) **Quantidade de etnias:** 305
Kaingang (37,4 mil), Makuxí (28,9 mil), Terena (28,8 mil) e Tenetehara (24,4 mil).
- d) **Línguas:** 274
- e) **Maiores etnias:** Tikúna (46 mil), Guarani Kaiowá (43,4 mil),
- f) **Onde vivem:** Zonas rurais (63,8%); Zonas urbanas (36,2%).
- g) **Distribuição por região:**
Região Norte (38,2%),
Nordeste (25,9%);
Centro-Oeste (16%);
Sudeste (11,1%);
Sul (8,8%).
- h) **Estados com maiores concentrações de índios:**
- Amazonas (20,5%);
- Mato Grosso do Sul (8,6%);
- Pernambuco (6,8%)
- Bahia (6,7%).

i) Terras indígenas mais populosas:

- Yanomami (Amazonas e Roraima): 25.719
- Raposa Serra do Sol (Roraima) - 17.102
- Évare I (Amazonas) - 16.686.

j) Taxa de alfabetização indígena (15 anos de idade ou mais): 76,7%**k) Principais troncos linguísticos (falantes com mais de 5 anos de idade):**

- Tikúna (34,1 mil falantes);
- Guarani Kaiowá (25,5 mil falantes);
- Kaingang (22 mil falantes);
- Xavante (12,3 mil falantes).

2.4.3 Povos indígenas do Estado da Bahia

- Atikum
- Fulni-ô
- Kaimbé
- Kantaruré
- Kariri-Xocó
- Kiriri
- Kambiwa
- Paiaia
- Pancararé
- Pancaru
- Pataxó
- Pataxó Hã-Hã-Hãe
- Truká
- Tumbalalá
- Tupinambá
- Tuxá
- Tuxi

- Tapuya
- Xacriabá
- Potiguara
- Pankaru
- Pankararu
- Xucuru-Cariri

Mapa 1 – Povos Indígenas no Estado da Bahia em 2012



Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (2012)

Dados fornecidos pelo Movimento de Indígenas da Bahia (MIBA) e pelo Movimento Unido dos Povos Indígenas da Bahia (MUPOIBA), em 2015, os povos indígenas da Bahia estão distribuídos em 23 (vinte e três) etnias e 139 (cento e trinta e nove) aldeias.

- a) 23 Povos Indígenas
- b) Em 139 Comunidades
- c) Total de 8.729 (oito mil e seiscentos e vinte e nove) famílias

- d) Em 33 (trinta e três) municípios
- e) Em 11 (onze) Territórios de Identidade
- f) População estimada em mais de 30.000 indígenas.

Ilclênia Tuxá, da Coordenação de Políticas para os Povos Indígenas, da Secretaria da Justiça, Cidadania e Desenvolvimento Social da Bahia (SJCDS), em entrevista em 2013, informou que em 2010 existiam na Bahia 14 etnias, reconhecidas, entretanto, em 2015 esse número chega a 23 etnias oficialmente reconhecidas, com duas outras em vias de reconhecimento.

2.4.4 Tipos de habitações indígenas

A arquitetura indígena no Brasil apresenta uma variedade de formato na construção das habitações, com reflexo da cultura regional onde é erguido, o que permite uma riqueza de modelos e diversidade de uso de materiais.

a) Oca

É a mais comum habitação indígena, principalmente entre os índios da família tupi-guarani. Consiste em uma grande cabana, feita com troncos de árvores e cobertas com palha ou tranço de palmeira. Na oca, podem viver várias famílias de uma mesma tribo.

Figura 2 - Oca



Fonte: DICIONÁRIO ilustrado tupi guarani (200-)

b) Maloca

Tipo de cabana comunitária usada pelos indígenas da região amazônica (principalmente do Brasil e Colômbia). Cada tribo desta região possui este tipo de habitação com características específicas.

Figura 3 - Maloca



Fonte: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (Brasil).

c) Taba

Habitação indígena menor que a oca. Também de origem tupi-guarani, é um termo mais usado pelas tribos da Amazônia. Nesta região também serve para designar aldeamento indígena.

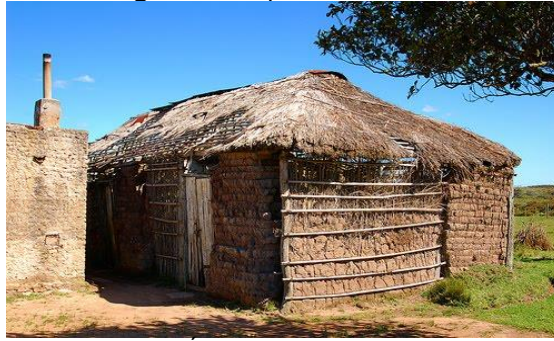
Figura 4 - Taba



Fonte: Google Imagens

c) Tapera

Em tupi, a palavra tapera significa "aldeia extinta". Portanto, uma tapera é um conjunto de habitações indígenas que foi abandonado pelos índios que ali viviam. A tapera geralmente encontra-se em ruínas e ocupada por mato.

Figura 5 - Tapera

Fonte: DICIONÁRIO ilustrado tupi guarani (200-)

d) Opy

É uma espécie de casa de rezas dos índios. Servem também para a realização de festas religiosas e rituais sagrados.

Figura 6 - Opy

Fonte: Google Imagens

2.5 MODALIDADES ESPORTIVAS PRATICADAS POR INDÍGENAS NO BRASIL

Os índios do Brasil também praticam atividades esportivas, e até possuem um evento anual para a demonstração competitiva de suas habilidades, o chamado Jogos dos Povos Indígenas. Entretanto, os esportes tradicionais indígenas, são uma demonstração e celebração, entre os representantes das diversas etnias, não existindo nenhum prêmio para a equipe vencedora, e nem um juiz intermediador.

Um aspecto que merece destaque é que não há esporte indígena, há etnias para as quais esse nome inexistente, referindo-se a prática corporal. O que assistimos nos Jogos Indígenas como modalidade tradicional, na verdade é a adaptação de práticas corporais do cotidiano e de rituais, que passaram a ser chamadas de esporte indígena, entretanto, dezenas de atividades, a exemplo do *ralar mandioca*, incluída como modalidade esportiva, junto ao Futebol, o Cabo de Força, Corrida de

Tora, e outros, quando da realização dos rituais festivos nos quais há disputadas. Há registro de etnias que dizem praticar cerca de sessenta modalidades.

Para os Jogos dos Povos Indígenas estabeleceram-se dez modalidades, as quais passaram a integrar a programação oficial, entretanto, algumas são exibidas como demonstração da cultura de muitas etnias. Há uma variedade de modalidades nos Jogos Indígenas realizados em diversos Estados.

2.5.1 Modalidades dos jogos indígenas: integração e demonstração

A transformação de algumas práticas corporais da cultura indígena em modalidades esportivas que passaram a integrar a programação de Jogos realizados em aldeias, chegando a oficialização através da realização dos Jogos Nacionais dos Povos Indígenas, levou essas modalidades a serem divididas em dois grupos: Integração e Demonstração, que inseridas nos Jogos Regionais ou Nacionais.

2.5.1.1 Integração

a) Atletismo Indígena

O Atletismo é considerado o esporte base, por reunir movimentos corporais naturais tais como andar, correr, saltar, arremessar, levantar e transportar, e os indígenas, no seu cotidiano com a natureza, realizando atividades como a caça, a pesca, que requerem o uso de muitos desses movimentos, tornaram-se grandes praticantes e adquiriram excelente condicionamento físico.

Inserido como modalidade nos Jogos dos Povos Indígenas, e foram instituídas as provas de 100 metros rasos, 4x100 metros, salto em distância, disputados por homens e mulheres, e os 5000 metros disputados apenas por homens. Há uma prova de média distância, de resistência, disputada por equipes de 10 (dez) atletas, por sexo, que se revezam a cada 100m.

Figura 7 – Atletismo indígena



Fonte: Google Imagens

b) Arco e Flecha

Utilizados primitivamente para a caça, a pesca e a defesa, o arco e a flecha foram adaptados para as atividades recreativas pelos povos indígenas, e, atualmente, utilizados como modalidade nos jogos das diversas etnias.

Confeccionados com material retirado da natureza, para os arcos são utilizadas palmeira do tucum, madeira da aroeirinha, do pau-ferro, do aratazeiro, do pau de arco, do ipê amarelo, da pupunha. As flechas são confeccionadas com bambu, chamado de taquaral ou caninha, já as pontas são confeccionadas com a madeira da flecha, e alguns povos utilizam ossos ou dentes de animais. Cada etnia utiliza os recursos que sua região disponibiliza, o arco e a flecha têm tamanhos diferenciados.

Para algumas etnias o Arco é considerado espírito e venerado como divindade, cujo tratamento e respeito a ele devotado, leva o seu dono a guardá-lo longe da moradia, geralmente enterrado próximo a áreas pantanosas.

Um detalhe importante é que para algumas etnias as mulheres não atiram com Arco e se quer podem segurá-lo, limitando-se a permanecer ao lado do homem que esteja portando, entretanto, é permitido segurar as flechas, que inclusive são guardadas na moradia.

Figura 8 - Arco e Flecha

Fonte: Google Imagens

Figura 9 - Flechas

Fonte: Google Imagens

c) Arremesso de Lança

A lança é utilizada para a caça, a pesca ou para defesa. Confeccionadas com madeiras como pau ferro, aroeira, ou outras entre as mais duras, cada tribo tem sua técnica de confecção, a depender da finalidade.

Inserida como modalidade nos Jogos dos Povos Indígenas, as lanças são fornecidas pela organização dos Jogos. A prática é individual, cada atleta busca lançar mais distante, e apenas homens participam.

Figura 10 - Arremesso de Lança

Fonte: Google Imagens

d) Cabo de Força

Utilizando corda confeccionada com sisal, caroá, e outras fibras naturais, o Cabo de Força, é praticado nas aldeias para medir a força física de cada grupo, entretanto, tornou-se modalidade desde a primeira edição dos Jogos dos Povos Indígenas, disputada por equipes masculinas e femininas de até dez atletas, com um reserva para equipe masculina e uma para a equipe feminina. Geralmente o treinamento nas aldeias é feito puxando grandes troncos de árvores. É a prova de maior destaque nos Jogos dos Povos Indígenas. A mais disputada.

Figura 11 - Cabo de Força

Fonte: Google Imagens

e) Canoagem

A canoa é confeccionada com tranco de madeira de comprimento e largura diversos, é usada como meio de transporte, e para a pesca em lagos e rios, e atualmente é utilizada para as provas de canoagem dos Jogos dos Povos Indígenas.

Devido a grande diversidade de tamanho e largura, foi necessário estabelecer um padrão aceitável por todas as etnias participantes dos Jogos dos Povos Indígenas, e chegou-se ao consenso de utilizarem as canoas da tribo Rikbatsa, do Norte do Mato Grossos. Cada competidor leva seu próprio remo.

Figura 12 – Canoagem



Fonte: Google Imagens

f) Corrida da Tora

A tora geralmente é confeccionada com o tronco de buriti, e para a preparação do corte da madeira, há um ritual de cantos e danças.

O tronco, na forma de cilindro, é cortado em duas partes em tamanhos iguais e nas extremidades é feita uma cava para facilitar a empunhadura por quem irá carregar. Os tamanhos são variados e podem pesar até 120 quilos. É comum guardá-las em rios e lagos para que absorvam água e fiquem mais pesadas.

Inserida como modalidade nos Jogos dos Povos Indígenas, e disputada por homens e mulheres, a Comissão Organizadora seleciona as toras a serem usadas, define o número de voltas na arena, o local da largada e da chegada. Cada equipe é formada por 10 (dez) atletas, com 3 (três) reservas.

Figura 13 - Corrida da Tora

Fonte: Google Imagens

g) Futebol

Modalidade oriunda dos não índios, o Futebol é a modalidade mais popular entre os Povos indígenas, e tem levado a desenvolverem hábitos como a busca por preparação física, assimilação de fundamentos e condutas típicas do alto rendimento e do futebol praticado por não índios, conduzindo-os ao processo de esportivização.

Atualmente uma equipe indígena integra a segunda divisão do futebol no Estado do Pará, a Gaviões, oriunda do povo Gavião Kyikatejê.

Figura 14 - Futebol

Fonte: Google Imagens

h) Natação

Atividade natural do ser humano, a relação da maioria dos povos indígenas com rios, lagos e o mar, e parte da cultura de muitos desses povos. Entretanto, inserida como modalidade nos Jogos dos Povos Indígenas, não há exigência de estilo, apenas são demarcadas distâncias que são completadas por homens e mulheres.

Figura 15 - Natação



Fonte: Google Imagens

i) Zarabatana

A zarabatana é uma arma artesanal, semelhante a um cano longo, com aproximadamente 2,5 metros de comprimento, feito de madeira, com um orifício em que se introduz uma pequena seta, de aproximadamente 15 centímetros. É uma arma bastante utilizada pelos índios amazônicos para caçar animais e aves, por ser silenciosa e precisa.

Figura 16 - Zarabatana



Fonte: Google Imagens

j) Corrida do Maracá

Confeccionado com cabaça, na qual é feito um orifício por onde são colocadas sementes e/ou pedras miúdas no seu interior, fechado por com uma haste de madeira para a empunhadura, o Maracá tem uma simbologia muito forte junto aos povos indígenas, representa a concentração de energia e meio de chamar atenção para rituais, bem como dar o ritmo de uma cerimônia. Muitos indígenas têm o seu próprio maracá e não é comum partilhar seu uso com outras pessoas, sobretudo as não índio.

Nos relatos do alemão Hans Staden (2013) referentes a suas experiências com indígenas brasileiros no século XVI, ele descreve a importância do maracá para os índios tupis, descrevendo detalhes da adoração dos índios por essa peça, cada índio tinha o seu, chegando ao ponto de alguns venerarem com deuses, após serem consagrados pelo pajé.

É comum em Jogos Indígenas, a corrida do maracá, disputada por equipes masculinas e femininas, com até 10 integrantes cada. Assemelha-se a corrida do estafeta.

Figura 17 - Corrida do Maracá



Fonte: Google Imagens

2.5.1.2 Demonstração

A modalidade Demonstração é inserida na programação dos Jogos Regionais, Nacionais, e será inserida na programação dos 1º Jogos Mundiais, como meio de divulgação da cultura de um ou mais povos indígenas, por retratar especificidade de cada cultura que os praticam.

Lutas Corporais

•**AIPENKUIT**: É um estilo de wrestling tradicional, praticado por (homens) do povo Gavião Kykatêjê, do Pará, e também pelos Tapirapé e Xavante do Mato Grosso.

Figura 18 - AIPENKUIT



Fonte: Google Imagens

HUKA-HUKA: É uma arte marcial e estilo de luta tradicional brasileiro, praticado pelos povos indígenas (homens e mulheres), do Xingu, e índios Bakari, do Mato Grosso.

Figura 19 - HUKA-HUKA



Fonte: Google Imagens

•**IDJASSÚ:** É uma arte marcial e estilo de luta tradicional brasileiro, praticado pelos índios Karajá da Ilha do Bananal – Tocantins.

A diferença para o Huka Huka é que a luta começa com os atletas em pé, agarrando pela cintura até conseguir derrubar o outro no chão. O vencedor abre os braços e dança em volta do oponente, cantando e imitando uma ave.

Figura 20 - IDJASSÚ



Fonte: Google Imagens

2.5.2 Modalidades específicas de algumas etnias

A riqueza cultural dos povos indígenas apresenta uma diversidade de práticas corporais que são específicas de determinadas etnias, fato que as tornam mais atraentes, dado aos elementos cênicos e movimentos que as integram.

- a) **AKÔ:** Corrida semelhante ao revezamento (4 x 400 m) do atletismo, mas é praticado somente pelo Povo Gavião Parkatêjê e Kiykatêjê, originários do sul do Pará. É uma corrida de velocidade (corrida de varinha) onde duas equipes (casados e solteiros), correm em círculo, revezando em quatro atletas, usando uma varinha de bambu, espécie de bastão, que vai passando de mão em mão. Eles darão voltas até chegar ao último atleta, e ganha quem chegar primeiro.
- b) **CORRIDA DE TORA:** Apresentada por homens e mulheres dos povos, Xavante, Krâho, Kanela e Gavião Kiykatêjê. Como o próprio nome diz, é uma corrida com toras de madeira.
- c) **JÃMPARTI:** Corrida de tora também, mas praticada pelo Povo Gavião Parkatêjê e Kiykatêjê, do sul do Pará, que obedece praticamente os mesmos rituais de outros povos, porém há uma peculiaridade em relação a essa atividade.

As toras usadas ultrapassam mais de 100 kg, e o diâmetro chega a medir mais de 1,60 m, podendo ser carregada em duplas, e sempre realizada no final das corridas de toras tradicionais; dando o sentido de sincronismo, harmonia e força. As mulheres também participam, mas não há um prêmio para o vencedor, visto que são demonstradas, apenas força física e resistência.

Figura 21 - JÃMPARTI



Fonte: Google Imagens

- d) JAWARI:** Modalidade praticada pelos indígenas do Alto Xingu, no estado Mato Grosso, onde 15 ou mais de cada lado se posicionam agrupados em seus lados, num campo aberto do tamanho de um campo de futebol. Um atleta de cada lado, simultaneamente, sai à frente de sua equipe com uma flecha, como que dançando, para arremessar, ou evitar ser acertado, pelo seu oponente que está a sua frente.

Quem for acertado, “morre”, e está fora do jogo, até restarem os dois últimos de cada time, e quem “matar” o outro, ganha o jogo. Esse evento é precedido do ritual do canto tradicional yawaritulukay, onde as mulheres participam, e no final todos dançam e cantam juntos (oponentes e adversários), e todos recebem uma pintura corporal especial para o evento, com barro branco Uêiki.

- e) KAGOT:** Praticada pelos indígenas Xikrin e Kayapó do Pará, e se assemelha ao Yawari, porém com algumas características peculiares, típicas do grupo, que fala a língua do tronco Macro-Jê. As flechas são preparadas sem a ponta,

que é substituída por um invólucro de palha ou côco, de maneira que essa “ponta”, não possa ferir o guerreiro.

Depois dos rituais tradicionais de cantos e danças, o jogo começa e segue como o Jawari. No final, os atletas também recebem uma pintura corporal especial, além de indumentárias características para essa modalidade.

- f) **KAIPY**: Modalidade praticada pelos povos Gavião Parkatêjê e Kiykatêjê, do sul do Pará, onde os arqueiros devem mostrar suas habilidades com tiros de flechas, que são atiradas em um “alvo” preparado ao chão, com folhas da palmeira, que são dobradas, deixando o caule da folha apoiada sobre duas madeiras fixas ao solo. O guerreiro se posiciona entre 5 a 10 metros de distância, atira em direção a essa dobra das folhas, fazendo com que a ponta da flecha acerte rente ao caule, como se fosse uma mola, ganhando mais impulso, e retomando sua direção a um alvo fixo normal, pontuando nos acertos pré-determinados. Outra forma de competição dessa mesma modalidade é tentar arremessar a flecha mais longe.
- g) **KATUKAYWA**: Essa modalidade se assemelha ao jogo de futebol, onde os chutes são feitos apenas com o joelho; e praticada pelos indígenas do Parque Nacional do Xingu, no Mato Grosso.
- h) **RONKRÃ**: Parecido com o hockey sobre grama, e jogado num campo do tamanho de um campo de futebol, essa modalidade coletiva, é praticada pelos índios Kayapós do Pará, que divididos em dois times com 10, ou mais, e com uma espécie de borduna (bastão) devem rebater uma pequena bola feita de coco, especialmente preparada para a modalidade. Os atletas de cada time se posicionam em fila indiana, em dupla, de frente para o adversário, colocando o bastão ao chão.

A bola é colocada no centro para que uma das equipes dê a primeira rebatida para o adversário, iniciando o jogo. Os atletas saem lateralmente de suas posições para defender, e rebater para o campo oposto, ou mesmo para o companheiro de frente, até chegar e ultrapassar a linha de fundo, marcando o

ponto. De acordo com informações dos Kayapós, esse esporte já não estava mais sendo praticado por estar se tornando “violento”, e causando graves contusões nos competidores.

Figura 22 - RONKRÃ



Fonte: Google Imagens

- i) **TIHIMORE:** Jogo de arremesso com bola de marmelo, praticado pelas mulheres do povo Paresi, do Mato Grosso.
- j) **XIKUNAHATY:** (Zikunahiti) É uma espécie de "futebol de cabeça", com bola de látex, fabricada pelos índios Paresi, Nambikwara, Salumã, Enawenê-Nawê, Irántxe, Mamaidê, do Mato Grosso.

Figura 23 - XIKUNAHATY



Fonte: Google Imagens

Pronuncia-se Zikunariti, na linguagem dos Paresi e Hiara. Conhecido como uma espécie de futebol, o chute só pode ser desferido usando a cabeça. Duas equipes possuem de oito, dez ou mais atletas para cada lado e um capitão. É realizado em campo de terra batida, para que a bola ganhe impulso. Na partida, a bola não pode ser tocada com as mãos, pés ou outra parte do corpo, mas pode tocar no chão, antes de ser rebatida pela outra equipe. A equipe marca pontos quando a bola não é devolvida pelos adversários, ou seja, quando deixa de ser rebatida.

É um esporte praticado tradicionalmente pelos povos Paresi, Salumã, Irántxe, Mamaidê e Enawenê-Nawê.

k) A Bola do Xikunahity

Figura 24 – Bola do Xikunahity



Fonte: Google Imagens

A bola utilizada no jogo é de fabricação do povo Parece. É feita com a seiva de mangabeira que é um tipo de látex. O processo de confecção tem duas etapas: na primeira a seiva é colhida e colocada sobre uma superfície lisa, da qual, permanece por um tempo até formar uma camada ligeiramente espessa. Na segunda fase, é feito a parte central da bola que inclui o aquecimento da seiva de mangaba em uma panela e resulta em uma película. O látex tem suas extremidades unidas, de modo a formar um saco que será inflado com ar, por meio de um canudo. Depois disso, o núcleo ganha formas arredondadas e recebe sucessivas películas de látex, obtidas da primeira

etapa, até formar uma bola, secar e resfriar, ganhando consistência suficiente para pular. A bola tem aproximadamente 30 centímetros de diâmetro.

3 REPRESENTAÇÃO SOCIAL

A abordagem sobre representação social, seja como teoria ou fenômeno, não é tarefa fácil, dada a sua complexidade.

Inaugurada pelo francês Serge Moscovici, em 1961, com a publicação da obra *La psychanalyse, son image et son public*, cuja tradução em português é *A psicanálise, sua imagem e seu público*, tem assumido grande destaque na compreensão dos mais variados objetos e consequente produção de conhecimento.

A crítica de Moscovici ao pensamento tradicional que concebia o sujeito separado do seu contexto social constitui o ponto de partida para construção da nova teoria, que afirma não existir separação entre o universo interno do indivíduo e o universo externo a este.

A teoria propõe uma articulação entre o psicológico e o social, considera inseparáveis sujeito, objeto e sociedade.

Passados mais de quarenta anos da publicação do trabalho inaugural de Serge Moscovici, a teoria das representações sociais tem se mostrado cada vez mais importante, adequando-se à complexidade dos fenômenos sociais presentes.

O aspecto inovador que permite a apreensão e reabilitação da ordem simbólica, que rompe com a dicotomia estabelecida entre exterior e interior, sujeito e objeto, tem atraído cada vez mais adeptos à teoria das representações sociais, motivo dessa Tese abordando a representação do esporte praticado por indígenas, considerando o fato dos povos indígenas cada vez mais se constituírem objeto de estudo e ganhar espaço na produção acadêmica no Brasil.

Sem nos aprofundarmos na abordagem da teoria de Moscovici, nem as representações coletivas de Durkheim, ponto de partida de Moscovici para a construção de sua teoria, trataremos da produção de teóricos como Farr (1995), Sá (1996), Domingos Sobrinho (1998), Abric (2001), Doise (2001), Jodelet (2001), Nóbrega (2001), e outros, dos processos formadores das representações sociais, funções das representações sociais, e apresentaremos as considerações finais.

É em Emile Durkheim que Moscovici vai buscar as bases para a construção de sua teoria, dando “uma clara continuidade” aos estudos das representações

coletivas do sociólogo francês, que por muito tempo ficaram esquecidas do meio científico/acadêmico. No entanto, ele dá às representações coletivas uma configuração completamente diferente, visto não estar comprometido com a filosofia positivista da ciência, como Durkheim.

A distinção entre o estudo das representações individuais das representações coletivas era predominante nas teorizações de Durkheim. Segundo ele, caberia à psicologia o domínio das primeiras e à sociologia o domínio das segundas. “A razão principal de se distinguir entre os dois níveis era uma crença, da parte do teórico, que as leis que explicavam os fenômenos coletivos eram diferentes do tipo de leis que explicam os fenômenos em nível individual”. (FARR, 1995, p. 35) Seu argumento era que as representações coletivas não poderiam ser reduzidas a representações individuais. O interesse de Durkheim era estudar a sociedade e a sociologia era o caminho mais adequado para seus estudos.

Ele toma como objeto de investigação as práticas religiosas das tribos das sociedades primitivas australianas. Entende que a religião “[...] traduz as representações coletivas enquanto fenômenos capazes de assegurar os laços entre os membros de uma sociedade e de mantê-los através das gerações”. (NÓBREGA, 2001, p. 57)

As representações coletivas são entendidas como fatos sociais, coisas reais por elas mesmas, como dados, como entidades explicativas absolutas e “[...] não como fenômenos que devessem ser eles próprios explicados”. (SÁ, 1996, p. 23)

As representações coletivas de Durkheim assumem-se como coercitivas, tendo função de conduzir os homens a pensar e a agir de maneira homogênea. Elas são também estáveis, o que possivelmente correspondia à estabilidade dos fenômenos para cuja explicação haviam sido propostas, ou seja, elas respondiam às necessidades explicativas das sociedades primitivas.

Esta provavelmente é a causa das representações coletivas, seus estudos e teorizações não terem assumido tanta relevância no mundo científico. Elas não deram conta da complexidade que marca e caracteriza as sociedades modernas. A interpretação e concepção de um social estático e impermeável são superadas e outros olhares são dirigidos aos problemas da sociedade.

Sociedades modernas industrializadas abrem espaços para conhecimentos, crenças, valores contraditórios, experiências antagônicas, como diz Abric (1998), além do aspecto das mudanças nas condições de vida da sociedade que conduzem, naturalmente, à construção de representações diferentes, dinâmicas, nada tendo de homogênea e estática, como queria Durkheim.

A grande teoria das representações sociais, ou seja, a construção teórica cuja matriz é Moscovici, origina pelo menos três vertentes no campo das representações sociais: a de Denise Jodelet, principal colaboradora e continuadora de Moscovici, a de Willem Doise e a de Jean-Claude Abric.

Jodelet (1998) arrisca-se, inclusive, a fazer o que Moscovici negou-se a fazê-lo: conceituar as representações sociais. A ela pertence o conceito de representação social mais bem aceito no meio acadêmico. Elas “[...] são uma forma de conhecimento elaborada e partilhada socialmente, tendo uma visão prática e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social”. (JODELET, 1989, p. 36 apud GUARESCHI, 1995, p. 16) Jodelet (1998) lidera um grupo cuja perspectiva teórica é mais fiel a Moscovici. A grande preocupação dos estudos sob esta perspectiva é dar conta da gênese histórica de uma representação, extraí-las dos sujeitos, analisando-as e explicando-as.

Doise (1986 apud SPINK, 1996) entende as representações como princípios geradores de tomadas de posição associadas às inserções específicas do sujeito no conjunto das relações sociais. Ele segue uma perspectiva mais sociológica, buscando entender como as inserções sociais concretas dos sujeitos condicionam suas representações.

Já para Abric (2001) a representação social não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização de significados que funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas. Ele enfatiza a dimensão cognitivo-estrutural das representações sociais.

Abric desenvolveu a chamada Teoria do Núcleo Central, segundo ele, a organização de uma representação social apresenta uma característica específica, a de ser organizada em torno de um núcleo central, constituindo-se em um ou mais elementos que dão significado à representação.

Na perspectiva psicossociológica proposta por Moscovici, os indivíduos não são apenas processadores de informações, mas pensadores ativos que “[...] produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmo” (MOSCOVICI, 1984a, p.16 apud SÁ, 1996, p. 28)

Segundo Farr (1995), principal divulgador da obra de Moscovici na comunidade científica inglesa, a teoria de Moscovici compreende uma forma explicitamente sociológica da psicologia social, ela constitui, sobretudo, uma crítica à natureza individual assumida pela psicologia social americana e inglesa, cuja preocupação básica eram os processos psicológicos individuais.

A construção teórica de Moscovici vem trazer novas perspectivas para uma situação de extrema insatisfação com o que tradicionalmente é produzido no mundo científico, principalmente no campo da psicologia social. O conhecimento fragmentado do ser humano, a separação artificial entre as ciências sociais e a dicotomia entre objetividade e subjetividade, que marcam o modelo científico, são questionados.

A teoria das representações sociais “questiona ao invés de adaptar-se e [...] busca o novo, lá mesmo onde o peso hegemônico do tradicional impõe as suas contradições”. (GUARESCHI; JOVCHELOVITCH, 1995, p. 17)

A teoria conduz um novo olhar aos objetos a que se propõe compreender, traz à tona elementos importantes para compreensão das construções sociais, além de preencher lacunas abertas pela chamada crise dos paradigmas (DOMINGOS SOBRINHO, 1998), contribuindo ainda para a formulação de novas hipóteses, sobre os vários problemas presentes na sociedade contemporânea.

Até o momento referimo-nos à teoria das representações sociais, no entanto, o termo representação social designa tanto um conjunto de fenômenos, quanto o conceito que os engloba e a teoria que os explicam (SÁ, 1996), ou seja, ele pode ser adotado como teoria, categoria explicativa ou analítica ou como conceito. (MOREIRA; OLIVEIRA, 1998)

Guareschi e Jovchelovitch (1995) apoiado na produção de De Rosa (1994) apresenta três níveis em que as representações sociais podem ser discutidas e/ou

analisadas. Seriam eles: o nível meta-teórico, o nível teórico e o nível fenomenológico.

O nível meta-teórico refere-se a um nível mais abstrato. Nele cabem as críticas e refutações aos postulados e pressupostos teóricos e epistemológicos da teoria em questão.

O nível teórico constitui o conjunto de definições conceituais e metodológicas, assim como a elaboração de construtos no referente às representações sociais. Nesse nível, a representação social é tomada como teoria.

No nível fenomenológico, a representação é tomada como um fenômeno. Fenômeno este que se evidencia nos modos de conhecimentos, saberes do senso comum e nas explicações populares. Ela é um fenômeno que existe, mas do qual, muitas vezes, nem se dá conta de sua existência. Estudá-la é imprescindível sob forma de entendermos e explicarmos porque as pessoas fazem o que fazem.

Wagner (1995) atribui essa diversidade devido às múltiplas facetas assumidas pelo conceito de representação social que, segundo ele, é multifacetado.

De um lado a representação social é concebida como processo social que envolve comunicação e discurso, ao longo do qual significados e objetos sociais são construídos e elaborados. Por outro lado "[...] as representações sociais são operacionalizadas como atributos individuais – como estruturas individuais de conhecimento, símbolos e afetos distribuídos entre as pessoas em grupo ou sociedades." (WAGNER, 1995, p.149)

É essa dupla visão do conceito de representação social que o faz versátil, permitindo que alguns estudiosos o empreguem de maneira mais pragmática, enquanto outros façam uso mais teórico do mesmo.

O paradigma de Moscovici é dinâmico, orientado e orientando em direção à explicação das mudanças e inovações sociais, ao invés do controle e manutenção de uma visão de mundo. Sobre isso ele diz:

[...] as representações em que estou interessado não são as de sociedades primitivas, nem as reminiscências, no subsolo de nossa cultura, de épocas remotas. São aquelas da nossa sociedade presente, do nosso solo político, científico e humano, que nem sempre tiveram tempo suficiente para permitir a sedimentação que

os tornasse tradições imutáveis. (MOSCOVICI, 1984a, p.18 apud SÁ, 1996, p. 22)

Seu afastamento da perspectiva puramente sociológica é o reconhecimento da existência de outra ordem de fenômenos, fenômenos estes que evidenciam tanto as condições sociais como as condições individuais de existência.

Lane (1995), diz que as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais, ou seja, devem ser considerados os aspectos cognitivos, assim como os sociais.

A elaboração de representação social implica um intercâmbio entre a intersubjetividade e o coletivo (SÁ, 1996) e este é o grande avanço da teoria de Moscovici: ela contribui, sobretudo, no combate à tendência de separar os fenômenos psíquicos dos sociais.

A noção de representação coletiva de Durkheim descreve uma categoria coletiva que deveria ser explicada a um nível inferior, eram mais adequadas às sociedades menos complexas. As sociedades modernas, plurais, exigem mais amplitude de análise, daí as representações sociais, que são sociais não apenas porque sofrem as determinações do social, mas, sobretudo, pela forma como são construídas e compartilhadas – socialmente.

Moscovici tinha consciência de que o modelo de sociedade de Durkheim era estático e tradicional, gerando representações muito mais ligadas à cultura e à tradição, duradouras e amplamente distribuídas, por isso a substituição do termo coletivo pelo termo social.

A teoria das representações sociais se desenvolveu procurando estabelecer novas bases epistemológicas para a compreensão da relação sujeito/objeto, visto por Durkheim de forma dicotomizada e descontextualizada. Ela demonstra que os processos através dos quais os sujeitos representam o mundo são dinâmicos e não comportam nenhum corte entre interior e exterior. (DOMINGOS SOBRINHO, 1998)

Uma das preocupações marcantes de Moscovici foi exatamente a de não fechar um conceito de representação social, recusando-se mesmo a elaborá-lo. Seu entendimento era o de que uma definição deveria ser decorrência da acumulação de dados empíricos.

Na verdade, o termo representação social designa um grande número de fenômenos e de processos, é grande sua polissemia. Autores oriundos da filosofia, da antropologia, da história e da linguística usam autonomamente o termo para designar suas próprias reflexões. (SÁ, 1996)

É difícil destacar uma definição comum a todos os teóricos que utilizam a noção de representação social. A multiplicidade de definições pode ser exemplificada na sequência apresentada:

Conteúdo mental estruturado – isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico – sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social. (WAGNER, 1998, p. 4)

Considera-se representação social como o sentido atribuído a um dado objeto pelo sujeito, a partir das informações que, continuamente, lhe vêm de sua prática, de suas relações (MADEIRA, 1998, p. 49).
As representações são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, embora pertença a todos, transcende a cada um individualmente (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 81)

A sequência nos permite ver que o conceito de representação social é um conceito plural e bastante complexo, mas, mesmo existindo várias acepções – umas mais aproximadas outras nem tanto – nos é possível identificá-las como sendo: dinâmicas, explicativas; abarcando aspectos culturais, cognitivos e valorativos; possuindo dimensão histórica e transformadora.

Trata-se de um material de estudo muito importante, uma vez que correspondem a situações reais de vida, revelam a visão de mundo de determinada época. (MINAYO, 1995)

3.1 PROCESSOS DE FORMAÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Moscovici propõe uma estrutura teórica para as representações sociais. Segundo ele, a representação social tem duas faces indissociáveis: a face figurativa ou imageante, que corresponde ao objeto, e a face simbólica, que corresponde ao sentido atribuído ao objeto pelo sujeito, ou seja, o entendimento é que não existe

representação sem objeto. Toda representação é construída na relação do sujeito com o objeto representado, não é mero reflexo do mundo externo na mente, ela vai além do trabalho individual do psiquismo, emerge como um fenômeno colado ao social. Jovchelovitch (1995, p. 78) diz que “[...] é através da atividade do sujeito e de sua relação com outros que as representações têm origem, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo que ele ao mesmo tempo descobre e constrói”.

Dessa configuração estrutural das representações sociais, Moscovici caracteriza os processos formadores das mesmas. São eles: a objetivação e a ancoragem.

A objetivação corresponde à função de duplicar um sentido por uma figura, dar materialidade a um objeto abstrato, naturalizá-lo, corporificar os pensamentos, tornar físico e visível o impalpável, transformar em objeto o que é representado. (NÓBREGA, 2001; SÁ, 1996)

Um exemplo clássico de objetivação é quando comparamos Deus a um pai. Ao fazê-lo, materializamos o abstrato, passando a tratá-lo com naturalidade, familiaridade.

Ancorar é duplicar uma figura por um sentido. A ancoragem corresponde à classificação e denominação das coisas estranhas, ainda não classificadas nem denominadas. Consiste na integração cognitiva do objeto representado a um sistema de pensamento social preexistente. Ancorar é encontrar um lugar para encaixar o não familiar, é pegar o concreto e lhe atribuir um sentido.

Jovchelovitch (1995, p. 81) diz que esses dois processos “[...] são as formas específicas em que as representações sociais estabelecem mediações, trazendo para o nível quase material a produção simbólica de uma comunidade e dando conta da concreticidade das representações sociais na vida social”.

3.2 AS FUNÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Tendo sido apresentadas até o momento considerações que nos dão noção do surgimento do estudo específico das representações sociais, do processo de formação da teoria, dos vários conceitos elaborados sobre o fenômeno

representação social e dos processos de formação delas, cabe-nos agora tentar compreender porque as criamos e qual sua função.

Ângela Arruda (1998, p. 72) diz o seguinte: “As representações sociais constituem uma forma de metabolizar a novidade, transformando-a em substância para alimentar nossa leitura de mundo, assim incorporar o que é novo”.

Um primeiro delineamento formal do conceito de representação social nos é colocado por Moscovici quando este, ao debruçar-se sobre a produção de Durkheim, reconhece que as representações coletivas não dariam conta da complexidade das sociedades modernas, cuja realidade social é desafiada constantemente pela presença do novo, do estranho, do não familiar. Esses fenômenos – novos, estranhos, não familiares – de origem e âmbito diversos exigem uma nova compreensão. Com a teoria das representações sociais eles passam a serem vistos sob uma nova perspectiva, uma perspectiva psicossociológica.

Concluimos que, “[...] o propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar”. (MOSCOVICI, 1984a, p. 23 apud SÁ, 1996, p. 35) Este é o motivo porque criamos representações.

Esta criação se dá através e nas dinâmicas de comunicação. É a comunicação o veículo que permite a formação das representações que, por sua vez, tornam possíveis a reconstrução do real. (NÓBREGA, 2001)

Se o estranho não se apresentasse, o pensamento social teria a estabilidade de que Durkheim falava e suas representações coletivas dariam conta de explicá-lo.

Quanto às funções, as representações sociais respondem a duas: contribuem com os processos de formação de condutas e orientam as comunicações sociais. Essas duas funções são delineadas por Moscovici em sua obra *La psychanalyse, son image et son public* (1961).

Abric (2001) apresenta as seguintes funções das representações sociais: função de saber, função identitária, função de orientação e função justificadora.

Ao assumir a função de saber ou cognitiva, as representações permitem compreender e explicar a realidade, permitem que os atores sociais adquiram

conhecimentos e os integrem em um quadro para eles próprios, assim elas facilitam a comunicação social.

Como função identitária, elas definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos, salvaguardando a imagem positiva dos mesmos.

A função de orientação permite que as representações guiem os comportamentos e as condutas dos indivíduos, elas são um guia para a ação. (ABRIC, 2001)

Finalmente, a função justificadora permite a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos por parte dos sujeitos, assim como a manutenção ou reforço dos comportamentos de diferenciação social assumidos pelos grupos sociais ou pelos indivíduos.

A diversidade de fenômenos na sociedade contemporânea, a exemplo de questões ambientais, os problemas relacionados à identidade social, entre outros, têm induzido estudiosos à busca de caminhos que levem ou os aproximem da compreensão destes fenômenos, assim como da compreensão dos sujeitos sociais sobre tais fenômenos.

A teoria das representações sociais, ao romper com a dicotomia entre objetividade e subjetividade, ao permitir a apreensão dos fenômenos psicológicos em sua dimensão social, tem se configurado num paradigma de grande relevância nessa incessante busca.

Ela abre espaço e, ao mesmo tempo, exige o exercício da interdisciplinaridade. Enfatizando o processo comunicacional – as representações são construídas via comunicação – obrigam o diálogo e a troca.

Trata-se, entretanto, de um campo bastante complexo e até mesmo controvertido. As críticas dirigidas à teoria das representações sociais não são poucas. Questionam-se a falta de clareza conceitual, a falta de rigor metodológico, a questão do modismo e a grande recorrência à teoria, entre outras coisas.

O fato é que o novo é sempre desestabilizante, inquietante. Muitas das questões postas pelos críticos da teoria têm sido superadas ao longo dos quarenta anos da mesma, além de que, muitas delas derivam da crítica mais geral feita aos métodos qualitativos, ou ainda, aos estudos das questões ditas subjetivas.

A teoria tem, de fato, causado impacto na produção científica. O Brasil, especificamente, tem assistido a formação de uma verdadeira escola de representações sociais, haja vista a diversidade de objetos que têm sido vislumbrados à luz da teoria e das diferentes áreas do conhecimento que recorrem à mesma.

Estudiosos como Celso Pereira de Sá e Angela Arruda têm se debruçado na construção de estudos sobre a produção científica em representações sociais no Brasil, a exemplo do artigo *O estudo das representações sociais no Brasil* (SÁ; ARRUDA, 2000), em que constatam que a teoria das representações sociais se consolida cada vez mais, esperando-se, inclusive, a inserção da produção brasileira no cenário internacional.

Trata-se, efetivamente, de um campo de estudo novo e desafiante, que tem exigido aprofundamentos, epistemológico e metodológico, mas que já tem permitido grande produção, favorecendo a compreensão da realidade social.

A realização deste estudo nos mobiliza a mergulharmos mais ainda neste instigante e desafiador campo do conhecimento.

3.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS 4 PILARES DA EDUCAÇÃO

Dentre os seus diversos papéis, consiste a Educação dotar a humanidade da capacidade de definir de forma responsável e participativa, seu desenvolvimento.

A Educação é a ferramenta indispensável para a construção de ideias de paz, liberdade e justiça social, e deve adaptar-se constantemente as mudanças da sociedade.

Dentre os aspectos acima mencionados, os 4 Pilares da Educação, resultantes de estudos que levaram a elaboração de um Relatório para a Unesco (DELORS, 1998) trazem no seu conteúdo os elementos necessários para a solução dos problemas e conflitos da humanidade, destacando a importância da Educação para a solução dos mesmos.

3.3.1 Aprender a Conhecer

Consiste na aquisição de saberes que levem o indivíduo a conhecer, compreender o mundo para viver dignamente e desenvolver suas capacidades para se comunicar, conhecer e descobrir, exercitando a atenção, a memória e o pensamento.

3.3.2 Aprender a Fazer

Indissociado do Aprender a Conhecer, o Aprender a Fazer está ligado a formação profissional e a aplicação dos conhecimentos em benefício da humanidade.

3.3.3 Aprender a Viver

A Educação capaz de evitar conflitos, ensinando a não violência, apesar da história da humanidade ser conflituosa.

A Educação deve incentivar o respeito as diferenças étnicas, religiosas, de classes sociais.

3.3.4 Aprender a Ser

A Educação deve contribuir para o desenvolvimento total das pessoas, preparando-as para se tornarem indivíduos autônomos e críticos, capazes de decidirem sobre suas vidas.

3.4 A CARTA DA TERRA

A Carta da Terra é uma declaração de princípios éticos fundamentais para a construção, no século 21, de uma sociedade global justa, sustentável e pacífica. Busca inspirar todos os povos a um novo sentido de interdependência global e responsabilidade compartilhada voltado para o bem-estar de toda a família humana,

da grande comunidade da vida e das futuras gerações. É uma visão de esperança e um chamado à ação.

Se preocupa com a transição para maneiras sustentáveis de vida e desenvolvimento humano sustentável. Integridade ecológica é um tema maior. Entretanto, *A Carta da Terra* reconhece que os objetivos de proteção ecológica, erradicação da pobreza, desenvolvimento econômico equitativo, respeito aos direitos humanos, democracia e paz são interdependentes e indivisíveis. Consequentemente oferece um novo marco, inclusivo e integralmente ético para guiar a transição para um futuro sustentável.

É resultado de uma década de diálogo intercultural, em torno de objetivos comuns e valores compartilhados. O projeto da *Carta da Terra* começou como uma iniciativa das Nações Unidas, mas se desenvolveu e finalizou como uma iniciativa global da sociedade civil. Em 2000, a Comissão da *Carta da Terra*, uma entidade internacional independente, concluiu e divulgou o documento como a carta dos povos.

A redação do documento *A Carta da Terra* envolveu o mais inclusivo e participativo processo associado à criação de uma declaração internacional. Esse processo é a fonte básica de sua legitimidade como um marco de guia ético. A legitimidade do documento foi fortalecida pela adesão de mais de 4.500 organizações, incluindo vários organismos governamentais e organizações internacionais.

À luz desta legitimidade, um crescente número de juristas internacionais reconhece que a *Carta da Terra* está adquirindo um status de lei branca (*soft law*). Leis brancas, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos são consideradas como moralmente, mas não juridicamente obrigatórias para os Governos de Estado, que aceitam subscrevê-las e adotá-las, e muitas vezes servem de base para o desenvolvimento de uma lei *stritu senso* (*hard law*).

Neste momento em que é urgentemente necessário mudar a maneira como pensamos e vivemos, *A Carta da Terra* nos desafia a examinar nossos valores e a escolher um melhor caminho. Alianças internacionais são cada vez mais necessárias, e *A Carta da Terra* nos encoraja a buscar aspectos em comum em meio à nossa diversidade e adotar uma nova ética global, partilhada por um número

crescente de pessoas por todo o mundo. Num momento onde educação para o desenvolvimento sustentável tornou-se essencial, *A Carta da Terra* oferece um instrumento educacional muito valioso.

3.5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A análise do conteúdo das entrevistas realizadas com os sujeitos, objeto do estudo, foi revelador de aspectos fundamentais relativos a prática de esporte por comunidades indígenas, e sua ótica sobre as representações sociais.

Esse capítulo aborda as falas dos entrevistados, respondendo às cinco perguntas que nortearam a questão geradora: **1. Para você, o que é esporte? e o que é jogo?. 2. Qual é a diferença entre o esporte que é praticado pelos indígenas e o esporte praticado pelos não índios?. 3. O quê que você busca através do esporte?. 4. Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena?. 5. Se você for Ministro(a) do Esporte, o que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?**

As respostas obtidas me permitiram compreender a necessidade urgente de implantação de uma política de esporte para comunidades indígenas, pautada no respeito a cultura dos povos indígenas.

DETALHAMENTO DE CADA PERGUNTA:

1ª PERGUNTA: Para você é esporte? e o quê que é jogo?

Resposta de **Francisco, da etnia “Xokó”, de Sergipe SE.**

FRANCISCO –Bem, esporte pra mim é, são práticas que vem a melhorar o corpo humano, vem a melhorar a mente, jogos são competições que nos levam a objetivos, ou seja, vencer.

Resposta de **“Luis Macuxi” da etnia “Macuxi” de Roraima - RR.**

LUIS – O esporte pra mim é o esporte em si tradicional, e jogo tradicional da gente eu não vejo diferença entre os dois.

Resposta de **Roberto, da etnia “SaterêMaués” de Paritins, Amazonas - AM.**

ROBERTO - O esporte é aquilo que se faz, é quase dentro das suas atualidades. Primeiro você pode praticar esporte de vários tipos seja ele profissional seja ele

peçoal, então o esporte hoje a gente conhece mais através da mídia, da televisão, dos jogos profissionais e também se pratica esporte pela parte do mundo quase, então o tem o esporte profissional e tem o esporte “amadorista” que poderíamos, dizer né? Que podemos dizer, classificar como esporte profissional e esporte mesmo que se faz por esporte. E o jogo entendo que há essas duas coisas né? Dentro da nossa cultura geralmente não se fala muito em esporte, vamos jogar. Então acredito que essa expressão se usa muito nas etnias: jogo. Hoje vamos ter um jogo com o time tal, então eu acho que não andam muito longe as duas coisas de esporte pra jogo, né? Agora tem que fazer a separação entre profissional e a esportiva mesmo.

Resposta de Manoel, da etnia “Krahô” do Tocantins - TO.

MANOEL - Esporte é tipo ... na verdade nosso tradição, esporte. A gente fala mais de esporte, nosso esporte hoje são “kateni” e “uacuiê” é tipo jogo, é esporte, futebol e a gente disputa na nossa cultura se chama “kateni” e “uacuiê”. E esporte já é igual, igualzinho, cada time vai disputar, ganhar e classificar. Nosso esporte mais praticado é corrida de tora, a gente tem dois participantes que disputam direto assim, todo ano.

Resposta de Júlio, da etnia “Xavante”, de Barra do Garça - Mato Grosso – MT.

JÚLIO – Esporte pra nós é manifestações culturais, está dentro da nossa manifestação cultural, está na cerimônia, ritual e esporte acho que está dentro dessas manifestações culturais, dando exemplo, uma corrida de tora de buriti é manifestação culturais e dentro há disputa de grupo, quatro grupos de um lado e quatro de outro, é uma disputa mas para não indígena, não xavante vê como não esporte, mas pra nós é um jogo, uma manifestação cultural, é tudo. Então eu acho que a diferenciação ali ninguém ganha, não tem lucro, não é financiável, ali é uma atividade cultural mesmo. Então dentro disso tem o esporte, tem doação, tem tudo.

Resposta de Mário, da etnia “Terena”, do Mato Grosso do Sul – MS.

MÁRIO – A diferença de esporte pra jogo pra nós aqui, esporte tem várias esportes né? Por exemplo tem handball, tem futebol, tem volei, são vários tipos de esporte. O jogo é uma competição, é isso que a gente entende, o esporte tem vários tipos de esporte e o jogo é um tipo de competição.

Resposta de Juarez, da etnia “GalibiMarworno” do Amapá - AP.

JUAREZ – O esporte é tudo pra nós povos indígenas, é toda manifestação cultural, é toda nossa apresentação, dentro das nossas comunidades, é o que a gente faz, é nossa dança, o arco e flecha, corrida com tora, corrida com os machinhas, é isso que é o nosso esporte dentro da nossa cultura. O jogo é a disputa que há entre nós, a disputa, cada povo, cada comunidade, cada etnia apresenta assim, essa disputa, essa igualdade de disputa, cada uma quer fazer melhor, cada uma quer apresentar melhor, não é uma disputa de campeonato mas é uma disputa onde cada uma quer ser mais bonita, cada uma quer fazer melhor, é isso que é uma disputa pra nós, o jogo.

Resposta de Eduardo, da etnia “kaiabi” do parque do Xingu - Mato Grosso – MT

EDUARDO – Pra mim esporte é tanto como esporte indígena muito importante pra nos praticar esse esporte. Primeiro queria dizer assim que esporte é um ensino para os jovens, que os mais velhos passam seus aprendizados para os mais novos que não tem conhecimento ainda de praticar esses tipos de esporte como campeonato de flecha e até mesmo outra atividade que agente praticamos. É muito importante, é importante a gente aprender o esporte de flecha pra gente tá assim aprendendo e praticando as coisas da gente, então por isso é muito importante pra nós que os mais pequenos, os jovens que estão crescendo, assim eles vão aprendendo para caminhando para levar sua vida futuramente. Para cuidar da própria família dele. Então é muito importante esporte da flechada pra mim. O jogo é como um jogo de futebol? Então o jogo de futebol lá não tem pra gente esse jogo que está na comunidade indígena agora, ele é adotado do homem branco. A gente aprendemos assistindo jogo do homem branco, então, olhando e aprendendo e entrou na comunidade indígena e foi adotado e eles estão praticando esse jogo, o futebol.

Resposta de Wilton, da etnia “katanua”, do Acre- AC.

WILTON –Pra mim o jogo ele é [...] porque a vida da gente pra mim é um jogo, se você sabe jogar você é campeão. Agora para nós o esporte, ele chegou na nossa terra como uma escola de saber educar. O futebol de indígena, sempre lutando assim pelo preconceito sobre os “naua” mas a gente tá construindo e tá conseguindo quebrar isso e levando o nosso futebol e pratica naquilo que a gente hoje o ministério vê isso que nós temos, o ministério do esporte, então a gente hoje está montando uma seleção indígena para poder disputar o mundial.

Resposta de Paulo, da etnia “Guarani” de São Paulo- SP.

PAULO – Bom pra mim esporte é quando se faz assim alguma coisa assim sem pensar, só por fazer, competir sem respeito e eu acho que esporte já tem a ver com respeito, você vai ali praticar, competir com parente, ou seja, com outra pessoa que for, você vai competir, se ganhar tudo bem, se não ganhar tudo bem, você tá pra sua alegria, você vai competir com harmonia, em harmonia com pessoas ali, não vai ter briga, todo mundo é igual. Então esporte pra mim é competir com carinho, com amor, eu acho que é isso. E o que é jogo? Eu acho que esporte foi aquilo que eu falei antes, você praticar sem respeito e jogo é quando você pratica com amor, com objetivo, com objetivo de ganhar, não importa se ganhar ou não o objetivo é celebrar, isso pra mim que é jogo.

Resposta de Rodolfo, da etnia “Umatina” do Mato Grosso - MT.

RODOLFO – O esporte pra mim, assim pela aldeia, é mais diversão. É difícil agente competir um esporte muito serio na aldeia, é mais pra divertir mesmo o dia inteiro. E jogo é mais o futebol, a pratica de corrida mesmo, é mais por brincadeira e também por bem estar na aldeia que é sempre bom também.

Resposta de Antônio, da etnia “Menac”. do Mato Grosso - MT.

ANTÔNIO – O principal pra nós povos indígenas é tudo igual a gente participa de campeonatos, cada aldeia faz campeonato seus.

Resposta de Wilson, da etnia “Uai Uai”, do Pará - PA

WILSON – Bom, na verdade eu, porque eu gosto muito dos povos indígenas que estão aqui, eu sou tribo uai uai, ai eu gosto muito pra gente mostrar cultura, mostrar jogando futebol do esporte, gosto muito.

Resposta de Maria, da etnia “Tupinambá” de Ilhéus – Bahia - BA.

MARIA – O esporte [...] o quê que eu vejo como jogo? Para nós lá, o esporte indígena, a gente trabalha com um grupo de jovens e tem oito anos que estamos fazendo esse trabalho e pra mim os jogos em aprendizado porque ali a gente aprendeu muito como buscar força com a natureza, é a resistência né? A perseverança de continuar ainda mais que a gente sofre muito no Sul da Bahia pelo fato de ainda estarmos em áreas ainda há ser demarcadas, então é um grande incentivo pros jovens o jogo, através dos jogos, voltar a cultuar a sua cultura.

Resposta de Jairo, da etnia “Potiguara”, da Paraíba - PB.

JAIRO - Eu acho que esporte é toda aquela pratica que trás o bem para... quando a pessoa física quando como até mesmo espírito de uma pessoa, de uma sociedade. E o jogo é questão de disputa, pra mim o jogo tem tudo a ver com disputa entre as pessoas, um exemplo, como a gente vê o futebol que esta mais na realidade de disputa mesmo, nas televisões, no dia a dia, existe essa diferença ai.

2ª PERGUNTA: Qual é a diferença entre o esporte que é praticado pelos indígenas e o esporte praticado pelos não índios?

Resposta de Francisco, da etnia “Xokó”, de Sergipe SE.

FRANCISCO – A grande diferença é que o esporte praticado por índio, o grande objetivo é respeitar, é participar. E vejo principalmente imagens de televisão, em partidas de futebol, aquilo ali já não é mais esporte, aquilo ali já é mais um guerra.

Resposta de “Luis Macuxi” da etnia “Macuxi” de Roraima - RR.

LUIS – A diferença praticada pelos indígenas é [...] lá em Roraima, poucos esportes tradicionais agente praticamos que é dos esportes indígenas. A gente só usa pra aprender a participar mas a maioria dos esportes dos não índios como futebol de campo, futsal, vôlei nós temos três atletas que já se destacaram que foram daqui para os Estados Unidos, para Cuba, também veio para Rio, veio para Minas Gerais, uma jovem de 14 anos que se destaca em Maratona. Então o esporte nosso tradicional é praticado pra não perder o costume, mas pra gente hoje o esporte tá o mesmo que os brancos praticam, o esporte mesmo já terceirizado, a gente pratica esporte assim só pra não perder o costume quando a gente faz um evento apesar de

ser uma disputa a gente pratica pra não perder a tradição mas agente hoje já está bem.

Resposta de Roberto, da etnia “SaterêMaués” de Paritins, Amazonas - AM.

ROBERTO - Bom, eu acredito que pelo, vou dizer pelo “homem branco”, hoje eles fazem muito profissionalmente como a sua profissão, já no esporte indígena se faz muito por tradição, sempre se busca, a pessoa passa quase o dia todo nas suas atividades, como nas suas roças e sempre tira um tempinho para jogar seu futebol, fazer uma prática de esporte, entendeu? Então eu acredito que nós povos indígenas procuramos buscar essa alternativa. De criar um esporte que não saia muito de nossa cultura, nossos limites e eu acredito que os jogos dos povos indígenas é uma oportunidade muito grande, um exemplo muito grande do que já acontece a vários anos.

Resposta de Manoel, da etnia “Krahô” do Tocantins - TO.

MANOEL - Na verdade, eu acho que a cultura é diferente, esportes é muito diferente, é mais conflito, é cartão amarelo. No nosso esporte não tem rasteira.

Resposta de Júlio, da etnia “Xavante”, de Barra do Garça - Mato Grosso – MT.

JÚLIO – A diferença é [...] do esporte entre o mundo envolvente, para o xavante é aquilo que eu falei é movido pela cultura e serve para formação humana, quer dizer, a gente pratica, começa praticar o esporte num determinado tempo, vai acompanhando o crescimento do corpo, de acordo com o crescimento o menino ou a menina vai adquirindo aquele conhecimento, vai querendo que aquilo ... ele vê que está pronto pra praticar aqueles jogos. Enquanto que a diferença entre lá dos brancos, é movido pelo capitalismo, é dinheiro, ninguém ali pratica por querer, é querendo ganhar dinheiro, então se não jogar bem não vai jogar, se não treinar bem não vai treinar, então essa é a diferença muito grande e acho que este mundo criou-se atorcida, a febre, a violência até de torcida, nós não, a gente discute ali com aqueles que não competiu bem, a gente ensina “na próxima você ganhar” é assim que vai falando, é assim que me preparo e tal taltal, de todo jeito. É ligado ao universo do xavante, no caso, todo mundo envolvido, eu acho que é isso.

Resposta de Mário, da etnia “Terena”, do Mato Grosso do Sul – MS.

MÁRIO – A diferença é que antes da gente praticar, a gente faz o nosso ritual, essa é a grande diferença. A gente busca orientação primeiro ao nosso pajé e depois a gente faz o nosso ritual, essa é a grande diferença dos esportes do não indígena pro nosso.

Resposta de Juarez, da etnia “GalibiMarworno” do Amapá - AP.

JUAREZ – O esporte pra nós é assim diferente por que assim a gente não realiza assim, não faz, disputa de campeonato, não disputamos, não celebramos certa disputa. Quero dizer ganhar, ser campeão, entre nós não existe campeão, existe interrelação, intercambio de culturas, a fusão de culturas, intercambio de culturas entre os povos.

Resposta de Eduardo, da etnia “kaiabi” do parque do Xingu - Mato Grosso –MT

EDUARDO – Então, o esporte indígena pra mim ele mostra uma tradição né? Ele mostra assim, um ensino e respeito também pelas pessoas que estão aprendendo o esporte indígena, então é muito importante a pessoa que pratica esporte ela tem que saber o que ela está buscando dessa parte de esporte indígena porque ela traz muito respeito dentro da sua família, dentro da sua comunidade. Quando você vê uma pessoa sendo bom esporte, o nome dela espalha pra todo canto, ela mostra um respeito e ensina a ser fundamental a nós jovem que aprende esporte indígena, agora na parte do jogo futebol, eu acho ela é um pouco assim, quero dizer, nós jovens quando a gente pratica um jogo de não índio, como futebol, a gente esta desrespeitando os nossos velhos tradicionais, então ela traz um pouco assim de desrespeito na nossa comunidade, então assim que eu vejo na parte de futebol.

Resposta de Wilton, da etnia “katanua”, do Acre- AC.

WILTON – O esporte indígena, ele é praticado por nós, pra mim eu acho, não sei porque morei *muito tempo no meio dos brancos, mas pra mim é a mesma coisa só* que tem uma diferença quando se encontra com os parentes, porque é diferente o ritual. Mas também tudo é um meio de aprendizagem na vida da gente.

Resposta de Paulo, da etnia “Guarani” de São Paulo- SP.

PAULO – Eu acho que nem eu, vim aqui pra mim correr 4.000 km, eu acho que o jogo praticado por nós, eu vim aqui mas minha intenção não é ganhar, levar troféu pra casa, eu vim aqui porque sou feliz, gosto de correr, correndo pra mim já esta bom, ganhando pra mim não importa e eu acho que o jogo que os brancos praticam eles são atletas profissionais, então o objetivo deles é ganhar, então eles vão pra ganhar mesmo e não tem diversão pra eles e a gente só compete por diversão mesmo.

Resposta de Rodolfo, da etnia “Umatina” do Mato Grosso - MT.

RODOLFO – Na minha opinião não existe muita diferença porque quase sempre são os mesmo esportes, dentro da mesma modalidade, muda pouca coisa porque o nosso envolve mais força, mais raça mesmo e as regras porque os nossos esportes quase não tem regras igual ao dos não índios.

Resposta de Antônio, da etnia “Menac”. do Mato Grosso - MT.

ANTÔNIO –Diferença... mesmo jeito.

Resposta de Wilson, da etnia “Uai Uai”, do Pará - PA

WILTON –Diferente como os outros?É, pois é, porque eu, antigamente a gente brincava com as bolas de borracha, seringueira e agora a gente tá jogando como branco, com as bolas de futebol, como os brancos... a gente tá gostando de jogar futebol agora, a gente quer jogar futebol como os brancos, entendeu? Agora tem nossa bola já, as bolas dos brancos, gostamos disso e a gente vai aprendendo como os brancos.

Resposta de **Marina, etnia “Tupinambá” de Ilhéus – Bahia - BA.**

MARIA – A diferença é que o não índio a maioria dos jogos é pra competir né? É pro lado de competição, no lado também em relação ao capital, envolve muito capital. E no nosso não, no nosso é celebração, a gente faz porque gosta e não para competir com os parentes, é pra celebrar. A gente faz pra mostrar um pouco de cada um que, a gente tem várias etnias no Brasil diferente, então cada um, cada povo vem mostrando um pouco da sua cultura, da sua habilidade, seja porque tem uns que tem mais habilidade com o arco e a flecha, outros tem mais habilidade com a corrida de tora, então um ensinando ao outro essa diversidade cultural que temos aqui no Brasil.

Resposta de **Jairo, da etnia “Potiguara”, da Paraíba - PB.**

JAIRO - Eu acredito que o indígena eles tem uma cultura, tem algo diferente entre si e quando eles praticam esporte é pela alegria, pela vivencia entre o povo da aldeia sem aquela questão de tá disputando algo é mais pela felicidade de estar junto, estar reunidos e tá mostrando um pouco da sua capacidade como indígena.

3ª PERGUNTA: O quê que você busca através do esporte?

Resposta de **Francisco, da etnia “Xokó”, de Sergipe SE.**

FRANCISCO - Eu busco é conhecimentos, busco melhorias e práticas do corpo humano.

Resposta de **“Luis Macuxi” da etnia “Macuxi” de Roraima - RR.**

LUIS – A gente tá buscando apoio, apoio em cima de futebol, apoio em cima de maratona, pros atletas, principalmente pros governos que hoje, com o ministro dos esportes hoje pode apoiar lá principalmente nas comunidades indígenas aonde se destacam muito a gente tá sem a apoio e tá indo atrás desses apoio, buscar com os governos federais, estaduais, municipais, tá indo atrás disso.

Resposta de **Roberto, da etnia “SaterêMaués” de Paritins, Amazonas - AM.**

ROBERTO - Bom, eu acredito que dentro desse contexto muitas pessoas já tem algum lado profissional mesmo alguns atletas indígenas e outros vem mesmo pra fazer uma troca de intercâmbio cultural, ver, conhecer a realidade de outros povos indígenas, então eu acredito que é uma oportunidade também dentro desse cenário de repente você encontra uma alternativa profissional pra você dentro da sua realidade, do seu esporte, eu vejo desse lado assim.

Resposta de **Manoel, da etnia “Krahô” do Tocantins - TO.**

MANOEL - Assim se fosse por exemplo se fosse cacique, viria muita coisa diferente, Estado diferente, pessoa diferente, conhecer né? Eu tô vendo muita coisa diferente e tô gostando, muito.

Resposta de Júlio, da etnia “Xavante”, de Barra do Garça - Mato Grosso – MT.

JÚLIO – Eu busco essa manifestação né? Eu fui um praticante fervoroso, eu fui um atleta da minha cultura, eu superei o meu limite, eu corria mais porque eu corria mais, eu sempre procurei correr mais do que eu corria, ou seja, com tora de buriti, seja eu mesmo assim, sempre procurando atingir o limite que eu tenho, quer dizer, to falando de mim mas os meus colegas, o meu grupo, sempre é assim. Quem corria mais sempre procurava atingir a resistência dele, quem corre mais não tem a mesma resistência daquele que corre menos, sempre há diferenciação. Eu procurei assim o limite do que eu poderia atingir. Dentro do esporte padronizado de vocês eu procuro o melhor, sempre o melhor. Eu compreendi a regra, já compreendi e as vezes a gente procura ganhar né? Dentro da padronização, dentro das regras mas esse nosso espírito de guerreiro é favorável a tipo de esporte coletivo tipo o futebol, o volei, o nosso sangue ferver quando a gente pratica esse esporte. Mas a gente tem superado a mania de se vencer, de se esfriar, a gente não superou ainda acho que quando superarmos vamos ser o melhor atleta. Se a gente trabalhar também, se não trabalhar vamos ser assim, por diversão mesmo porque não se fala “temos que ser profissional” eu acho que por ser atleta somos profissional mas psicologicamente ainda não somos, eu acho que essa é a diferença de se trabalhar.

Resposta de Mário, da etnia “Terena”, do Mato Grosso do Sul – MS.

MÁRIO – Bom, como eu tava falando, a gente busca primeiro orientação e depois pratica, faz tipo, pense por exemplo nós podemos praticar esporte, se eu não conheço você através do esporte a gente faz amizade, faz tipo confraternização, aí aprende muito no esporte.

Resposta de Juarez, da etnia “GalibiMarworno” do Amapá - AP.

JUAREZ – A gente busca desenvolvimento, crescimento. Através do esporte a gente vai apresentara nossa cultura, nossa dança, isso pra nós é um aprendizado muito grande, uma valorização e além de tudo um aprendizado, um crescimento, um desenvolvimento. Por exemplo, nossos artesanatos são belíssimos, no Brasil nós temos muitos povos de várias etnias e cada um tem um artesanato muito lindo, muito bonito e em muitos povos essa cultura tá morrendo, está acabando, é uma maneira assim de resgatar, isso pra nós que representa tudo isso.

Resposta de Eduardo, da etnia “kaibi” do parque do Xingu - Mato Grosso –MT

EDUARDO – Através do esporte eu busco conhecimento, historia, porque dentro de ensinamento de cada tipo de esporte a pessoa que ensina esporte ela conta história, então assim, eu busco esse conhecimento.

Resposta de Wilton, da etnia “katanua”, do Acre- AC.

WILTON - Eu busco pra mim mesmo, eu busco se divertir, é brincar, compartilhar mas as pessoas que estão entrando no nosso grupo buscam um futuro de vida pra eles, que do jeito que tá tendo esse mundial muitos jovens indígenas podem tá sendo conhecido e tendo uma carreira profissional no futebol.

Resposta de Paulo, da etnia “Guarani” de São Paulo- SP.

PAULO – O que eu busco através do esporte é, como eu já costumo ver televisão, eu vejo os atletas, eu vejo que eles buscam, como que posso falar, buscam pra que as pessoas reconheçam eles como atleta, como profissional. Eu já não, vim aqui mostrar minha cultura pra que os brancos, os não índios, respeitem mais a identidade do índio e pra mim é isso que eu busco em jogos.

Resposta de Rodolfo, da etnia “Umatina” do Mato Grosso - MT.

RODOLFO – Busca o que todo mundo busca, saúde em primeiro lugar, o que é sempre bom e ter mais destaque em todos os esportes também.

Resposta de Antônio, da etnia “Menac”. do Mato Grosso - MT.

ANTÔNIO – Ganhar.

Resposta de Wilson, da etnia “Uai Uai”, do Pará - PA

WILSON – Você participando dos jogos, vocês tem visto se há um respeito a sua cultura durante os jogos?

Resposta de Maria, da etnia “Tupinambá” de Ilhéus – Bahia - BA.

MARIA – Nós estamos querendo, jovens, queremos implantar também, dentro da nossa comunidade o primeiro jogo que a gente ainda não realizou, dentro da nossa aldeia, uns jogos indígenas. Então o quê que a gente quer: a partir dos jogos implantar o interesse nos alunos, trabalhar nossas escolar indígenas, incluir não só o esporte do branco, o futebol dos Estados Unidos, mas sim uma corrida de maracá, uma corrida rústica mais o nosso estilo porque lá pra jogos indígenas tudo a gente veste nossos adereços, inclusive a tanga, não é short é tanga, faz tudo, de futebol a corrida, tudo é com a tanga e além disso nesse jogos a gente busca energias porque a gente está nos reforçando não só fisicamente como também a nossa aura, a nossa alma, porque ali toda vez antes de entrar numa arena antes de começar os jogos, a gente busca forças né, busca forças da natureza por isso é muito importante implantar os jogos indígenas dentro de nossa aldeia tupinambá.

Resposta de Jairo, da etnia “Potiguara”, da Paraíba - PB.

JAIRO - Eu busco, como havia falado, mostrar um pouco da minha capacidade de resistência é como indígena principalmente, porque muitos, como a gente sabe, acha que o indígena tampouco a demonstrar pro povo mas a gente na realidade, quem está aqui nesses jogos, vê que é diferente, que cada indígena tem um potencial entre sim.

4ª PERGUNTA: Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena?

Resposta de **Francisco, da etnia “Xokó”, de Sergipe SE.**

FRANCISCO – Sim! Não vou dizer aqui que 100% mas vejo que existe respeito.

Resposta de **“Luis Macuxi” da etnia “Macuxi” de Roraima - RR.**

LUIS – Tem sim, tem sim. Na minha comunidade, em Roraima, eles tem respeito ao nosso esporte em cima de esportes tradicionais, a gente tem uma regra, um regulamento, a gente respeitamos nossa tradição também respeitando os esportes de não índios, respeitamos o regulamentos, a gente estuda muito então a gente tem respeito sim, a gente respeita muito principalmente na nossa comunidade. No nosso esporte tradicional.

Resposta de **Roberto, da etnia “SaterêMaués” de Paritins, Amazonas - AM.**

ROBERTO – Bom hoje já se faz muito mais, eu vejo assim que não existe assim não muito respeito dentro dos jogos, aqui sim entre os povos indígenas ainda tem a palavra do pajé, a abertura, eu vejo em outras atividades dos povos indígenas que não existe muito isso, o esporte já se tornou tipo uma briga e isso é ruim para a cultura, temos que praticar esporte na maneira saudável então eu acredito que procurando esses meios o esporte é uma ato de a gente sobreviver bem e viver bem com saúde também.

Resposta de **Manoel, da etnia “Krahô” do Tocantins - TO.**

MANOEL - Sim, com certeza. Porque cada pessoa esta respeitando a outra, cada etnia tem um jeito e o branco tem outro e a gente tem que respeitar e considerar as coisas.

Resposta de **Júlio, da etnia “Xavante”, de Barra do Garça - Mato Grosso – MT.**

JÚLIO – Não. Eu não acho porque o xavante que está aqui, se chegasse um xavante mais xavante, fora o que está aqui, ia querer participar, porque o esporte pra nós é o coletivo, tem seus membros naquele esporte, não é uma coisa definida, definida dentro no nosso mundo, então, não tem que definir pra participar aqui, não pode definir. Aquele grupo vai, só aquele mesmo, mas quem sabe, quem vai dizer se aquele mesmo são nós. Não se pode definir, nós que vamos definir se aquele grupo que está aqui compartilha a esta regra que nós criamos para praticar esportes , como por exemplo corrida com tora de buriti. Eu acho que nesse sentido não se respeitou, eu acredito que outra etnia também tem essa liberdade de se praticar, tá limitado pra participar dos jogos indígenas.

Resposta de **Mário, da etnia “Terena”, do Mato Grosso do Sul – MS.**

MÁRIO – Tem muito respeito. A gente respeita muito na questão assim, tem muito respeito.

Resposta de **Juarez, da etnia “GalibiMarworno” do Amapá - AP.**

JUAREZ – Muito! Respeito porque naquele momento nós somos assim uma exposição de valor, de povos, de ser humano, de cidadania para a sociedade. A gente abre as portas, abre o coração pra mostrar a beleza de um povo que está na história, que está na cultura, é isso.

Resposta de **Eduardo, da etnia “kaiabi” do parque do Xingu - Mato Grosso –MT**

EDUARDO – Existe. Existe muito assim. É mais respeitado a família de uma pessoa, ou se não, mesmo que acontece dentro da etnia quando morre uma família da pessoa. Na parte desse daqui o esporte tem que parar pra respeitar essa norma de tradição mesmo da cultura.

Resposta de **Wilton, da etnia “katanua”, do Acre- AC.**

WILTON - Existe o respeito, porque assim para nós entrar nos jogos pintados é um respeito pra nós, é a nossa cultura, nossa tradição, então pra nós é um respeito muito grande a gente tá entrando e as pessoas respeitando nós, como a gente é.

Resposta de **Paulo, da etnia “Guarani” de São Paulo- SP.**

PAULO – Eu acho que já fui em vários jogos já, então a experiência que eu tenho é que alguns, quando teve em Fortaleza eu fui também e acho que foi um dos melhores por que a estrutura era melhor, as ocas eram bem mais atendidos, como que posso falar, era mais prioridade pra gente. Mas tem alguns jogos que não... a gente não ta sendo muito respeitado.

Resposta de **Rodolfo, da etnia “Umatina” do Mato Grosso - MT.**

RODOLFO – Eu acho que já fui em vários jogos já, então a experiência que eu tenho é que alguns, quando teve em Fortaleza eu fui também e acho que foi um dos melhores por que a estrutura era melhor, as ocas eram bem mais atendidos, como que posso falar, era mais prioridade pra gente. Mas tem alguns jogos que não... a gente não ta sendo muito respeitado.

Resposta de **Antônio, da etnia “Menac” do Mato Grosso - MT.**

ANTÔNIO –Tem.

Resposta de **Wilson, da etnia “Uai Uai”, do Pará - PA**

WILSON – É porque eu, a gente tem respeito a nossa cultura, nossos jogos também, porque a gente tá jogando bem, só que fala assim, como é que é, meu tribo está querendo jogar melhor, qualquer coisa não bate os pessoal.

Resposta de **Maria, da etnia “Tupinambá” de Ilhéus – Bahia - BA.**

MARIA – O esporte... o quê que eu vejo como jogo? Para nós lá, o esporte indígena, a gente trabalha com um grupo de jovens e tem oito anos que estamos fazendo esse trabalho e pra mim os jogos em aprendizado

porque ali a gente aprendeu muito como buscar força com a natureza, é a resistência né? A perseverança de continuar ainda mais que a gente sofre muito no Sul da Bahia pelo fato de ainda estarmos em áreas ainda há ser demarcadas, então é um grande incentivo pros jovens o jogo, através dos jogos, voltar a cultivar a sua cultura.

Resposta de **Jairo, da etnia “Potiguara”, da Paraíba - PB.**

JAIRO – Eu acredito que sim. Pela maioria que estão aqui existe um respeito porque cada um quer queira quer não tem uma especificidade, tem uma maneira de fazer, uma maneira de fazer esporte, uma maneira diferente, mesmo que seja uma coisa que todos estejam aqui reunidos pra fazer mas cada um tem a sua diferença.

5ª PERGUNTA: Se você for Ministro do Esporte, o que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

Resposta de **Francisco, da etnia “Xokó”, de Sergipe SE.**

FRANCISCO – Tentar de certa forma passar aos poucos para os brancos o que realmente os índios praticam, o que realmente é esporte e investiria, investia mais no esporte indígena porque mais do que tudo existe respeito.

Resposta de **“Luis Macuxi” da etnia “Macuxi” de Roraima - RR.**

LUIS – Se eu fosse ministro hoje, eu daria apoio como um evento como esse que iniciou ontem aqui, fazer a primeira olimpíada tradicionais indígenas no extremo norte de Roraima, porque hoje o senhor sabe que o mundo hoje tem muitas drogas, muitas bebidas alcoólicas,tudo. Então tirar as crianças das ruas e fazer uma olimpíadas dessas, fazer uma abertura dessas que possa continuar com o esporte em nossa comunidade.

Resposta de **Roberto, da etnia “SaterêMaués” de Paritins, Amazonas - AM.**

ROBERTO - Bom, seu eu fosse ministro do esporte eu procuraria, primeiro buscaria uma alternativa de pessoas que visitassem todas as etnias pra ver como realmente se trabalha o esporte dentro das aldeias e procurar com os governantes maiores, principalmente do esporte, levar mais autonomia para se fazer esporte decente nas comunidades. Não é construir grides, estádios, como está se fazendo, mas sim buscando alternativas para que os jovens indígenas possam participar de atividades. Porque hoje existe muito em todas etnias pessoas profissionais mas como chegar até esse ponto se não for através de alguma fonte? Enfim, acredito que o ministro do esporte deveria trabalhar mais essa parte, buscar mais alternativa se conhecer mais a realidade pra poder colocar isso pra acontecer.

Resposta de **Manoel, da etnia “Krahô” do Tocantins - TO.**

MANOEL - Eu ia botar os povos indígenas na Copa pra participar, teriam só indígenas mesmo de todo estado do Tocantins pra participar dos Jogos Olímpicos que vai acontecer no Brasil em 2016.

Resposta de Júlio, da etnia “Xavante”, de Barra do Garça - Mato Grosso – MT.

JÚLIO –Olha, tudo mudou nesse mundo globalizado, eu incentivaria a formação, como eu sou professor, vou falar da formação. A gente precisa de profissionais de educação física, profissionais de educação física vai falar para nós qual seria nosso aquecimento, preparação antes do jogo, tudo isso não temos ainda, algumas aldeias indígenas nunca tem ouvido falar que tem professor profissional dentro da aldeia, quer dizer, a gente sofre de contusão, a gente não se prepara, a gente perdeu aquele ritmo de antigamente, corria mais, que procura mais, que procura ultrapassar seu limite, a gente não tem mais porque o jovem não se prepara espiritualmente, ele não sabe, não tem noção. Eu incentivaria a formação, nesse sentido, dentro do seu universo, deveria preparar mais competições, não sei, tem vários esportes, manifestações culturais que podem ser direcionadas ao esporte. Eu acho que tem que ser trabalhado isso.

Resposta de Mário, da etnia “Terena”, do Mato Grosso do Sul – MS.

MÁRIO – Se eu fosse Aldo Rebelo, eu ia dar oportunidade dos indígenas competir de igual para igual com os brancos por que eu vejo tem muitos adolescentes novos que são bons de bola, não só bons de bola, bom de arco e flecha, bons de natação e o ministro eu peço que olhe esse lado e de oportunidade a nós indígenas.

Resposta de Juarez, da etnia “GalibiMarworno” do Amapá - AP.

JUAREZ – Com certeza eu faria, buscaria junto a eles com que eles pudessem resgatar sua verdadeira história, sua verdadeira identidade, através do esporte a gente busca essa identidade, resgata nossa identidade através do esporte, nossa cultura, nossa dança. Então com certeza aqui no Brasil os governos não investem, não se preocupam com a cultura dos povos indígenas precisa o governo ter mais, assim, ter os olhares melhores, tem um investimento melhor, então o ministro dos esporte precisa entender, atentar pra isso, pra investir mais no esporte dos povos indígenas para que assim não morresse a cultura deles, não desaparecesse.

Resposta de Eduardo, da etnia “kaiabi” do parque do Xingu - Mato Grosso –MT

EDUARDO – Eu assim, incentivaria, assim, a minha comunidade, os jovens, praticar mais a nossa atividade mesmo indígena como esporte de corrida, de cântico. Tudo isso eu faria dentro da minha comunidade e respeitar os mais velhos tradicionais, isso eu faria.

Resposta de Wilton, da etnia “katanua”, do Acre- AC.

WILTON - Se eu fosse eu apoiava muito porque tem muitos indígenas que sabem jogar, que se eles tiver a oportunidade de mostrar o futebol dele ele é capaz também de amostrar pro Brasil, pro mundo, que os povos indígenas tem capacidade de amostrar um futebol lindo e ser vitorioso por nosso país.

Resposta de Paulo, da etnia “Guarani” de São Paulo- SP.

PAULO – Eu acho que como acontece no dia atual que as pessoas praticam e depois são profissionalizados, eu acho que se fosse o ministro do esporte faria com que os índios que jogam bola, arco e flecha, zarabatana, que correm, eu acho que faria, se eu fosse ministro, faria desses indígenas a formação deles como atletas, isso que eu faria.

Resposta de Rodolfo, da etnia “Umatina” do Mato Grosso - MT.

RODOLFO –Rs

Resposta de Antônio, da etnia “Menac”. do Mato Grosso - MT.

ANTÔNIO – Rs

Resposta de Wilson, da etnia “Uai Uai”, do Pará - PA

WILSON – Bom, pois é, o ministro do esporte, que eu também, como que se fala... Pois é, o ministro do esporte tudo bem porque estão ensinando a gente povos indígenas, não sabe ainda, ai a gente quer aprender mais, ai mais e ser igual eles.

Resposta de Maria, da etnia “Tupinambá” de Ilhéus – Bahia - BA.

MARIA – O que eu faria? Eu acharia que deveria além de incentivar os jovens, como incentivar. Para incentivar tem que ter ação, então começar a levar o esporte indígena para as comunidades indígenas, principalmente para aquelas que sofreram mais com o período da colonização, exemplo a Bahia, seja no Sul da Bahia ou no Norte da Bahia a gente sabe que sofreu muito, não é como aqui e no Amazonas, um exemplo, sofreram menos os povos de cá. Então você vê que na Bahia teve o processo de miscigenação mais alto do que no Amazonas, o quê que acontece, os jovens sofrem muito porque muitos falam, criticam, falam que não é índio.

Como um jovem vai se auto assumir se simplesmente por causa da cor, por causa do cabelo, a própria sociedade faz essa crítica, fala que não é índio, então nem todos tem a concepção, não tem uma família que cultua, que faz cerimônias, como nossos povos indígenas. Então eu acho que através dos jogos a gente pode sim buscar a juventude indígena, então seria bom fazer, por exemplo, agora para fazer o mundial, os jogos indígenas mundial, vai ser maravilhoso porque vão ter índios de outros países. Vamos buscar modalidades diferentes, vamos um aprender com o outro e através disso vamos esta fortalecendo porque ali sempre vamos realizar dentro dos jogos um fórum, seja uma feira de agricultura, um fórum da mulher, sempre discutindo a melhoria agrícola, a melhoria também dos jogos, como realizar para acomodar os nossos parentes. Então eu acho que ministro tinha como visar mais essa parte de levar para as aldeias os jogos indígenas.

Resposta de Jairo, da etnia “Potiguara”, da Paraíba - PB.

JAIRO – Eu acredito que, politicamente falando, seria pegar, já que o Brasil a gente sabe que quer queira quer não todo o Brasil tem indígena do norte ao sul e seria fazer uma forma com que mais constantemente tivesse essa união entre os povos,

não sei se vários esportes de forma racional e também trazer, mostrar para o Brasil o potencial que os indígenas tem, seria no caso principalmente do futebol, fazer um investimento numa seleção indígena, num time ai que pudesse dar uma oportunidade aos indígenas, é que tem muito talento nesse meio dessas etnias indígenas, tem muita gente que tem talento de no futebol e que precisam muitas vezes de só uma chance para provar isso.

ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Entrevista com Francisco, da etnia “Xokó”, de Sergipe SE.

P - Francisco, para você o que é esporte? e o quê que é jogo?

FRANCISCO – Bem, esporte pra mim é, são práticas que vem a melhorar o corpo humano, vem a melhorar a mente, jogos são competições que nos levam a objetivos, ou seja, vencer.

P - Qual é a diferença entre o esporte que é praticado pelos indígenas e o esporte praticado pelos não índios?

FRANCISCO – a grande diferença é que o esporte praticado por índio, o grande objetivo é respeitar, é participar. e vejo principalmente imagens de televisão, em partidas de futebol, aquilo ali já não é mais esporte, aquilo ali já é mais um guerra.

P - O quê que você busca através do esporte?

FRANCISCO - Eu busco é conhecimentos, busco melhorias e práticas do corpo humano.

P - Durante os jogos você tem visto respeito à cultura indígena?

FRANCISCO – Sim! Não vou dizer aqui que 100% mas vejo que existe respeito.

P - Se você for Ministro do Esporte, o que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

FRANCISCO – Tentar de certa forma passar aos poucos para os brancos o que realmente os índios praticam, o que realmente é esporte e investiria, investia mais no esporte indígena porque mais do que tudo existe respeito.

Entrevista com “Luis Macuxi” da etnia “Macuxi” de Roraima - RR.

P – Luis, para você o que é esporte? e o quê que é jogo?

LUIS – O esporte pra mim é o esporte em si tradicional, e jogo tradicional da gente eu não vejo diferença entre os dois.

P - Qual é a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

LUIS – A diferença praticada pelos indígenas é [...] lá em Roraima, poucos esportes tradicionais agente praticamos que é dos esportes indígenas. A gente só usa pra aprender a participar mas a maioria dos esportes dos não índios como futebol de campo, futsal, vôlei nós temos três atletas que já se destacaram que foram daqui para os Estados Unidos, para Cuba, também veio para Rio, veio para Minas Gerais, uma jovem de 14 anos que se destaca em Maratona. Então o esporte nosso tradicional é praticado pra não perder o costume, mas pra gente hoje o esporte tá o mesmo que os brancos praticam, o esporte mesmo já terceirizado, a gente pratica esporte assim só pra não perder o costume quando a gente faz um evento apesar de ser uma disputa a gente pratica pra não perder a tradição mas agente hoje já está bem.

P - O quê que você busca através do esporte?

LUIS – A gente tá buscando apoio, apoio em cima de futebol, apoio em cima de maratona, pros atletas, principalmente pros governos que hoje, com o ministro dos esportes hoje pode apoiar lá principalmente nas comunidades indígenas aonde se destacam muito a gente tá sem a apoio e tá indo atrás desses apoio, buscar com os governos federais, estaduais, municipais, tá indo atrás disso.

P - Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena?

LUIS – Tem sim, tem sim. Na minha comunidade, em Roraima, eles tem respeito ao nosso esporte em cima de esportes tradicionais, a gente tem uma regra, um regulamento, a gente respeitamos nossa tradição também respeitando os esportes de não índios, respeitamos o regulamentos, a gente estuda muito então a gente tem respeito sim, a gente respeita muito principalmente na nossa comunidade. No nosso esporte tradicional.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

LUIS – Se eu fosse ministro hoje, eu daria apoio como um evento como esse que iniciou ontem aqui, fazer a primeira olimpíada tradicionais indígenas no extremo norte de Roraima, porque hoje o senhor sabe que o mundo hoje tem muitas drogas, muitas bebidas alcoólicas, tudo. Então tirar as crianças das ruas e fazer uma olimpíadas dessas, fazer uma abertura dessas que possa continuar com o esporte em nossa comunidade.

Entrevista com Roberto, da etnia “Saterê Maués” de Paritins, Amazonas - AM.

P – Roberto, pra você o que é esporte? e o quê que é jogo?

ROBERTO – O esporte é aquilo que se faz, é quase dentro das suas atualidades. Primeiro você pode praticar esporte de vários tipos seja ele profissional seja ele

peçoal, então o esporte hoje a gente conhece mais através da mídia, da televisão, dos jogos profissionais e também se pratica esporte pela parte do mundo quase, então o tem o esporte profissional e tem o esporte “amadorista” que poderíamos, dizer né? Que podemos dizer, classificar como esporte profissional e esporte mesmo que se faz por esporte. E o jogo entendo que há essas duas coisas né? Dentro da nossa cultura geralmente não se fala muito em esporte, vamos jogar. Então acredito que essa expressão se usa muito nas etnias: jogo. Hoje vamos ter um jogo com o time tal, então eu acho que não andam muito longe as duas coisas de esporte pra jogo, né? Agora tem que fazer a separação entre profissional e a esportiva mesmo.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

ROBERTO – Bom, eu acredito que pelo, vou dizer pelo “homem branco”, hoje eles fazem muito profissionalmente como a sua profissão, já no esporte indígena se faz muito por tradição, sempre se busca, a pessoa passa quase o dia todo nas suas atividades, como nas suas roças e sempre tira um tempinho para jogar seu futebol, fazer uma prática de esporte, entendeu? Então eu acredito que nós povos indígenas procuramos buscar essa alternativa. De criar um esporte que não saia muito de nossa cultura, nossos limites e eu acredito que os jogos dos povos indígenas é uma oportunidade muito grande, um exemplo muito grande do que já acontece a vários anos.

P – O quê que você busca através do esporte?

ROBERTO – Bom, eu acredito que dentro desse contexto muitas pessoas já tem algum lado profissional mesmo alguns atletas indígenas e outros vem mesmo pra fazer uma troca de intercâmbio cultural, ver, conhecer a realidade de outros povos indígenas, então eu acredito que é uma oportunidade também dentro desse cenário de repente você encontra uma alternativa profissional pra você dentro da sua realidade, do seu esporte, eu vejo desse lado assim.

P - Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena?

ROBERTO – Bom, hoje já se faz muito mais, eu vejo assim que não existe assim não muito respeito dentro dos jogos, aqui sim entre os povos indígenas ainda tem a palavra do pajé, a abertura, eu vejo em outras atividades dos povos indígenas que não existe muito isso, o esporte já se tornou tipo uma briga e isso é ruim para a cultura, temos que praticar esporte na maneira saudável então eu acredito que procurando esses meios o esporte é uma ato de a gente sobreviver bem e viver bem com saúde também.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

ROBERTO – Bom, seu eu fosse ministro do esporte eu procuraria, primeiro buscaria uma alternativa de pessoas que visitassem todas as etnias pra ver como realmente se trabalha o esporte dentro das aldeias e procurar com os governantes maiores, principalmente do esporte, levar mais autonomia para se fazer esporte decente nas comunidades. Não é construir grades, estádios, como está se fazendo mas sim

buscando alternativas para que os jovens indígenas possam participar de atividades. Porque hoje existe muito em todas as etnias pessoas profissionais mas como chegar até esse ponto se não for através de alguma fonte? Enfim, acredito que o ministro do esporte deveria trabalhar mais essa parte, buscar mais alternativas e conhecer mais a realidade pra poder colocar isso pra acontecer.

Entrevista com Manoel, da etnia “Krahô” do Tocantins - TO.

P – Manoel, pra você o que é esporte? e o quê que é jogo?

MANOEL – Esporte é tipo ... na verdade nossa tradição, esporte. A gente fala mais de esporte, nosso esporte hoje são “kateni” e “uacuiê” é tipo jogo, é esporte, futebol e a gente disputa na nossa cultura se chama “kateni” e “uacuiê”. E esporte já é igual, igualzinho, cada time vai disputar, ganhar e classificar. Nosso esporte mais praticado é corrida de tora, a gente tem dois participantes que disputam direto assim, todo ano.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

MANOEL – Na verdade, eu acho que a cultura é diferente, esportes é muito diferente, é mais conflito, é cartão amarelo. No nosso esporte não tem rasteira.

P – O quê que você busca através do esporte?

MANOEL – Assim se fosse por exemplo se fosse cacique, viria muita coisa diferente, Estado diferente, pessoa diferente, conhecer né? Eu tô vendo muita coisa diferente e tô gostando, muito.

P - Durante os jogos você tem visto um respeito a cultura indígena?

MANOEL – Sim, com certeza. Porque cada pessoa está respeitando a outra, cada etnia tem um jeito e o branco tem outro e a gente tem que respeitar e considerar as coisas.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

MANOEL – Eu ia botar os povos indígenas na Copa pra participar, teriam só indígenas mesmo de todo estado do Tocantins pra participar dos Jogos Olímpicos que vai acontecer no Brasil em 2016.

Entrevista com Júlio, da etnia “Xavante”, de Barra do Garça - Mato Grosso – MT.

P – Júlio, pra você o que é esporte? e o que é jogo?

JÚLIO – Esporte pra nós é manifestações culturais, está dentro da nossa manifestação cultural, está na cerimônia, ritual e esporte acho que está dentro

dessas manifestações culturais, dando exemplo, uma corrida de tora de buriti é manifestação culturais e dentro há disputa de grupo, quatro grupos de um lado e quatro de outro, é uma disputa mas para não indígena, não xavante, vê como não esporte, mas pra nós é um jogo, uma manifestação cultural, é tudo. Então eu acho que a diferenciação ali ninguém ganha, não tem lucro, não é financiável, ali é uma atividade cultural mesmo. Então dentro disso tem o esporte, tem doação, tem tudo.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

JÚLIO – A diferença é [...] do esporte entre o mundo envolvente, para o xavante é aquilo que eu falei é movido pela cultura e serve para formação humana, quer dizer, a gente pratica, começa praticar o esporte num determinado tempo, vai acompanhando o crescimento do corpo, de acordo com o crescimento o menino ou a menina vai adquirindo aquele conhecimento, vai querendo que aquilo [...] ele vê que está pronto pra praticar aqueles jogos. Enquanto que a diferença entre lá dos brancos, é movido pelo capitalismo, é dinheiro, ninguém ali pratica por querer, é querendo ganhar dinheiro, então se não jogar bem não vai jogar, se não treinar bem não vai treinar, então essa é a diferença muito grande e acho que este mundo criou-se atorcida, a febre, a violência até de torcida, nós não, a gente discute ali com aqueles que não competiu bem, a gente ensina “na próxima você ganhar” é assim que vai falando, é assim que me preparo e tal taltal, de todo jeito. É ligado ao universo do xavante, no caso, todo mundo envolvido, eu acho que é isso.

P – O quê que você busca através do esporte?

JÚLIO – Eu busco essa manifestação né? Eu fui um praticante fervoroso, eu fui um atleta da minha cultura, eu superei o meu limite, eu corria mais porque eu corria mais, eu sempre procurei correr mais do que eu corria, ou seja, com tora de buriti, seja eu mesmo assim, sempre procurando atingir o limite que eu tenho, quer dizer, to falando de mim mas os meus colegas, o meu grupo, sempre é assim. Quem corria mais sempre procurava atingir a resistência dele, quem corre mais não tem a mesma resistência daquele que corre menos, sempre há diferenciação. Eu procurei assim o limite do que eu poderia atingir. Dentro do esporte padronizado de vocês eu procuro o melhor, sempre o melhor. Eu compreendi a regra, já compreendi e as vezes a gente procura ganhar né? Dentro da padronização, dentro das regras mas esse nosso espírito de guerreiro é favorável a tipo de esporte coletivo tipo o futebol, o vôlei, o nosso sangue ferver quando a gente pratica esse esporte. Mas a gente tem superado a mania de se vencer, de se esfriar, a gente não superou ainda acho que quando superarmos vamos ser o melhor atleta. Se a gente trabalhar também, se não trabalhar vamos ser assim, por diversão mesmo porque não se fala “temos que ser profissional” eu acho que por ser atleta somos profissional mas psicologicamente ainda não somos, eu acho que essa é a diferença de se trabalhar.

P - Durante os jogos você tem visto um respeito a cultura indígena?

JÚLIO – Não. Eu não acho porque o xavante que está aqui, se chegasse um xavante mais xavante, fora o que está aqui, ia querer participar, porque o esporte pra nós é o coletivo, tem seus membros naquele esporte, não é uma coisa definida, definida dentro no nosso mundo, então, não tem que definir pra participar aqui, não pode definir. Aquele grupo vai, só aquele mesmo, mas quem sabe, quem vai dizer se aquele mesmo são nós. Não se pode definir, nós que vamos definir se aquele grupo que está aqui compartilha a esta regra que nós criamos para praticar esportes, como por exemplo corrida com tora de buriti. Eu acho que nesse sentido não se respeitou, eu acredito que outra etnia também tem essa liberdade de se praticar, tá limitado pra participar dos jogos indígenas.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

JÚLIO –Olha, tudo mudou nesse mundo globalizado, eu incentivaria a formação, como eu sou professor, vou falar da formação. A gente precisa de profissionais de educação física, profissionais de educação física vai falar para nós qual seria nosso aquecimento, preparação antes do jogo, tudo isso não temos ainda, algumas aldeias indígenas nunca tem ouviu falar que tem professor profissional dentro da aldeia, quer dizer, a gente sofre de contusão, a gente não se prepara, a gente perdeu aquele ritmo de antigamente, corria mais, que procura mais, que procura ultrapassar seu limite, a gente não tem mais porque o jovem não se prepara espiritualmente, ele não sabe, não tem noção. Eu incentivaria a formação, nesse sentido, dentro do seu universo, deveria preparar mais competições, não sei, tem vários esportes, manifestações culturais que podem ser direcionadas ao esporte. Eu acho que tem que ser trabalhado isso.

Entrevista com Mário, da etnia “Terena”, do Mato Grosso do Sul – MS.

P – Mário, pra você o que é esporte? e o que é jogo?

MÁRIO – A diferença de esporte pra jogo pra nós aqui, esporte tem várias esportes né? Por exemplo, tem handball, tem futebol, tem vôlei, são vários tipos de esporte. O jogo é uma competição, é isso que a gente entende, o esporte tem vários tipos de esporte e o jogo é um tipo de competição.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

MÁRIO – A diferença é que antes da gente praticar, a gente faz o nosso ritual, essa é a grande diferença. A gente busca orientação primeiro ao nosso pajé e depois a gente faz o nosso ritual, essa é a grande diferença dos esportes do não indígena pro nosso.

P – O quê que você busca através do esporte?

MÁRIO – Bom, como eu tava falando, a gente busca primeiro orientação e depois pratica, faz tipo, pense por exemplo nós podemos praticar esporte, se eu não

conheço você através do esporte a gente faz amizade, faz tipo confraternização, ai aprende muito no esporte.

P - Durante os jogos você tem visto um respeito a cultura indígena?

MÁRIO –Tem muito respeito. A gente respeita muito na questão assim, tem muito respeito.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

MÁRIO – Se eu fosse Aldo Rebelo, eu ia dar oportunidade dos indígenas competir de igual para igual com os brancos por que eu vejo tem muitos adolescentes novos que são bons de bola, não só bons de bola, bom de arco e flecha, bons de natação e o ministro eu peço que olhe esse lado e de oportunidade a nós indígenas.

Entrevista com Juarez, da etnia “GalibiMarworno” do Amapá - AP.

P – Juarez, pra você o quê que é esporte? e o quê que é jogo?

JUAREZ – O esporte é tudo pra nós povos indígenas, é toda manifestação cultural, é toda nossa apresentação, dentro das nossas comunidades, é o que a gente faz, é nossa dança, o arco e flecha, corrida com tora, corrida com os machinhas, é isso que é o nosso esporte dentro da nossa cultura.O jogo é a disputa que há entre nós, a disputa, cada povo, cada comunidade, cada etnia apresenta assim, essa disputa, essa igualdade de disputa, cada uma quer fazer melhor, cada uma quer apresentar melhor, não é uma disputa de campeonato mas é uma disputa onde cada uma quer ser mais bonita, cada uma quer fazer melhor, é isso que é uma disputa pra nós, o jogo.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

JUAREZ – O esporte pra nós é assim diferente por que assim a gente não realiza assim, não faz, disputa de campeonato, não disputamos, não celebramos certa disputa. Quero dizer ganhar, ser campeão, entre nós não existe campeão, existe interrelação, intercambio de culturas, a fusão de culturas, intercambio de culturas entre os povos.

P - O que você busca através do esporte?

JUAREZ – A gente busca desenvolvimento, crescimento. Através do esporte a gente vai apresentara nossa cultura, nossa dança, isso pra nós é um aprendizado muito grande, uma valorização e além de tudo um aprendizado, um crescimento, um desenvolvimento. Por exemplo, nossos artesanatos são belíssimos, no Brasil nós temos muitos povos de várias etnias e cada um tem

um artesanato muito lindo, muito bonito e em muitos povos essa cultura tá morrendo, está acabando, é uma maneira assim de resgatar, isso pra nós que representa tudo isso.

P - Durante os jogos você tem visto um respeito a cultura indígena?

JUAREZ – Muito! Respeito porque naquele momento nós somos assim uma exposição de valor, de povos, de ser humano, de cidadania para a sociedade. A gente abre as portas, abre o coração pra mostrar a beleza de um povo que está na história, que está na cultura, é isso.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

JUAREZ – Com certeza eu faria, buscaria junto a eles com que eles pudessem resgatar sua verdadeira história, sua verdadeira identidade, através do esporte a gente busca essa identidade, resgata nossa identidade através do esporte, nossa cultura, nossa dança. Então com certeza aqui no Brasil os governos não investem, não se preocupam com a cultura dos povos indígenas precisa o governo ter mais, assim, ter os olhares melhores, tem um investimento melhor, então o ministro dos esporte precisa entender, atentar pra isso, pra investir mais no esporte dos povos indígenas para que assim não morresse a cultura deles, não desaparecesse.

Entrevista com Eduardo, da etnia “kaiabi” do parque do Xingu - Mato Grosso – MT

P - Eduardo, para você o que é esporte? e o que é jogo?

EDUARDO – Pra mim esporte é tanto como esporte indígena muito importante pra nos praticar esse esporte. Primeiro queria dizer assim que esporte é um ensino para os jovens, que os mais velhos passam seus aprendizados para os mais novos que não tem conhecimento ainda de praticar esses tipos de esporte como campeonato de flecha e até mesmo outra atividade que agente praticamos. É muito importante, é importante a gente aprender o esporte de flecha pra gente tá assim aprendendo e praticando as coisas da gente, então por isso é muito importante pra nós que os mais pequenos, os jovens que estão crescendo, assim eles vão aprendendo para caminhando para levar sua vida futuramente. Para cuidar da própria família dele. Então é muito importante esporte da flechada pra mim. O jogo é como um jogo de futebol? Então o jogo de futebol lá não tem pra gente esse jogo que está na comunidade indígena agora, ele é adotado do homem branco. A gente aprendemos assistindo jogo do homem branco, então, olhando e aprendendo e entrou na comunidade indígena e foi adotado e eles estão praticando esse jogo, o futebol.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

EDUARDO – Então, o esporte indígena pra mim ele mostra uma tradição né? Ele mostra assim, um ensino e respeito também pelas pessoas que estão aprendendo o

esporte indígena, então é muito importante a pessoa que pratica esporte ela tem que saber o que ela está buscando dessa parte de esporte indígena porque ela traz muito respeito dentro da sua família, dentro da sua comunidade. Quando você vê uma pessoa sendo bom esporte, o nome dela espalha pra todo canto, ela mostra um respeito e ensina a ser fundamental a nós jovem que aprende esporte indígena, agora na parte do jogo futebol, eu acho ela é um pouco assim, quero dizer, nós jovens quando a gente pratica um jogo de não índio, como futebol, a gente esta desrespeitando os nossos velhos tradicionais, então ela traz um pouco assim de desrespeito na nossa comunidade, então assim que eu vejo na parte de futebol.

P - O quê que você busca através do esporte?

EDUARDO – Através do esporte eu busco conhecimento, historia, porque dentro de ensinamento de cada tipo de esporte a pessoa que ensina esporte ela conta história, então assim, eu busco esse conhecimento.

P - Durante os jogos você tem visto um respeito a cultura indígena?

EDUARDO – Existe. Existe muito assim. É mais respeitado a família de uma pessoa, ou se não, mesmo que acontece dentro da etnia quando morre uma família da pessoa. Na parte desse daqui o esporte tem que parar pra respeitar essa norma de tradição mesmo da cultura.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

EDUARDO – Eu assim, incentivaria, assim, a minha comunidade, os jovens, praticar mais a nossa atividade mesmo indígena como esporte de corrida, de cântico. Tudo isso eu faria dentro da minha comunidade e respeitar os mais velhos tradicionais, isso eu faria.

Entrevista com Wilton, da etnia “katanua”, do Acre- AC.

P – Wilton, pra você o que é esporte? e o que é jogo?

WILTON – Pra mim o jogo ele é... porque a vida da gente pra mim é um jogo, se você sabe jogar você é campeão. Agora para nós o esporte, ele chegou na nossa terra como uma escola de saber educar. O futebol de indígena, sempre lutando assim pelo preconceito sobre os “naua”, mas a gente tá construindo e tá conseguindo quebrar isso e levando o nosso futebol e pratica naquilo que a gente hoje o ministério vê isso que nós temos, o ministério do esporte, então a gente hoje está montando uma seleção indígena para poder disputar o mundial.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

WILTON – O esporte indígena, ele é praticado por nós, pra mim eu acho, não sei porque morei *muito tempo no meio dos brancos, mas pra mim é a mesma coisa só* que tem uma diferença quando se encontra com os parentes, porque é diferente o ritual. Mas também tudo é um meio de aprendizagem na vida da gente.

P - O quê que você busca através do esporte?

WILTON - Eu busco pra mim mesmo, eu busco se divertir, é brincar, compartilhar mas as pessoas que estão entrando no nosso grupo buscam um futuro de vida pra eles, que do jeito que tá tendo esse mundial muitos jovens indígenas podem tá sendo conhecido e tendo uma carreira profissional no futebol.

P - Durante os jogos você tem visto um respeito a cultura indígena?

WILTON – Existe o respeito, porque assim para nós entrar nos jogos pintados é um respeito pra nós, é a nossa cultura, nossa tradição, então pra nós é um respeito muito grande a gente tá entrando e as pessoas respeitando nós, como a gente é.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

WILTON – Se eu fosse eu apoiava muito porque tem muitos indígenas que sabem jogar, que se eles tiver a oportunidade de mostrar o futebol dele ele é capaz também de amostrar pro Brasil, pro mundo, que os povos indígenas tem capacidade de amostrar um futebol lindo e ser vitorioso por nosso país.

Entrevista com Paulo, da etnia “Guarani” de São Paulo- SP.

P - Paulo, para você, o que é esporte? e o que é jogo?

PAULO – Bom pra mim esporte é quando se faz assim alguma coisa assim sem pensar, só por fazer, competir sem respeito e eu acho que esporte já tem a ver com respeito, você vai ali praticar, competir com parente, ou seja, com outra pessoa que for, você vai competir, se ganhar tudo bem, se não ganhar tudo bem, você tá pra sua alegria, você vai competir com harmonia, em harmonia com pessoas ali, não vai ter briga, todo mundo é igual. Então esporte pra mim é competir com carinho, com amor, eu acho que é isso. E o que é jogo? Eu acho que esporte foi aquilo que eu falei antes, você praticar sem respeito e jogo é quando você pratica com amor, com objetivo, com objetivo de ganhar, não importa se ganhar ou não o objetivo é celebrar, isso pra mim que é jogo.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

PAULO – Eu acho que nem eu, vim aqui pra mim correr 4.000 km, eu acho que o jogo praticado por nós, eu vim aqui mas minha intenção não é ganhar, levar troféu pra casa, eu vim aqui porque sou feliz, gosto de correr, correndo pra mim já esta bom, ganhando pra mim não importa e eu acho que o jogo que os brancos praticam eles são atletas profissionais, então o objetivo dele sé ganhar, então eles vão pra ganhar mesmo e não tem diversão pra eles e a gente só compete por diversão mesmo.

P – O quê que você busca através do esporte?

PAULO – O que eu busco através do esporte é, como eu já costumo ver televisão, eu vejo os atletas, eu vejo que eles buscam, como que posso falar, buscam pra que as pessoas reconheçam eles como atleta, como profissional. Eu já não, vim aqui mostrar minha cultura pra que os brancos, os não índios, respeitem mais a identidade do índio e pra mim é isso que eu busco em jogos.

P - Durante os jogos você tem visto um respeito a cultura indígena?

PAULO – Eu acho que já fui em vários jogos já, então a experiência que eu tenho é que alguns, quando teve em Fortaleza eu fui também e acho que foi um dos melhores por que a estrutura era melhor, as ocas eram bem mais atendidos, como que posso falar, era mais prioridade pra gente. Mas tem alguns jogos que não... a gente não ta sendo muito respeitado.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

PAULO – Eu acho que como acontece no dia atual que as pessoas praticam e depois são profissionalizados, eu acho que se fosse o ministro do esporte faria com que os índios que jogam bola, arco e flecha, zarabatana, que correm, eu acho que faria, se eu fosse ministro, faria desses indígenas a formação deles como atletas, isso que eu faria.

Entrevista com Rodolfo, da etnia “Umatina” do Mato Grosso - MT.

P - Rodolfo, para você, o que é esporte? e o que é jogo?

RODOLFO – O esporte pra mim, assim pela aldeia, é mais diversão. É difícil agente competir um esporte muito serio na aldeia, é mais pra divertir mesmo o dia inteiro. E jogo é mais o futebol, a pratica de corrida mesmo, é mais por brincadeira e também por bem estar na aldeia que é sempre bom também.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

RODOLFO – Na minha opinião não existe muita diferença porque quase sempre são os mesmo esportes, dentro da mesma modalidade, muda pouca coisa porque o nosso envolve mais força, mais raça mesmo e as regras porque os nossos esportes quase não tem regras igual ao dos não índios.

P – O quê que você busca através do esporte?

RODOLFO – Busca o que todo mundo busca, saúde em primeiro lugar, o que é sempre bom e ter mais destaque em todos os esportes também.

P - Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena?

RODOLFO – Existe sim, porque a gente tem que respeitar sempre uns aos outros porque apesar de tudo somos todos iguais e tem que respeitar a capacidade de cada um e os esportes que cada um pratica.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

RODOLFO – Na minha opinião se eu fosse procuraria incentivar mais os esportes, não só o futebol mas outros esportes dentro das aldeias e pros jogos, conhecer melhor todos os esportes, mais um pouco de cada não só o futebol. Eu já tentaria promover jogos indígenas em cada cidade das aldeias mais próximas.

Entrevista com Antônio, da etnia “Menac”. do Mato Grosso - MT.

P - Antônio, pra você, o que é esporte? e o que é jogo?

ANTÔNIO – O principal pra nós povos indígenas é tudo igual a gente participa de campeonatos, cada aldeia faz campeonato seus.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

ANTÔNIO – Diferença... mesmo jeito.

P - O quê que você busca através do esporte?

ANTÔNIO – Ganhar.

P - Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena?

ANTÔNIO – Tem.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

ANTÔNIO – Rs

Entrevista com Wilson, da etnia “Uai Uai”, do Pará - PA

P - Wilson, pra você o que é esporte? e o que é jogo?

WILSON – Bom, na verdade eu, porque eu gosto muito dos povos indígenas que estão aqui, eu sou tribo uaiuai, ai eu gosto muito pra gente mostrar cultura, mostrar jogando futebol do esporte, gosto muito.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

WILSON – Diferente como os outros? É, pois é, porque eu, antigamente a gente brincava com as bolas de borracha, seringueira e agora a gente tá jogando como branco, com as bolas de futebol, como os brancos [...] a gente tá gostando de jogar futebol agora, a gente quer jogar futebol como os brancos, entendeu? Agora tem

nossa bola já, as bolas dos brancos, gostamos disso e a gente vai aprendendo como os brancos.

P - O quê que você busca através do esporte?

WILSON – Você participando dos jogos, vocês tem visto se há um respeito a sua cultura durante os jogos?

P - Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena?

WILSON – É porque eu, a gente tem respeito a nossa cultura, nossos jogos também, porque a gente tá jogando bem, só que fala assim, como é que é, meu tribo está querendo jogar melhor, qualquer coisa não bate os pessoal.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

WILSON – Bom, pois é, o ministro do esporte, que eu também, como que se fala... Pois é, o ministro do esporte tudo bem porque estão ensinando a gente povos indígenas, não sabe ainda, ai a gente quer aprender mais, ai mais e ser igual eles.

Entrevista com Maria, da etnia “Tupinambá” de Ilhéus – Bahia - BA.

P - Maria, pra você, o que é esporte? e o que é jogo?

MARIA – O esporte [...] o quê que eu vejo como jogo? Para nós lá, o esporte indígena, a gente trabalha com um grupo de jovens e tem oito anos que estamos fazendo esse trabalho e pra mim os jogos em aprendizado porque ali a gente aprendeu muito como buscar força com a natureza, é a resistência né? A perseverança de continuar ainda mais que a gente sofre muito no Sul da Bahia pelo fato de ainda estarmos em áreas ainda há ser demarcadas, então é um grande incentivo pros jovens o jogo, através dos jogos, voltar a cultuar a sua cultura.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

MARIA – A diferença é que o não índio a maioria dos jogos é pra competir né? É pro lado de competição, no lado também em relação ao capital, envolve muito capital. E no nosso não, no nosso é celebração, a gente faz porque gosta e não para competir com os parentes, é pra celebrar. A gente faz pra mostrar um pouco de cada um que, a gente tem várias etnias no Brasil diferente, então cada um, cada povo vem mostrando um pouco da sua cultura, da sua habilidade, seja porque tem uns que tem mais habilidade com o arco e a flecha, outros tem mais habilidade com a corrida de tora, então um ensinando ao outro essa diversidade cultural que temos aqui no Brasil.

P - O quê que você busca através do esporte?

MARIA – Nós estamos querendo, jovens, queremos implantar também, dentro da nossa comunidade o primeiro jogo que a gente ainda não realizou, dentro da nossa aldeia, uns jogos indígenas. Então o quê que a gente quer: a partir dos jogos implantar o interesse nos alunos, trabalhar nossas escolar indígenas, incluir não só o esporte do branco, o futebol dos Estados Unidos, mas sim uma corrida de maracá, uma corrida rústica mais o nosso estilo porque lá pra jogos indígenas tudo a gente veste nossos adereços, inclusive a tanga, não é short é tanga, faz tudo, de futebol a corrida, tudo é com a tanga e além disso nesse jogos a gente busca energias porque a gente está nos reforçando não só fisicamente como também a nossa aura, a nossa alma, porque ali toda vez antes de entrar numa arena antes de começar os jogos, a gente busca forças né, busca forças da natureza por isso é muito importante implantar os jogos indígenas dentro de nossa aldeia tupinambá.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

MARIA – O que eu faria? Eu acharia que deveria além de incentivar os jovens, como incentivar. Para incentivar tem que ter ação, então começar a levar o esporte indígena para as comunidades indígenas, principalmente para aquelas que sofreram mais com o período da colonização, exemplo a Bahia, seja no Sul da Bahia ou no Norte da Bahia a gente sabe que sofreu muito, não é como aqui e no Amazonas, um exemplo, sofreram menos os povos de cá. Então você vê que na Bahia teve o processo de miscigenação mais alto do que no Amazonas, o quê que acontece, os jovens sofrem muito porque muitos falam, criticam, falam que não é índio.

Como um jovem vai se auto assumir se simplesmente por causa da cor, por causa do cabelo, a própria sociedade faz essa crítica, fala que não é índio, então nem todos tem a concepção, não tem uma família que cultua, que faz cerimônias, como nossos povos indígenas. Então eu acho que através dos jogos a gente pode sim buscar a juventude indígena, então seria bom fazer, por exemplo agora para fazer o mundial, os jogos indígenas mundial, vai ser maravilhoso porque vão ter índios de outros países. Vamos buscar modalidades diferentes, vamos um aprender com o outro e através disso vamos esta fortalecendo porque ali sempre vamos realizar dentro dos jogos um fórum, seja uma feira de agricultura, um fórum da mulher, sempre discutindo a melhoria agrícola, a melhoria também dos jogos, como realizar para acomodar os nossos parentes. Então eu acho que ministro tinha como visar mais essa parte de levar para as aldeias os jogos indígenas.

Entrevista com Jairo, da etnia “Potiguara”, da Paraíba - PB.

P - Jairo, pra você, o quê que é esporte? e o quê que é jogo?

JAIRO - Eu acho que esporte é toda aquela pratica que trás o bem para... quando a pessoa física quando como até mesmo espírito de uma pessoa, de uma sociedade. E o jogo é questão de disputa, pra mim o jogo tem tudo a ver com disputa entre as pessoas, um exemplo, como a gente vê o futebol que esta mais na realidade de disputa mesmo, nas televisões, no dia a dia, existe essa diferença ai.

P - Qual a diferença entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o praticado pelos não índios?

JAIRO - Eu acredito que o indígena eles tem uma cultura, tem algo diferente entre si e quando eles praticam esporte é pela alegria, pela vivencia entre o povo da aldeia sem aquela questão de tá disputando algo é mais pela felicidade de estar junto, estar reunidos e tá mostrando um pouco da sua capacidade como indígena.

P - O quê que você busca através do esporte?

JAIRO - Eu busco, como havia falado, mostrar um pouco da minha capacidade de resistência é como indígena principalmente, porque muitos, como a gente sabe, acha que o indígena tampouco a demonstrar pro povo mas a gente na realidade, quem está aqui nesses jogos, vê que é diferente, que cada indígena tem um potencial entre sim.

P - Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena?

JAIRO – Eu acredito que sim. Pela maioria que estão aqui existe um respeito porque cada um quer queira quer não tem uma especificidade, tem uma maneira de fazer, uma maneira de fazer esporte, uma maneira diferente, mesmo que seja uma coisa que todos estejam aqui reunidos pra fazer mas cada um tem a sua diferença.

P - Se você for ministro do esporte, o quê que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?

JAIRO – Eu acredito que, politicamente falando, seria pegar, já que o Brasil a gente sabe que quer queira quer não todo o Brasil tem indígena do norte ao sul e seria fazer uma forma com que mais constantemente tivesse essa união entre os povos, não sei se vários esportes de forma racional e também trazer, mostrar para o Brasil o potencial que os indígenas tem, seria no caso principalmente do futebol, fazer um investimento numa seleção indígena, num time ai que pudesse dar uma oportunidade aos indígenas, é que tem muito talento nesse meio dessas etnias indígenas, tem muita gente que tem talento de no futebol e que precisam muitas vezes de só uma chance para provar isso.

3.6 SÍNTESE DOS CONTEÚDOS

Realizei entrevistas com representantes de 15 (quinze) etnias, cujo conteúdo das entrevistas revelou aspectos importantes sobre esporte e jogo sob a ótica dos indígenas e suas representações.

No decorrer desse capítulo, algumas falas dos entrevistados reforçam o que se viu no referencial teórico do presente trabalho.

Quadro 2 - O que é esporte? o que é jogo? respostas individuais

NOME	ETNIA	ESPORTE	JOGO
Francisco	Xokó– Sergipe	Esporte pra mim é, são práticas que vem a melhorar o corpo humano, vem a melhorar a mente.	Jogos são competições que nos levam a objetivos, ou seja, vencer.
Luis Macuxi	Macuxi - Roraima - RR.	O esporte pra mim é o esporte em si tradicional.	Jogo tradicional da gente eu não vejo diferença entre os dois.
Roberto	SaterêMaués - Paritins, Amazonas - AM.	O esporte é aquilo que se faz, é quase dentro das suas atualidades. Primeiro você pode praticar esporte de vários tipos seja ele profissional seja ele pessoal, então o esporte hoje a gente conhece mais através da mídia, da televisão, dos jogos profissionais e também se pratica esporte pela parte do mundo quase, então tem o esporte profissional e tem o esporte “amadorista” que poderíamos, dizer né? Que podemos dizer, classificar como esporte profissional e esporte mesmo que se faz por esporte.	Jogo, entendo que há essas duas coisas né? Dentro da nossa cultura geralmente não se fala muito em esporte, vamos jogar. Então acredito que essa expressão se usa muito nas etnias: jogo. Hoje vamos ter um jogo com o time tal, então eu acho que não andam muito longe as duas coisas de esporte pra jogo, né? Agora tem que fazer a separação entre profissional e a esportiva mesmo.
Manoel	Krahô - Tocantins – TO	Esporte é na verdade nosso tradição, esporte. A gente fala mais de esporte, nosso esporte hoje são “kateni” e “uacuiê” é tipo jogo, é esporte, futebol na nossa cultura se chama “kateni” e “uacuiê”. E esporte já é igual, igualzinho, cada time vai disputar, ganhar e classificar. Nosso esporte mais praticado é corrida de tora, a gente tem dois participantes que disputam direto assim, todo ano.	
Júlio	Xavante - Barra do Garça - Mato Grosso – MT	Esporte pra nós é manifestações culturais, está dentro da nossa manifestação cultural, está na cerimônia, ritual e esporte acho que está dentro dessas manifestações culturais, dando exemplo, uma corrida de tora de buriti é manifestação culturais e dentro há disputa de grupo, quatro grupos de um lado e quatro de outro, é uma disputa mas para não indígena, não xavante vê	

		como não esporte, mas pra nós é um jogo, uma manifestação cultural, é tudo. Então eu acho que a diferenciação ali ninguém ganha, não tem lucro, não é financiável, ali é uma atividade cultural mesmo. Então dentro disso tem o esporte, tem doação, tem tudo.	
Mário	Terena - do Mato Grosso do Sul – MS.	A diferença de esporte pra jogo pra nós aqui, esporte tem vários esportes né? Por exemplo tem handball, tem futebol, tem volei, são vários tipos de esporte.	O jogo é uma competição, é isso que a gente entende, o esporte tem vários tipos de esporte e o jogo é um tipo de competição.
Juarez	GalibiMarworno - do Amapá – AP	O esporte é tudo pra nós povos indígenas, é toda manifestação cultural, é toda nossa apresentação, dentro das nossas comunidades, é o que a gente faz, é nossa dança, o arco e flecha, corrida com tora, corrida com os machinhas, é isso que é o nosso esporte dentro da nossa cultura.	O jogo é a disputa que há entre nós, a disputa, cada povo, cada comunidade, cada etnia apresenta assim, essa disputa, essa igualdade de disputa, cada uma quer fazer melhor, cada uma quer apresentar melhor, não é uma disputa de campeonato mas é uma disputa onde cadauma quer ser mais bonita, cada uma quer fazer melhor, é isso que é uma disputa pra nós, o jogo.
Eduardo	Kaiabi - Xingu - Mato Grosso –MT	Pra mim esporte é tanto como esporte indígena muito importante pra nos praticar esse esporte. Primeiro queria dizer assim que esporte é um ensino para os jovens, que os mais velhos passam seus aprendizados para os mais novos que não tem conhecimento ainda de praticar esses tipos de esporte como campeonato de flecha e até mesmo outra atividade que agente praticamos. É muito importante, é importante a gente aprender o esporte de flecha pra gente tá assim aprendendo e praticando as coisas da gente, então por isso é muito importante pra nós que os mais pequenos, os jovens que estão crescendo, assim eles vão aprendendo para caminhando para levar sua	O jogo é como um jogo de futebol?Então o jogo de futebol lá não tem pra gente esse jogo que está na comunidade indígena agora, ele é adotado do homem branco. A gente aprendemos assistindo jogo do homem branco, então, olhando e aprendendo e entrou na comunidade indígena e foi adotado e eles estão praticando esse jogo, o futebol.

		vida futuramente. Para cuidar da própria família dele. Então é muito importante esporte pra mim.	
Wilton	Katanua – Acre – AC	Para nós o esporte, ele chegou na nossa terra como uma escola de saber educar. O futebol de indígena, sempre lutando assim pelo preconceito sobre nós, mas a gente tá construindo e tá conseguindo quebrar isso e levando o nosso futebol e pratica naquilo que a gente hoje o ministério vê isso que nós temos, o ministério do esporte, então a gente hoje está montando uma seleção indígena para poder disputar o mundial.	Pra mim o jogo ele é ... porque a vida da gente pra mim é um jogo, se você sabe jogar você é campeão.
Paulo	Guarani - São Paulo-SP	Pra mim esporte é quando se faz assim alguma coisa assim sem pensar, só por fazer, competir tem respeito e eu acho que esporte já tem a ver com respeito, você vai ali praticar, competir com parente, ou seja, com outra pessoa que for, você vai competir, se ganhar tudo bem, se não ganhar tudo bem, você tá pra sua alegria, você vai competir com harmonia, em harmonia com pessoas ali, não vai ter briga, todo mundo é igual. Então esporte pra mim é competir com carinho, com amor, eu acho que é isso.	Jogo? Eu acho que esporte foi aquilo que eu falei antes, você praticar sem respeito e jogo é quando você pratica com amor, com objetivo, com objetivo de ganhar, não importa se ganhar ou não o objetivo é celebrar, isso pra mim que é jogo.
Rodolfo	Umatina - Mato Grosso - MT	O esporte pra mim, assim pela aldeia, é mais diversão. É difícil agente competir um esporte muito sério na aldeia, é mais pra divertir mesmo o dia inteiro.	Jogo é mais o futebol, a prática de corrida mesmo, é mais por brincadeira e também por bem estar na aldeia que é sempre bom também.
Antônio	Menac - Mato Grosso - MT	O principal pra nós povos indígenas é tudo igual a gente participa de campeonatos, cada aldeia faz campeonato seus.	
Wilson	Uai Uai - Pará - PA	Na verdade eu, porque eu gosto muito dos povos indígenas que estão aqui, eu sou tribo uaiuai, ai eu gosto muito pra gente mostrar cultura, mostrar jogando futebol do esporte, gosto muito.	
Maria	Tupinambá - Ilhéus –	Para nós lá, o esporte	É um grande incentivo

	Bahia – BA	indígena, a gente trabalha com um grupo de jovens e tem oito anos que estamos fazendo esse trabalho e pra mim os jogos resultam em aprendizado porque ali a gente aprendeu muito como buscar força com a natureza, é a resistência né? A perseverança de continuar ainda mais que a gente sofre muito no Sul da Bahia pelo fato de ainda estarmos em áreas há ser demarcadas, então é um grande incentivo pros jovens, o jogo, através dos jogos, voltar a cultivar a sua cultura.	pros jovens, o jogo, através dos jogos, voltar a cultivar a sua cultura.
Jairo	Potiguara - Paraíba – PB	Eu acho que esporte é toda aquela pratica que trás o bem para... quando a pessoa física quando como até mesmo espírito de uma pessoa, de uma sociedade.	E o jogo é questão de disputa, pra mim o jogo tem tudo a ver com disputa entre as pessoas, um exemplo, como a gente vê o futebol que esta mais na realidade de disputa mesmo, nas televisões, no dia a dia, existe essa diferença ai.

Fonte: Elaboração do autor

O que se pode depreender das respostas sobre o que é esporte? e o que é jogo? e que são termos que ainda não foram apropriados pelas comunidades indígenas, com a conotação dada pelos não índios, e isso se dá devido ao fato das práticas corporais se pautarem em celebrações, com caráter quase sempre ligado às crenças, ainda distantes dos conceitos de vitorioso e derrotado, que norteiam as disputas nas sociedades não indígenas.

Outro aspecto relevante é o fato de haver poucas modalidades esportivas indígenas, a maioria foi adaptada de brincadeiras, para formar um elenco que pudesse integrar os Jogos dos Povos Indígenas.

Quadro 3 - Sob a ótica da competição

NOME	ETNIA	CONCEITO
Francisco	Xokó – Sergipe	Esporte são práticas que vem a melhorar o corpo humano, vem a melhorar a mente. Jogos são competições que nos levam a objetivos, ou seja, vencer.
Manoel	Krahô - Tocantins – TO	Esporte é na verdade nosso tradição, esporte. A gente fala mais de esporte, nosso esporte hoje são “kateni” e “uacuiê” é tipo jogo, é esporte, futebol na nossa cultura se chama “kateni” e “uacuiê”. E esporte já é igual, igualzinho, cada time vai disputar, ganhar e classificar. Nosso esporte mais praticado é corrida de tora, a gente tem dois participantes que disputam direto assim, todo ano.
Mário	Terena - do Mato Grosso do Sul – MS.	A diferença de esporte pra jogo pra nós aqui, esporte tem várias esportes né? Por exemplo tem handball, tem futebol, tem vôlei, são vários tipos de esporte. O jogo é uma competição, é isso que a gente entende, o esporte tem vários tipos de esporte e o jogo é um tipo de competição.
Wilton	Katanua – Acre – AC	Para nós o esporte, ele chegou na nossa terra como uma escola de saber educar. O futebol de indígena, sempre lutando assim pelo preconceito sobre nós, mas a gente tá construindo e tá conseguindo quebrar isso e levando o nosso futebol e pratica naquilo que a gente hoje o ministério vê isso que nós temos, o ministério do esporte, então a gente hoje está montando uma seleção indígena para poder disputar o mundial. Pra mim o jogo ele é ... porque a vida da gente pra mim é um jogo, se você sabe jogar você é campeão.
Jairo	Potiguara - Paraíba – PB	Eu acho que esporte é toda aquela pratica que trás o bem para... quando a pessoa física quando como até mesmo espírito de uma pessoa, de uma sociedade. E o jogo é questão de disputa, pra mim o jogo tem tudo a ver com disputa entre as pessoas, um exemplo, como a gente vê o futebol que esta mais na realidade de disputa mesmo, nas televisões, no dia a dia, existe essa diferença ai.

Fonte: Elaboração do autor

Quadro 4 - Sob a ótica da celebração

NOME	ETNIA	ESPORTE	JOGO
Luis Macuxi	Macuxi - Roraima - RR.	O esporte pra mim é o esporte em si tradicional. Jogo tradicional da gente eu não vejo diferença entre os dois.	
Júlio	Xavante - Barra do Garça - Mato Grosso – MT	Esporte pra nós é manifestações culturais, está dentro da nossa manifestação cultural, está na cerimônia, ritual e esporte acho que está dentro dessas manifestações culturais, dando exemplo, uma corrida de tora de buriti é manifestação culturais e dentro há disputa de grupo, quatro grupos de um lado e quatro de outro, é uma disputa mas para não indígena, não xavante vê como não esporte, mas pra nós é um jogo, uma manifestação cultural, é tudo. Então eu acho que a diferenciação ali ninguém ganha, não tem lucro, não é financiável, ali é uma atividade cultural mesmo. Então dentro disso tem o esporte, tem doação, tem tudo.	
Juarez	GalibiMarworno - do Amapá – AP	O esporte é tudo pra nós povos indígenas, é toda manifestação cultural, é toda nossa apresentação, dentro das nossas comunidades, é o que a gente faz, é nossa dança, o arco e flecha, corrida com tora, corrida com os machinhas, é isso que é o nosso esporte dentro da nossa cultura. O jogo é a disputa que há entre nós, a disputa, cada povo, cada comunidade, cada etnia apresenta assim, essa disputa, essa igualdade de disputa, cada uma quer fazer melhor, cada uma quer apresentar melhor, não é uma disputa de campeonato mas é uma disputa onde cadauma quer ser mais bonita, cada uma quer fazer melhor, é isso que é uma disputa pra nós, o jogo.	
Eduardo	Kaiabi - Xingu - Mato Grosso –MT	Pra mim esporte é tanto como esporte indígena muito importante pra nos praticar esse esporte. Primeiro queria dizer assim que esporte é um ensino para os jovens, que os mais velhos passam seus aprendizados para os mais novos que não tem conhecimento ainda de praticar esses tipos de esporte como campeonato de flecha e até mesmo outra atividade que agente praticamos. É muito importante, é importante a gente aprender o esporte de flecha pra gente tá assim aprendendo e praticando as coisas da gente, então por isso é muito importante pra nós que os mais pequenos, os jovens que estão crescendo, assim eles vão aprendendo para caminhando para levar sua vida futuramente. Para cuidar da própria família dele. Então é muito importante esporte pra mim.	
Paulo	Guarani - São Paulo- SP	Pra mim esporte é quando se faz assim alguma coisa assim sem pensar, só por fazer, competir tem respeito e eu acho que esporte já tem a ver com respeito, você vai ali praticar, competir com parente, ou seja, com outra pessoa que for, você vai competir, se ganhar tudo bem, se não ganhar tudo bem, você tá pra sua alegria, você vai competir com harmonia, em harmonia com pessoas ali, não vai ter briga, todo mundo é igual. Então esporte pra mim é competir com carinho, com amor, eu acho que é isso. Jogo? Eu acho que esporte foi aquilo que eu falei	

		antes, você praticar sem respeito e jogo é quando você pratica com amor, com objetivo, com objetivo de ganhar, não importa se ganhar ou não o objetivo é celebrar, isso pra mim que é jogo.
Rodolfo	Umatina - Mato Grosso - MT	O esporte pra mim, assim pela aldeia, é mais diversão. É difícil agente competir um esporte muito sério na aldeia, é mais pra divertir mesmo o dia inteiro. Jogo é mais o futebol, a prática de corrida mesmo, é mais por brincadeira e também por bem estar na aldeia que é sempre bom também.
Antônio	Menac - Mato Grosso - MT	O principal pra nós povos indígenas é tudo igual a gente participa de campeonatos, cada aldeia faz campeonato seus.
Wilson	Uai Uai - Pará - PA	Na verdade eu, porque eu gosto muito dos povos indígenas que estão aqui, eu sou tribo uaiuai, ai eu gosto muito pra gente mostrar cultura, mostrar jogando futebol do esporte, gosto muito.
Maria	Tupinambá - Ilhéus - Bahia - BA	Para nós lá, o esporte indígena, a gente trabalha com um grupo de jovens e tem oito anos que estamos fazendo esse trabalho e pra mim os jogos resultam em aprendizado porque ali a gente aprendeu muito como buscar força com a natureza, é a resistência né? A perseverança de continuar ainda mais que a gente sofre muito no Sul da Bahia pelo fato de ainda estarmos em áreas há ser demarcadas, então é um grande incentivo pros jovens, o jogo, através dos jogos, voltar a cultivar a sua cultura. É um grande incentivo pros jovens, o jogo, através dos jogos, voltar a cultivar a sua cultura.

Fonte: Elaboração do autor

ENTREVISTA COM RIVELINO MAKUXI

José Ney: Dia 16/11/2014, estamos na Aldeia Boca da Barra, em Porto Seguro, na 8ª Edição dos Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro.

Vamos conversar com Rivelino Makuxi, Coordenador Geral de Políticas Esportivas Indígenas, do Ministério do Esporte.

O Esporte ganhou status de Política Pública a partir de 2003, com a criação do Ministério do Esporte, isso é fato.

Do ponto de vista de políticas públicas ver o Ministério do Esporte criar uma Coordenação voltada para o esporte indígena e entregar sua condução a um indígena, se constitui num avanço, e demonstra respeito e reconhecimento aos povos indígenas, visto que na maioria das vezes, equivocadamente, colocam pessoas com base nos acordos políticos que norteiam o loteamento de cargos.

Gostaria de um depoimento seu sobre a estrutura da Coordenação Geral de Políticas Esportivas Indígenas, e a curto e médio prazo o que você pretende efetivamente fazer.

Rivelino: Bem, inicialmente o Ministério do Esporte, por meio do ministro Aldo Rebelo, convida como assessor especial nas questões indígenas, mas na época já existia uma intenção do ministro em criar uma Coordenação que discutisse políticas públicas, e a tempo e a hora da posse eu solicitei ao ministro que criasse o espaço onde pudesse discutir políticas públicas de esporte e lazer, de fato, para os povos indígenas, não apenas assessorar no sentido das ações indígenas. Então logo, em 16/01/14, criou a Coordenação Geral de Políticas Esportivas Indígenas, onde agora efetivamente está dentro da estrutura da Secretaria de Esporte, Lazer e Inclusão Social, que é uma Secretaria dentro do Ministério.

Já foram realizadas 12 edições dos Jogos Nacionais Indígenas, e em Outubro de 2015, o Brasil sediará os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, que serão realizados em Palmas/TO.

Bem, a intenção maior é fazer com que os povos indígenas se aproximem das ações públicas referentes ao esporte, e que nós possamos daqui pra frente organizar da melhor forma possível e começar educar as crianças a assumir e valorizar sua cultura e identidade de forma autônoma a todas as ações referentes não só ao esporte, mas também a educação, saúde e todas as áreas que se tem para a população indígena. Então o ministério está promovendo o 1º Fórum Nacional de Política de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas que acontecerá em Janeiro de 2015, fruto de um trabalho que a gente vem tentando executar, e graças a Deus conseguimos agora efetivar a parceria com Universidade Federal do Mato Grosso, e vamos realizar esse 1º Fórum. Mas a ideia é exatamente isso, ampliar a participação indígena, fazer com que o governo tenha Programas de esporte e lazer específicos para a população indígena, essa é a maior intenção.

José Ney: Nós nos encontramos no Espírito Santo, na Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, num momento em que a academia discutia a produção referente aos povos indígenas. Ali se discutia sobre educação, esporte, e cultura indígena, e foi gratificante ouvir a sua fala na abertura, pontuando o link entre o Ministério do Esporte com a Universidade.

Um aspecto importante é a representação social do esporte praticado por indígenas, e eu gostaria da sua opinião a respeito, visto que Teses que tratam da representação social dos cegos, dos cadeirantes, praticantes de esporte, e agora temos como objeto de estudo a representação social de indígenas praticantes de esporte. Então é importante a sua visão como indígena e também como dirigente do Ministério do Esporte.

Rivelino: Iniciar pela ocupação do cargo dentro do Ministério, acredito que com essa abertura que o Ministério fez para a população indígena, nós discutimos a inclusão de esportes tradicionais dos povos indígenas também no cenário e no calendário esportivo nacional, pelo menos voltado para as escolas indígenas e para a população. É importante esse espaço aberto onde daqui pra frente nós vamos começar a organizar também os nossos calendários esportivos, de práticas culturais tradicionais, mas é necessário que os próprios indígenas assumam de fato o protagonismo de criar seus eventos, de colocar na agenda eventos culturais

importantes também respeitando claro a especificidade de cada região. Cada região tem sua forma e maneira diferentes, datas e épocas diferentes de fazer suas festas, até porque também nós temos aí condições climáticas diferentes, isso acaba favorecendo ou interferindo nessas mudanças de data. Mas como indígena, me refiro agora, como parte da população indígena, por ser um índio Makuxi, venho acompanhando todo esse desenvolvimento, assembleias onde se discute de forma clara a questão do esporte porque a preocupação maior ainda é educação, saúde, moradia e terra, o mais discutido nas assembleias, mas o esporte agora ganha corpo, até porque nós percebemos que o esporte é uma das ferramentas que une pessoas. Inclusive nós temos duas etnias que muitas vezes não lidam com outra por conta das diferenças, mas quando praticado o esporte essas diferenças acabam não resistindo, isso pra nós é de suma importância. Nós percebermos que o esporte pode inclusive erradicar essa diferenciação, essa intriga/briga entre etnias.

Eu vejo que o esporte é um instrumento valioso, inclusive pra nós nos aproximarmos e discutirmos com o governo a forma e a maneira que queremos nos organizar daqui pra frente.

José Ney: O que me chamou atenção é que entre os povos indígenas as práticas esportivas tem o sentido de celebração, não é uma coisa que a gente olha e diz: esse é um esporte indígena. Vemos práticas e manifestações adaptadas para o esporte, e hoje há uma influência muito forte do esporte praticado por não indígenas. E quanto o indígena visa celebração o esporte do não índio ele tem regras que estimula a competitividade, esse risco de esportivização dos povos e que a gente percebe algumas resistências e eu acho isso extremamente saudável e não perder essa dimensão de celebração. Terminar não tendo um derrotado, podendo ter um vencedor e um vencido, mas todos se confraternizam, abraçam e todos festejam. É essa essência que eu com o olhar acadêmico eu busco e vou lutar muito para que não se perca essa essência de quem perde ficar ressentido e quem ganha ficar superior porque isso inexistente. Gratifica-me muito quando você diz que o esporte também entre os povos indígenas ele tem essa capacidade de unir, esse papel social de fazer união. Nós temos também esse registro de se parar a guerra pra se confraternizar através do esporte. Então, dessa adaptação, quando criança, o que você viveu em tribos e aldeias, vocês não tinham a noção de esporte, uma série de práticas que pra nós seriam recreativas e que hoje foram adaptadas. Como foi sua infância? você brincou e fazia isso de forma recreativa?

Rivelino: Deixa-me iniciar com a questão da diferenciação entre o esporte praticado pelos povos indígenas e o esporte praticado pelos não indígenas. De fato, há uma celebração entre os povos indígenas e não uma competição, um fator interessante que se percebe, o atleta que ganha à corrida não é o atleta X e sim o atleta pertencente a uma etnia, é um grupo que é identificado ali e não a pessoa em si, o individualismo não prevalece. É necessário que a gente observe a continuidade, atuar esse valor coletivo e social dentro do esporte porque se não de fato vamos esportivizar as práticas que pra nós, como tu falaste, não tem o tom de esporte, ele é uma cultura, uma tradição, uma religiosidade inclusive tem outro termo, ele é um ritual, é um rito e não um esporte, porém é adaptado para se comportar como tal.

Mas pra nós, na nossa linguagem o esporte não existe, existe cultura, tradição, mas a gente está nesse momento de transição. É preciso dizer que os indígenas também devem e tem oportunidade inclusive de disputar esportes modernos e olímpicos, enfim, é preciso que se dê essa oportunidade sem perder a essência da sua comunidade da prática coletiva, de respeito, de confraternização. É necessário que se crie também um novo instrumento e que mostre que o Brasil tem um potencial inclusive na classe indígena. Nessa questão de como eu via isso como criança, repito, não existia esporte. A questão de você praticar arco e flecha tanto para lazer quanto pra divertir, mas já era uma prática de você ter ali a especialidade de flechar, se você não sabia fazer isso você não tinha nem carne e nem peixe pra comer, enfim na época nós usávamos como instrumento de trabalho para a aquisição de comida, hoje se transforma em esporte e que nós inclusive pretendemos coloca no cenário nacional como a prática esportiva oficial dos povos indígenas.

José Ney: Rivelino, muito obrigado pelo bate-papo, foi mais um aprendizado, porque isso é o que ocorre cada vez que converso com você, sobretudo quando o assunto é esporte praticado por indígenas, é um aprendizado constante.

3.7 ORDENAMENTO DE ELEMENTOS E ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS

As entrevistas permitiram que os entrevistados expressassem suas ideias de forma espontânea, o que resultou em um elenco de palavras e frases, que me permitiram na verificação dos conteúdos, fazer uma busca pelos elementos da representação, resultando na elaboração de uma lista com doze que mais se destacaram por afinidade e serão descritas a seguir:

Celebração – Saúde – Igualdade – Aprendizagem – Cultura – Respeito

Diversão – Preconceito – Limite – Diferença – Competição – Conflito

Categorias: Em busca da Hierarquização: Síntese da ideias

Verificação dos conteúdos e busca dos elementos de representação,

12 elementos por afinidade:

Celebração – “meio de comemorar”

Saúde – “melhora o corpo humano”

Igualdade – “não vejo diferença entre os dois”

Aprendizagem – “ensino para os jovens, que os mais velhos passam”

Cultura – “esporte para nós é manifestações culturais”

“serve pra mostrar nossa cultura”.

Respeito – “é competir com amor, carinho e respeito ao outro”

Diversão – “é mais pra divertir o dia inteiro”

Preconceito – “o esporte melhorou o preconceito em relação ao índio”

Limite – “eu procuro atingir meu limite”

Diferença – “cada um tem a sua diferença”

Competição – “o jogo é um tipo de competição”

Conflito – “entre nós não tem conflito, tem intercâmbio”.

As respostas obtidas nos levam a concluir que o processo de formulação de Políticas Setoriais de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas, precisa se pautar no respeito a identidade, a espiritualidade e a cultura dos povos indígenas, e assegurar aos povos indígenas o direito ao protagonismo, a condução e definição, sob pena de se produzir algo excludente, sem a identidade indígena.

4 A EDUCAÇÃO INDÍGENA

No seu artigo, *A questão da educação indígena na legislação brasileira e a escola, indígenas*, Alceu Zoia (2006, p. 69) menciona Silva e Azevedo (2004) ao afirmar que

A implantação de projetos escolares para populações indígenas é quase tão antigo quanto o estabelecimento dos primeiros agentes coloniais no Brasil. A submissão das populações nativas, a invasão de suas áreas tradicionais, a pilhagem e destruição de suas riquezas, etc, têm sido, desde o século XIV, o resultado de práticas que sempre souberam aliar métodos de controle político a algum tipo de atividade escolar civilizatória.

Alceu Zoia (2006, p. 70-71) ao tratar da Lei de *Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LBD/9.394/96) e do *Plano Nacional de Educação* (PNE), destaca que ao estabelecer características específicas da escola indígena, o Ministério da Educação (MEC) afirma que esta deverá ser:

- Comunitária:

Porque conduzida pela comunidade indígena, de acordo com Seus projetos, suas concepções e seus princípios. Isso se refere tanto ao currículo quanto aos modos de administrá-la. Inclui liberdade de decisão quanto ao calendário escolar, à Pedagogia, aos objetivos, aos conteúdos, aos aspectos e momentos utilizados para a educação escolarizada.

- Intelectual:

Porque de reconhecer e manter a diversidade cultural e lingüística; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, lingüísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior a outra; estimular o entendimento e o respeito entre os seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social e política.

- Bilíngue/multilíngüe:

Porque as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento a prática religiosa, as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas são, na maioria dos casos, manifestados através do uso de mais uma língua. Mesmo os povos indígenas que são monolíngües em língua Portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilingüismo simbólico importante.

- Específica e diferenciada:

Porque concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares de cada povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e organização da escola não-indígena.

Depreende-se que esta perspectiva apresentada para a educação indígena, com reflexo nas escolas indígenas, implicará na necessidade de um conteúdo diferenciado, e conseqüentemente remeterá a discussão sobre a atuação do professor indígena.

A melhor maneira de compreender o sentido de certas ideias de base a respeito das propostas de educação dirigidas a sujeitos, grupos e movimentos populares, é percorrer os momentos da história em que elas foram sendo definidas e postas em ação através de uma prática pedagógica subordinada a um projeto político. (BRANDÃO, 1995)

De acordo com Brandão (1995), Patrício Cariola, na sua publicação *Educacion y participación em America Latina* destaca que a educação passou até hoje por três paradigmas: A educação como evangelização. A educação como direito humano. A educação com recurso humano. Sendo cada um a proposta emergente e depois dominante em seu tempo.

Em 1993, a Unesco encampou um novo intento, ainda mais ousado, com vistas a fixar as orientações do processo educativo no novo milênio. Para a coordenação dessa nova empreitada foi nomeado Jacques Delors, ex-ministro da Economia Francês, presidente da Comissão Europeia por vários mandatos, que, à frente de uma equipe ainda mais completa que a primeira, investigou com profundidade o que estava sendo feito e quais seriam as orientações para o futuro. Tomando por ponto de partida o Relatório Faure, a pesquisa foi concluída e divulgada em 1996, com a apresentação do Relatório Delors (1998), chamado *Educação: um tesouro a descobrir*, que passou a ser considerado fundamento primeiro de todo programa sério de organização e reflexão sobre a temática da aprendizagem.

Frisava o relatório que, historicamente, os educadores vinham dando ênfase exagerada à aquisição do conhecimento, mediante o repasse de informações que, de alguma forma, talvez, um dia, servissem a algum propósito do educando. A

novidade do Relatório Delors foi justamente estabelecer que a educação merecia ser abordada por outros prismas, enumerando as quatro metas do milênio: (1) **aprender a conhecer**, (2) **aprender a fazer**, (3) **aprender a conviver** e (4) **aprender a ser**.

Segundo Grandó (2006, p. 20),

A educação indígena, num processo global e integrante, envolve determinadas pessoas na sociedade, as quais têm um papel fundamental no sistema educacional tradicional. Essa educação dá-se nas relações cotidianas e é ritualizada em momentos específicos que marcam a passagem de uma fase da vida para outra, fases que, para os povos indígenas, não são necessariamente determinadas pelo amadurecimento biológico, mas principalmente por papéis que o homem e a mulher assumem na comunidade conforme o que esta deles espera desde o nascimento até a morte.

Podemos depreender que apesar dos avanços na educação indígena, o que se nota é a influência da escola não indígena, impondo valores que levam a disciplinarização do corpo índio, afastando da educação tradicional e interferindo nas práticas corporais tradicionais, resultando em outra cultura que se reflete nas danças, lutas e demais práticas corporais.

4.1 ESPORTE DA ESCOLA

A escola, quase sempre, é o local do primeiro contato da criança com o esporte, e a educação física escolar se apropria do esporte como conteúdo, contribuindo para a formação integral do cidadão.

Para Vygotsky (1998), o aprendizado da criança começa muito antes de ela frequentar a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia.

Através do esporte é possível desenvolver habilidades, hábitos saudáveis, contribuir para a formação do caráter, sociabilizar, desenvolver o senso de companheirismo e respeito às normas e regras.

O esporte surpreende pela rapidez e amplitude de sua progressão, que se impõe pela atração que desperta, incita a ação, competição, superação de esforço, e que deste modo, favorece o enriquecimento pessoal, além de ser um extraordinário meio de expressão que revela os limites de cada um.

Segundo Benhur Eidelwein e Márcio Siqueira Nunes (2010),

Em geral se consideram esportes as atividades de recreio ou competitivas que exigem certa dose de esforço físico ou de habilidade. Podem ser individuais ou coletivos. No passado só eram considerados esportes as atividades recreativas praticadas livremente, como a pesca e a caça, em contraposição aos jogos, competições atléticas organizadas de acordo com regras determinadas. A distinção entre esportes e jogos hoje é menos clara, e com frequência os dois termos são usados de forma indistinta.

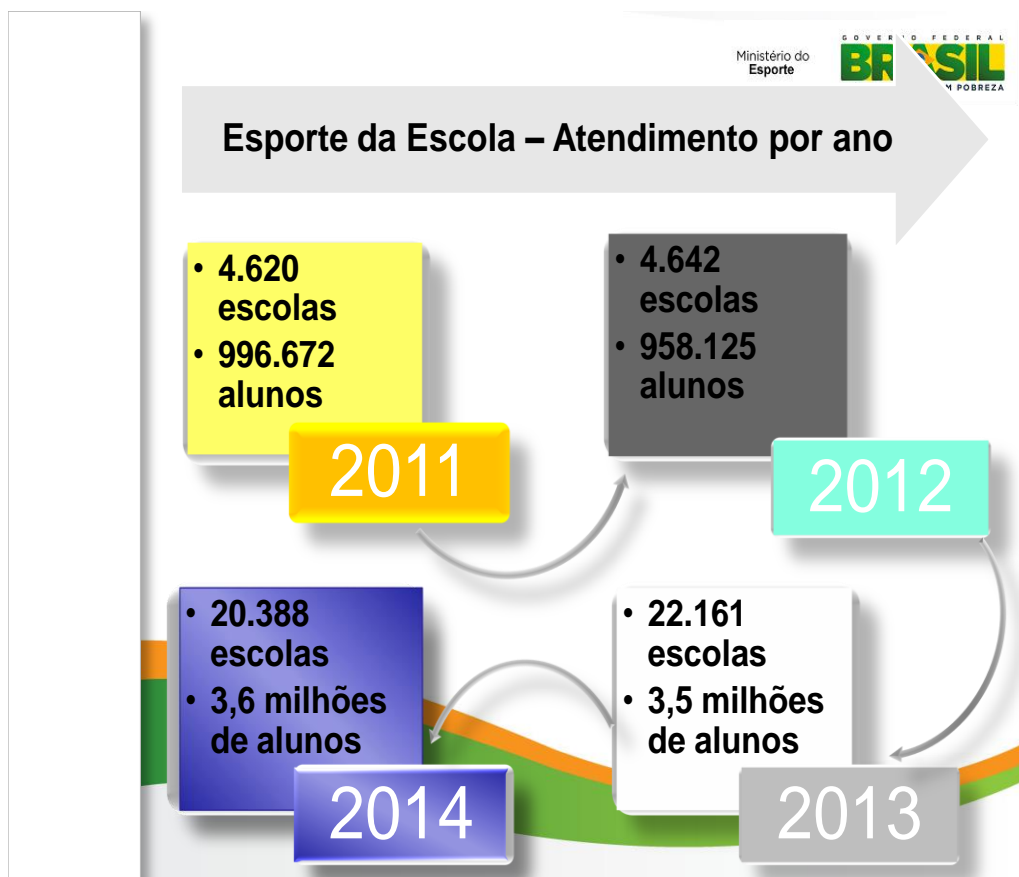
Com origem nas civilizações antigas, o esporte se diversificou ao longo dos séculos, ganhando características diversas na sua prática, de acordo como o povo que o pratica, entretanto, a história mostra que o divertimento, a força física, e a interação social sempre se fizeram presentes desde os primórdios.

Quando tratamos de Esporte na Escola, é de extrema importância que o Educador aja como formador de cidadania, construindo uma cultura corporal em que o desenvolvimento motor e valores sociais sejam o foco e não se limite a ser apenas transmissor de conteúdos que remetam a prática de modalidades.

A criança chega a escola levando um repertório motor e vivências resultantes do convívio familiar e social. Quando se trata de criança indígena essas vivências são muito fortes, dada a forma de convívio nas aldeias ou comunidades, cujas práticas corporais envolvem atividades que são consideradas modalidades tradicionais e praticadas como esporte indígena.

O Esporte quer seja na Escola ou da Escola, se constitui em importante ferramenta para o processo de construção da cidadania, desenvolvimento motor, sociabilização e fortalecimentos de laços afetivos e culturais.

Figura 25 - Macrocampo Esporte e Lazer



Fonte: Ministério do Esporte

Quadro 5 – Esporte da Escola - Exercício 2014

ESPORTE DA ESCOLA Exercício 2014

QUADRO RESUMO POR REGIÃO – ESPORTE DA ESCOLA			
Região	Qt. de Escolas	Qt. de Alunos	Prev. Monitores
CENTRO-OESTE	1.443	247.414	2.194
NORDESTE	10.599	1.894.361	16.911
NORTE	2.884	606.320	5.129
SUDESTE	3.386	572.563	5.073
SUL	2.076	302.540	2.865
Total geral	20.388	3.623.198	32.172

Fonte: Ministério do Esporte

Quadro 6 – Esporte da Escola – Escolas Indígenas



Ministério do
Esporte

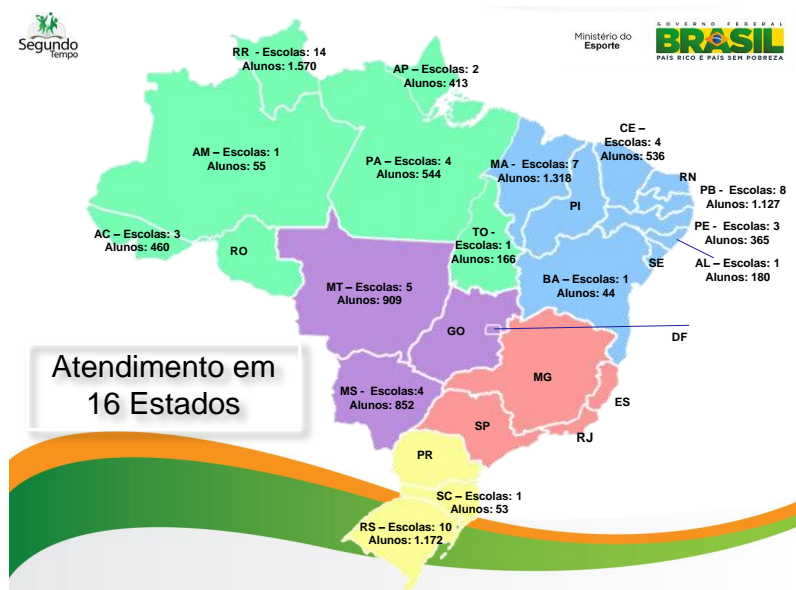


ESPORTE DA ESCOLA Escolas Indígenas

QUADRO RESUMO POR REGIÃO – ESPORTE DA ESCOLA			
Região	Qt. de Municípios	Qt. de Escolas	Qt. de Alunos
CENTRO-OESTE	5	9	1.761
NORDESTE	15	24	3.570
NORTE	13	25	3.208
SUL	9	11	1.225
Total geral	42	69	9.764

Fonte: Ministério do Esporte

Mapa 2 – Projeto de Esporte Lazer e Comunidade Indígenas



Fonte: Ministério do Esporte

5 A ESPORTIVIZAÇÃO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS

Entre os cerca de 740 mil indígenas existentes no Brasil, distribuídos em cerca de 250 etnias, a grande maioria ainda não tem acesso a prática regular de esporte, e dentre os que praticam predominam as modalidades tradicionais, que refletem valores culturais e éticos, conforme se ver quando dos Jogos Indígenas realizados em alguns estados, entretanto, há um processo de esportivização em franca expansão entre um número considerável de etnias, resultante da influência da globalização, que tem contribuído para que modalidades praticadas por não índios, como futebol, voleibol integrem o cotidiano das práticas corporais em muitas aldeias.

Para Aguiar, Turnês e Cruz (2011)

A adaptação e as transformações das tradições indígenas a partir do contato com o mundo dos não-índios expressam um processo de ressignificação de valores culturais, esse processo apresentado como *mimesis* por Fassheber (2006), opera na construção de novas relações sociais – uma nova forma de organização de equipes, torneios, torcidas, identidades e rivalidades.

Kunz (2006) corrobora que os princípios do esporte trazem como consequência processos de seleção, de especialização e de instrumentalização. Assim, é importante analisar o processo de esportivização nos jogos tradicionais indígenas, pois é um fenômeno que altera a cultura corporal de movimento, ou seja, modifica as práticas corporais assumindo características do esporte de alto rendimento. (GONZALEZ, 2006 apud AGUIAR; TURNÊS; CRUZ, 2011) Desse modo, para Almeida (2008), os jogos tradicionais foram esvaziados de seu sentido inicial, restando apenas traços das práticas corporais tradicionais, onde passaram a assumir as características básicas do esporte de alto rendimento”.

Esse processo tem forte tendência para a padronização de regras e regulamentos que regerão os jogos indígenas com vistas a propiciar a competição.

5.1 O ESPORTE INDÍGENA COMO OBJETO DE ESTUDO

Historicamente, quando se trata de esporte indígena, o que se tem é o processo de adaptação de rituais que foram levados ao status de modalidade esportiva, as quais sob influência do contexto moderno de disputas nos moldes dos Jogos Olímpicos e outras competições contemporâneas, mantêm características tradicionais, entretanto cada vez mais se distanciam do caráter de celebração, ao se prenderem a normas e regras que resultam em vencedores e vencidos, e assim estimulam a competição.

Saneto (2012) cita que por meio dos estudos empreendidos por Ferreira (2006), Rubio, Futada e Silva (2006) e Almeida (2008), os Jogos dos Povos Indígenas acontecem desde as suas primeiras edições, com uma forte influência do fenômeno esportivo moderno. Isso lhe conferiu uma estrutura que resguarda algumas semelhanças com o evento esportivo internacional de grande repercussão: os Jogos Olímpicos.

O esporte, no âmbito da modernidade, é compreendido a partir de algumas características, que rompem com um modelo de prática corporal tradicional. Diante disso, parece-nos um jogo de contradições a construção de um evento que assume a bandeira do tradicional sob os moldes dos Jogos Olímpicos, em que os contornos da modernidade imperam.

Além das questões relacionadas com o esporte e seus fenômenos, é preciso considerar que, mesmo apoiado sobre a égide das tradições, os Jogos dos Povos Indígenas se constituem como um evento institucionalizado e que segue determinações burocráticas, normativas e técnicas. Todo esse enquadramento é característico do contexto histórico atual, entendido por Giddens (1991) como alta modernidade.

De acordo do Guttman (1978), as características que determinam os contornos do esporte moderno são: secularidade, igualdade, especialização, racionalização, burocracia, quantificação e recordes.

5.2 ESPORTE INDÍGENA DE ALTO RENDIMENTO

Apesar das influências externas, a maior dificuldade para a expansão da prática do Alto Rendimento entre indígenas é o fator cultural, em virtude de exigir sacrifício e dedicação exclusiva dos atletas que chegam a esse patamar e buscam resultados nas suas modalidades. Alto Rendimento impõe uma rotina rígida de treinamentos que resultam dolorosas, exige dedicação exclusiva para compromissos sociais, viagens e outras demandas.

Um jovem não indígena de 15 a 17 anos, tem responsabilidades sociais que se pautam na obrigatoriedade de estudar e se preparar para entrar no mercado de trabalho, entretanto, um jovem indígena da mesma faixa etária tem responsabilidades sociais com seu povo que os leva a permanecer na aldeia para o cumprimento das mesmas. Não é raro que nessa faixa de idade muitos deles já sejam pais.

Atualmente, estamos verificando a quebra de paradigmas, como a participação de dois jovens indígenas da etnia Kambeba/AM, Dream Braga e Gustavo Santos, ambos com 17 anos, que estão praticando esporte de Alto Rendimento e integram a Seleção Brasileira de Tiro com Arco.

Em conversa que tivemos com um deles, o atleta Dream Braga, considerado um dos maiores talentos da modalidade na atualidade, perguntamos como resistir a saudade da aldeia e ao não cumprimento das obrigações que são inerentes a jovens da sua idade? Fator que já levou centenas de indígenas talentosos a abandonarem a prática esportiva e não atingirem o estágio do Alto Rendimento?

A resposta de Dream foi que essa situação ele busca superar a cada dia, e para tanto tem tido o apoio da equipe técnica da Confederação Brasileira de Arco e Flecha, e também da família, isso tem garantido que ele permaneça treinando e espera como integrante da equipe olímpica do Brasil, conquistar medalhas e dar orgulho aos seus parentes.

Foto 1 - Atletas Indígenas de Alto Rendimento da Modalidade



Foto 2 – Ney Santos (UFBA/SUDES) e Dreaan Braga – Etnia Kambeba/AM, Atleta de Tiro com Arco



5.3 JOGOS DOS POVOS INDÍGENAS

Nesse tópico faremos uma abordagem sobre os Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha - BA, Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro - BA, Jogos Nacionais dos Povos Indígenas, 1º Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, e do Iº Fórum Nacional de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas.

5.3.1 Jogos Indígenas Pataxó

Iniciados na Escola Indígena de Coroa Vermelha, em 1999, os Jogos tiveram ampliadas a participação de outras aldeias, e a primeira foi a Aldeia da Jaqueira.

Fruto de uma parceria entre o Canal Futura e a Escola Indígena de Coroa Vermelha, para integrar o Programa Telecurso 2000, nasceu em 2000, na aldeia de Coroa Vermelha, as Olimpíadas Pataxó, posteriormente passou a chamar-se Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha.

A partir de 2000 os Pataxó passaram a participar dos Jogos dos Povos Indígenas, a convite de Marcos Terena.

Em 2007 o Governo do Estado da Bahia passou a apoiar os Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha, através da Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE), da Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia (SUDESB), da então Secretaria do Desenvolvimento Social (SEDES), e da então Secretaria de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH).

O apoio do Governo do Estado da Bahia Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha, financeiro e logístico, propiciou um crescimento significativo dos Jogos, tanto no número de participantes, quanto de parceiros, aumentou a visibilidade por atrair veículos de mídia que passaram a divulgar e cobrir os Jogos.

A partir de 2007 os Jogos Indígenas Pataxó de Coroa Vermelha deixaram de ter caráter competitivo e passaram a ter a filosofia de celebração, que persiste até os dias atuais.

Um legado positivo dos Jogos de Coroa Vermelha foi o estímulo para a realização dos Jogos Pataxó de Porto Seguro, iniciados em 2006, e atualmente são referência de organização para esse tipo de evento.

Foto 3 - VIII Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro, nov. 2014.



Nota: A partir da esquerda: Juari Pataxó (Coordenador Geral dos VIII Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro); Terezinha Slavieiro (Sec. Educ. de Porto Seguro); Terezinha (Assessora do Ministério da Justiça); Karkaju (Coord. Técnico dos VIII Jogos Pataxó de Porto Seguro); Hector Franco (Secretário Municipal Extraordinário dos 1º Jogos Mundiais Indígenas, da Prefeitura de Palmas – TO); Ney Santos (Sudesb e UFBA).

Foto 4 - VIII Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro, nov. 2014.



Nota: A partir da esquerda: Ney Santos; Tabata (Terena); Marcos Terena (Coord. Dos Jogos Nacionais e dos 1º Jogos Mundiais dos Povos Indígenas); Superintendente da Infraero e Esposa; Juari Pataxó (Coordenador Geral dos VIII Jogos Indígenas Pataxó de Porto Seguro).

5.3.2 Jogos Nacionais dos Povos Indígenas

“O Importante não é competir, sim celebrar”

Ao longo de mais de cinco séculos, os povos indígenas brasileiros ficaram à margem da sociedade, e o processo de colonização do país, aliado aos critérios de “civilização”, resultou no desaparecimento de inúmeras comunidades e povos, restando, no início do século XXI, uma população estimada em menos de um milhão de indígenas no país.

A diversidade cultural dos povos indígenas brasileiros é hoje representada por cerca de 230 etnias que ainda mantêm vivas aproximadamente 180 línguas. São povos diferentes entre si, cada um com sua identidade cultural, manifestações, usos, tradições, costumes, habilidades tecnológicas, organização social, ritos, crenças, filosofias, espiritualidades e esportes tradicionais peculiares.

Organizados pelo Comitê Intertribal Indígena, com apoio do Ministério do Esporte, os Jogos dos Povos Indígenas têm o seguinte mote: “O importante não é competir, e sim, celebrar”. A ideia partiu de Carlos Terena, que vislumbrou nos anos 80 realizar um evento que reunisse diferentes tribos com o objetivo de integração e a celebração dessas culturas tradicionais.

Espelhando as dificuldades enfrentadas pelos povos indígenas, a materialização do sonho de Carlos Terena levou mais de uma década para acontecer, visto que por cerca de 16 anos os irmãos Carlos e Marcos Terena peregrinaram por gabinetes de dirigentes esportivos, sobretudo no âmbito do executivo Federal, dada a dimensão da proposta, tentando encontrar apoiadores para a realização das “Olimpíadas Indígenas”, título inicial do Projeto. Lamentavelmente não eram levados a sério, por serem indígenas

Em 1996, com a criação do Ministério Extraordinário dos Esportes, os irmãos Terena tiveram acesso ao então ministro Edson Arantes do Nascimento, Pelé, a quem apresentaram a proposta que há 16 anos tentavam ver executada.

A sensibilidade e visão gerencial do Ministro Edson Arantes do Nascimento, levaram-no a delegar ao então Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto (INDESP), órgão executivo do Ministério dos Esportes, a tarefa de junto aos

integrantes do Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena - ITC, formalizarem o planejamento para a realização da primeira edição das “Olimpíadas Indígenas”.

A equipe do Instituto Nacional do Desenvolvimento do Desporto (INDESP), junto aos irmãos Terena, realizou visitas a diversas aldeias pelo país, a fim de delinear diretrizes e traçar objetivos para estabelecer um formato para os Jogos. Era necessário efetuar as visitas, visto que se tratava de evento inédito no país, envolvendo os povos indígenas.

Na tarde de 16 de outubro de 1996, em Goiânia, representantes do povo Krahô, do Tocantins, friccionaram pedaços de madeira com pedra, provocando a faísca que gerou a primeira chama do fogo sagrado dos Jogos dos Povos Indígenas. Mais de 24 etnias e cerca de 600 indígenas participantes desfilaram para uma plateia de milhares de pessoas que foram ao estádio para abrilhantarem a primeira edição dos Jogos dos Povos Indígenas, evento que se constituiu num marco da celebração entre povos indígenas, fato que reuniu outrora inimigos tradicionais, promoveu o encontro de etnias diversas levou muitas a se conhecerem e exibirem suas manifestações culturais e desportivas, tornando realidade o sonho dos irmãos Terena.

A realização da segunda edição, em 1997, foi fruto de uma nova peregrinação dos irmãos Terena, devido a mudança do comando e o Esporte está vinculado ao Ministério do Turismo, que então era Ministério do Turismo e Esporte, foi difícil convencer o então ministro Rafael Greca, a realizar a segunda edição dos Jogos dos Povos Indígenas, que ocorreu na cidade de Guaíra, no Paraná, entre os dias 14 e 20 de outubro de 1999.

Com a realização da segunda edição, e o sucesso das duas edições, os Jogos dos Povos Indígenas estavam consolidados e o Ministério do Esporte passou a ser seu principal patrocinador, fato que motivou a realização de Jogos por várias etnias em alguns Estados, com a orientação dos irmãos Terena, por meio do Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena.

Em 2013 os Jogos Nacionais dos Povos Indígenas chegaram a sua 12ª Edição. Abaixo o Calendário dos Jogos:

- 1996 – Iº JPI – Goiânia (GO);
- 1999 – IIº JPI – Guaíra (PR);

- 2000 – IIIº JPI – Marabá (PA);
- 2001 – IVº JPI – Campo Grande (MS);
- 2002 – Vº - Marapanin (PA);
- 2003 – VIº - Palmas (TO);
- 2004 – VIIº - Porto Seguro (BA);
- 2005 – VIIIº - Fortaleza (CE);
- 2007 – IXº - Recife/Olinda (PE);
- 2009 – Xº - Paragominas (PA);
- 2011 – XIº Porto Nacional (TO);
- 2013 – XIIº - Cuiabá (MT).

A proposta dos Jogos dos Povos Indígenas preceitua o Art. 231, Capítulo VIII da Constituição Federal: "São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições", em consonância com a Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1973, no seu Art. 47. "É assegurado o respeito ao patrimônio cultural das comunidades indígenas, seus valores artísticos e meios de expressão". Art. 217, inciso IV, da Constituição Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), que se traduz na "proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional", e ainda o Art. 31, Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (NAÇÕES UNIDAS, 2008) afirma que "Os povos indígenas têm o direito a manter, controlar, proteger e desenvolver seu patrimônio cultural, seus conhecimentos tradicionais, suas expressões culturais tradicionais, esportes e os jogos tradicionais e as artes visuais e interpretativas".

Foto 5 – XII Jogos Nacionais dos Povos Indígenas, Cuiabá, MT, 2013.



Nota: Da esquerda: Karkaju Pataxó (Equipe Técnica do Jogos Nacionais dos Povos Indígenas), Uilton (Presidente do Instituto Intertribal do Brasil – ITB), Ney Santos – UFBA/Sudesb), Marcos Terena – Coordenador Geral do Jogos Nacionais dos Povos Indígenas.

Foto 6 – XII Jogos Nacionais dos Povos Indígenas – Cuiabá, MT, 2013



Nota: Ney Santos com Índios Matis / AM

5.3.3 1º Jogos Mundiais dos Povos Indígenas

A realização no Brasil, da primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, previstos para o período de 20 de outubro a 1º de novembro de 2015, em Palmas, TO, se constitui num marco para o país e o coroamento do trabalho de décadas dos irmãos Carlos e Marcos Terena, idealizadores dos Jogos dos Povos Indígenas, do Brasil.

Reunindo indígenas de 22 países e 24 etnias nacionais, sob a Coordenação do Comitê Intertribal Memória e Ciência Indígena (ITC) em conjunto com o Governo Federal, o Governo do Estado de Tocantins, e a Prefeitura Municipal de Palmas, TO, os Jogos reunião líderes indígenas de povos de várias partes do Brasil e do Mundo, além de Autoridades do Governo Federal, Estadual e Municipal, Embaixadas, ONU, e Artistas, e será um marco nas relações desportivas, culturais e ambientais como principal evento para a interação Homem/Natureza antes das Olimpíadas 2016. (ITC)

Período: 20 de outubro a 1º. de novembro de 2015

Local: Palmas - Tocantins

Modalidades:

- ✓ Arco e flecha
- ✓ Arremesso de lança
- ✓ Cabo de força
- ✓ Canoagem
- ✓ Corrida com tora
- ✓ Natação
- ✓ Futebol
- ✓ Lutas corporais

Aspectos que norteiam os Jogos Mundiais

- ESPIRITUALIDADE – O Fogo Sagrado
- CULTURA – Identidade
- RECIPROCIDADE – Etnias
- JOGOS – Interação e Respeito

Bases dos Jogos Mundiais

- ESPORTE TRADICIONAL
- ESPORTE DE INTEGRAÇÃO
- ESPORTE OCIDENTAL

Participação de 24 etnias brasileiras e delegações de 22 países, totalizando 2.300 indígenas.

A programação será realizada em 13 dias composto por: 03 dias de ambientação com o Festival Internacional das Culturas Indígenas; e 10 dias de programação desportiva, tradicional e cultural;

Possibilitar intercâmbio e vivências culturais diversificadas focadas no respeito, na celebração e no envolvimento entre os povos e o público.

5.3.4 1º Fórum de Políticas Públicas de Esporte e Lazer Indígenas (FOPPELIN)

Idealizado por Rivelino Macuxi, Coordenador Geral de Políticas Esportivas Indígenas, do Ministério do Esporte, com organização da Universidade Federal do Mato Grosso, através da Profa. Dra. Beleni Grando, foi realizado de 7 a 11 de abril de 2015, na cidade de Cuiabá – MT, o I Fórum Nacional de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas.

Com o objetivo de subsidiar a Coordenação Geral de Políticas Esportivas Indígenas, da Secretaria Nacional de Esporte, Educação, Lazer e Inclusão Social (SNELIS) do Ministério do Esporte, na elaboração de Políticas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas do Brasil, o evento se constituiu num marco das Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os povos indígenas, por reunir representantes

indígenas de todos os estados brasileiros, dentre caciques, jovens, anciões, mulheres e demais lideranças indígenas, bem como acadêmicos, mestres e doutores que atuam em Universidades Públicas de diferentes regiões do país, lideranças políticas do Senado e da Câmara Federal, da Frente Parlamentar em Defesa dos Direitos dos Povos Indígenas, parlamentares, gestores municipais e estaduais, e representantes dos Ministérios, para discutir e propor políticas, programas e ações de esporte e lazer para os povos indígenas.

O I Fórum Nacional de Políticas Públicas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas foi estruturado em 4 eixos temáticos: 1) esporte, lazer e desenvolvimento sustentável; 2) esporte e lazer, cultura e território; 3) esporte de alto rendimento e atleta indígena e; 4) esporte, lazer, saúde e educação.

Com brilhantes intervenções, os debates nos quatro eixos, e na plenária final, apontou para diversos aspectos que envolvem os povos indígenas brasileiros na atualidade, gerou a Carta do Primeiro Fórum Nacional de Políticas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas (FOPPELIN), e teve como maior destaque a necessidade de demarcação das terras dos povos indígenas, uma vez que, para a implementação das ações propostas é imprescindível a definição da demarcação das terras dos povos indígenas.

Foto 7 – 1º Fórum Nacional de Políticas de Esporte e Lazer para os Povos Indígenas (FOPPELIN)



Nota: A partir da esquerda: Rivelino Macuxi (Idealizador do Fórum; Beleni Grando (UFMT e Coordenadora do 1º FOPPELIN); Andréa Ewerton (Diretora do Departamento de Desenvolvimento e Acompanhamento de Políticas e Programas Intersetoriais do Ministério do Esporte); Ney Santos (UFBA e SUDESB). 07/04/2015.

6 CONCLUSÃO

A Tese apresentou o quadro histórico e geográfico dos povos indígenas na Brasil, tratou das representações sociais, atendendo ao que se propôs investigar, que foi o significado do esporte praticado por indígenas, a partir de conceitos de alguns integrantes de etnias sobre as questões norteadoras: 1) Para você é esporte? e o quê que é jogo?. 2) Qual é a diferença entre o esporte que é praticado pelos indígenas e o esporte praticado pelos não índios?. 3) O quê que você busca através do esporte?. 4) Durante os jogos você tem visto respeito a cultura indígena?. 5) Se você for Ministro do Esporte, o que você vai fazer pelo esporte junto as comunidades indígenas?.

Partindo do referencial teórico, fizemos uma abordagem sobre os povos indígenas do Brasil nos 515 anos de existência do país, chegamos ao mapeamento das modalidades que passaram a ser denominadas de esporte indígena, listamos as que foram escolhidas para integrar a programação dos Jogos Nacionais dos Povos Indígenas, em caráter competitivo, e atualmente são repetidas em diversos Jogos Indígenas realizados pelo país. Muitas modalidades são integradas às programações apenas como demonstração, com vistas a divulgar a cultura dos povos que as apresentam.

No referencial metodológico, analisamos a Representação Social, como teoria e fenômeno, sob a ótica de Serge Moscovici, passando pelas representações coletivas de Durkheim, as produções de teóricos como Jean Claude Abric, Willem Doise, Denise Jodelet, Farr, Domingos Sobrinho, e outros, o que nos permitiu mergulharmos nesse desafiador campo do conhecimento, fundamentar essa produção, sem a pretensão de esgotarmos o tema, mas buscarmos subsídios para uma melhor compreensão da realidade social, sobretudo dos povos indígenas.

Além das reflexões dos estudiosos das relações sociais, tratando-se de povos indígenas, esse trabalho estaria incompleto se dele não constasse a Carta da Terra, porque não há como tratar da temática indígena sem que se recorra a abordagem da territorialidade, e esse tema nos leva a falar de terra.

Abordamos Educação Indígena, e nesse contexto não poderíamos deixar de recorrer a Jacques Delors, com o seu Relatório para a Unesco, tratando da

Educação para o Século XXI e destacando os quatro Pilares: Aprender a ser; Aprender a Conviver; Aprender a Fazer; e Aprender a Conhecer. Princípios que norteiam a educação indígena a partir do convívio com seu povo.

Como o tema central desse trabalho trata da representação social, a abordagem sobre educação indígena ganhou um destaque maior e tratamos desde os rituais, passando pela Legislação vigente no país, o esporte na Escola, o que nos permitiu chegarmos às práticas corporais, nas quais o esporte se insere como celebração, como competição, chegando ao alto rendimento e conseqüentemente ao processo de esportivização.

Apesar de algumas etnias sequer usarem o termo esporte, a prática de modalidades, sobretudo o futebol, ser uma realidade em mais da metade das aldeias existentes no país.

Apesar da resistência de muitos em manter tais práticas apenas como meio de celebração.

Concluimos que a representação social do esporte praticado por indígenas, tem uma importância significativa no processo de preservação de valores culturais, tem contribuído para a preservação e difusão da cultura indígena, agente de exposição dos problemas sociais que muitas etnias enfrentam, se constituir em forte aliado nas lutas pela terra, entretanto, estamos assistindo a uma acelerada assimilação de valores da cultura do não indígena, sobretudo pelo crescente acesso de um número cada vez maior de etnias aos meios de comunicação, levando ao processo de esportivização dos povos indígenas, com reflexo direto no desejo de inserção no esporte de alto rendimento, que estimula a competição, a busca por meios de superação, gera vencedor e vencido, e fatalmente levará ao desaparecimento a cultura da celebração.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 155-172.

AGUIAR, Rafael Alves de; TURNÊS, Tiago; CRUZ, Rogério Santos de Oliveira. Jogos tradicionais indígenas. **EFDeportes.com: revista digital**, Buenos Aires, año 16, n. 159, ago., 2011. Não paginado. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd159/jogos-tradicionais-indigenas.htm>>. Acesso em 15 ago. 2013.

ALMEIDA, Arthur José de Medeiros. **Esporte e cultura: esportivização de práticas corporais nos jogos dos povos indígenas**. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em educação Física) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.

ARAÚJO, Samuel Nascimento de; MURMAM, Cinara Valency Enéas. Ginástica enquanto conteúdo integrante da Educação Física escolar: um relato de experiência. **EFDeportes: revista digital**, Buenos Aires, año 16, n. 159, ago. 2011. Não paginada. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/indic159.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2015.

ARRUDA, Angela. Representações sociais e movimentos sociais: grupos ecologistas e ecofeministas do Rio de Janeiro. In: MOREIRA, Antônia Silva Parede; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Ed., 1998. p. 71-86.

_____; SÁ, Celso Pereira de; GUARESCHI, Pedrinho. **Imaginário, memória, ideologia e representações sociais**. Trabalho apresentado durante o VIII Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico, Serra Negra, SP, 2000.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (BRASIL). **Novas contribuições para a teorização e pesquisa em representação social**. Florianópolis, 1996. 1 v. (Coletâneas da ANPEPP, 1)

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRACHT, Valter. A criança que pratica esportes respeita as regras do jogo capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v.7, n. 2, p. 62-68, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Em campo aberto: escritos sobre a educação e a cultura popular**. São Paulo: Cortez, 1995.

BRASIL (Constituição). **Constituição Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 9 jan. 2015.

BRASIL. Lei 6.001, de 19 de dezembro de 1976. Dispõe sobre o Estatuto do índio. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6001.htm>. Acesso em: 9 jan. 2015.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Apresentação dos jogos indígenas**. Disponível em: <www.esporte.gov.br/sndel/jogosIndigenas/XJogos/apresentacao.jsp>. Acesso em: 7 abr. 2010.

_____. **[Homepage]**. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2015

_____. **Modalidade dos jogos indígenas**. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/sndel/jogosIndigenas/XJogos/modalidades.jsp>>. Acesso em: 7 abr. 2010.

COLLET, Célia; PALADINO, Mariana; RUSSO, Mariana. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1997.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 1998.

DICIONÁRIO ILUSTRADO tupi guarani. [200-]. Disponível em: <<http://www.dicionariotupiguarani.com.br/contato/>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

DOISE, Willem. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 45-66.

DOMINGOS SOBRINHO, Moisés. "Habitus" e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB Ed., 1998. p. 71-86.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores)

EIDELWEIN, Benhur; NUNES, Márcio Siqueira. Esporte na educação física escolar e sua importância na sociabilização: el deporte en la educación física escolar y su importancia en la socialización. **EFDeportes.com: revista digital**, Buenos Aires, año 15, n. 147, agosto, 2010. Não paginada. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd147/esporte-na-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 31-59.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. **Etno-desporto indígena**: contribuições da antropologia social a partir das experiências entre os Kaingang. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

FERREIRA, Maria Beatriz Rocha et al. Jogos tradicionais indígenas. In: DA COSTA, Lamartine Pereira (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 35-36.

FUNAI. **[Homepage]**. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>> Acesso em: 18 dez. 2014.

_____. **Jogos dos povos indígenas**. [2009]. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/indios/jogos/novas_modalidades.htm>. Acesso em: 4 abr. 2010.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GRANDO, Beleni Saléte. A educação do corpo nas sociedades indígenas. In: MULLER, Maria Lúcia Rodrigues; PAIXÃO, Lea Pinheiro (Org.). **Educação, diferenças e desigualdades**. Cuiabá: UFMT, 2006. p. 227-252.

_____; AGUIAR, ElcioneTrojan de; OLIVEIRA, Bruna Maria. A produção do conhecimento sobre as práticas corporais indígenas e suas relações com os jogos indígenas do Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3, Salvador, 2009. **Anais...** Salvador, 2009. p. 1-7.

_____; OLIVEIRA, Bruna Maria; AGUIAR, Elcione Trojan de. **Os saberes e práticas corporais indígenas e suas relações com os jogos indígenas**. 2009. Disponível em: http://www.unemat.br/pesquisa/coeduc/downloads/saberes_indigenas_jogos.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2010.

_____; PASSOS, Luiz Augusto (Org.). **Eu e o outro na escola**: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola. Cuiabá: Ed. UFMT, 2010. Disponível em: <<http://www.unemat.br/documentos/noticias/noticias.postscript.17112010.084720.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

GUARESCHI, Pedrinho. Representações sociais: alguns comentários oportunos. In: NASCIMENTO-SCHULZE, Célia (Org.). **Novas contribuições para a teorização e**

pesquisa em representação social. Florianópolis: [s. n.], 1996. p. 9-30.
(Coletâneas da ANPEPP, 1)

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. Introdução. In: _____;
_____ (Org.). **Textos em representações sociais.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes,
1995. p. 17-25.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record:** the nature of modern sports. New York:
Columbia University Press, 1978.

IBGE. **Censo demográfico, 2010.** Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>.
Acesso em: 11 fev. 2015.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (Brasil). *Povos indígenas no Brasil.* [S.l., 2012].
Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>.

JODELET, Denise. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA,
Ângela (Org.). **Representando a alteridade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 47-67.

_____ (Org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade,
espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho;
JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais.** 2. ed.
Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 61-85.

KUNZ, Eleonor. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 7. ed. Ijuí, RS:
Ed. Unijuí, 2006.

LANE, Silvia T. M. Usos e abusos do conceito de representação social. In: SPINK,
M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na
perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro:** o que você precisa saber sobre
os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, DF: SECAD; Unesco, 2006.
(Educação para todos, 12)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da
sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.)
Textos em representações sociais. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 89-111.

MOREIRA, Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. **Estudos
interdisciplinares de representação social.** Goiânia: AB Ed., 1998.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público.** Petrópolis, RJ:
Vozes, 2012.

MOSCOVICI, Serge. S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NAÇÕES UNIDAS. **Declaração das Nações Unidas sobre o direito dos povos indígenas**. Brasília, DF: Senado Federal, 2008.

NÓBREGA, Sheva Maia da. Sobre a teoria das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes (Org.). **Representações sociais: teoria e prática**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001. p. 55-87.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O esporte pode tudo**. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época, v. 3).

ROSE JÚNIOR, Dante. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre. Artmed, 1994.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____; ARRUDA, Angela. O estudo das representações sociais no Brasil. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 3, Edição Especial Temática, p. 11-31, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/24121/21516>>. Acesso em: 6 jul. 2014.

SANETO, Juliana Guimarães. **Jogos dos povos indígenas e rituais: diálogo entre tradição e modernidade**. 2012. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza (Coord.) et al. **Representações sociais: questões teóricas e metodológicas**. Trabalho apresentado durante o VIII Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico, Serra Negra, SP, 2000. Disponível em: <<http://www.infocien.org/Interface/Simpos/An08T28.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2014.

SILVA, Maria Cecília de Paula. **Do corpo objeto ao sujeito histórico: perspectivas do corpo na história da educação brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2009.

SPINK, Mary Jane Paris. Representações sociais: questionando o estado da arte. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 166-186, jul./ dez. 1996.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil**. Tradução Angel Bojadsen. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa em representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 149-186.

_____. Sócio-gênese e característica das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998. p. 3-25.

ZOIA, Alceu. A questão da educação indígena na legislação brasileira e a escola, indígenas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOCIEDADE INCLUSIVA PROPOSTAS E AÇÕES INCLUSIVAS: IMPASSES E AVANÇOS, 4, 2006, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006. p. 67-86. Disponível em: <<http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/sem4/095.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2015.